

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 07 | Alípio Correia de Franca Neto: A tensão sonora e religiosa da poética de Hopkins

PÁGINA 10 | Aníbal Gil Lopes: Um poeta inserido no contexto social e religioso de seu tempo

PÁGINA 15 | Paulo Henriques Britto: Um salto poético para a modernidade

PÁGINA 17 | Dirceu Villa: “Poemas únicos, de uma sonoridade extraordinária, para quem sabe ouvir”

PÁGINA 21 | Claudio Daniel: Hopkins: “do cotidiano imediato ao plano cósmico”

PÁGINA 23 | Marcus Alexandre Motta e Thiago Ponce de Moraes: Os poemas de Hopkins são “exercícios de beleza”

PÁGINA 28 | Aurora Fornoni Bernardini: Um poeta revolucionário nas distorções das regras da gramática e da sintaxe

PÁGINA 30 | John Milton: Uma invenção moderna: entre a vida comum e a religiosa

PÁGINA 32 | Wiliam Alves Biserra: Oração e confissão na poesia mística de Hopkins

PÁGINA 36 | Thomas Burns: “Hopkins certamente deve ser encarado como alguém à frente de seu tempo”

PÁGINA 38 | Aníbal Gil Lopes: Uma análise sobre o poema “O naufrágio do Deutschland”

PÁGINA 41 | Alípio Correia de Franca Neto e Augusto de Campos: Antologia de poemas de Gerard Manley Hopkins

B. Destaques da semana

» Livro da Semana

PÁGINA 56 | Vladimir Safatle: Racionalidade cínica, raiz da anomia social

» Teologia Pública

PÁGINA 58 | Johan Konings: Sínodo dos Bispos atualizou o Concílio Vaticano II

» Destaques On-Line

PÁGINA 61 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 65 | Danilo Streck: Dicionário Paulo Freire: mais que instrumento para facilitar a busca de informações

PÁGINA 67 | Carlos Daniel Baioto: Perspectivas e limites de uma Educação Cooperativista Solidária

PÁGINA 69 | Luciana Araújo de Paula: Educação em Direitos Humanos através da fotografia: um meio lúdico de consciência e transformação social



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Quem foi Gerard Manley Hopkins

Gerard Manley Hopkins (Stratford, 28 de julho de 1844 – Dublin, 8 de junho de 1889) foi padre jesuíta e um dos maiores poetas da literatura inglesa. Seu maior poema foi “The wreck of the Deutschland” (“O naufrágio do Deutschland”) (1875). Segundo Augusto de Campos, ele “foi um *inventor*, e dos maiores, dentre aqueles que, ao longo dos tempos, *à margem da margem*, revolucionaram a linguagem poética”, levando “o verso a um grau de radicalização sintático-semântica só comparável ao dos mais ousados simbolistas franceses. Torceu a sintaxe em construções e inflexões inusitadas, criou neologismos e compósitos vocabulares sem precedentes, e inovou a métrica e o ritmo, até chegar à disciplina livre do seu *sprung rhythm* (ritmo saltado ou saltante). Remontando às origens da tradição anglo-saxônica e galesa, reabilitou a aliteração, a assonância e a paronomásia, erigindo tais recursos estilísticos em fatores privilegiados da estruturação do texto”.¹ Para o crítico literário Mário Faustino, Hopkins “chega, em seus diários, cartas e poemas, a toda uma teoria do conhecimento poético e a toda uma química verbal”. E ainda diz: “Qualquer teoria da metáfora encontrará em Hopkins os *exhibits* ideais: em raros poetas estarão as valências, sobretudo lógicas e auditivas, da palavra, tão intimamente relacionadas como na poesia desse pesquisador contaminado, ao mesmo tempo, pelo espírito cientificista do século XIX e pelo misticismo católico (um misticismo realista, prático, no caso jesuítico de Hopkins) de todos os tempos. Poucos poetas de nossa ou de qualquer época trabalharam tanto entre as retortas e provetas da etimologia, da semântica, do autoconhecimento e do cosmoconhecimento por meio do verbo”.² Augusto de Campos, por sua vez, lembra que “Hopkins não conheceu a fama em vida. (...) só teve a sua obra divulgada em livro postumamente, a partir de 1918, pelo também poeta e amigo Robert Bridges, que não chegou, porém, a compreendê-la, tendendo a tomar por defeitos estilísticos as principais inovações do seu interlocutor”.³



1 CAMPOS, Augusto de. Hopkins: a beleza difícil. In: *Hopkins: a beleza difícil*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 13.

2 FAUSTINO, Mário. Química verbal. In: *Artesanatos de poesia: fontes e correntes da poesia ocidental*. Pesquisa e organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 90.

3 CAMPOS, Augusto de. Hopkins: a beleza difícil. In: *Hopkins: a beleza difícil*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 14.

A tensão sonora e religiosa da poética de Hopkins

Na visão do poeta e tradutor Alípio Correia de Franca Neto, Hopkins era um esteta e um asceta, capaz de alcançar uma sonoridade muito singular em seus poemas

POR ANDRÉ DICK

O poeta, tradutor, ensaísta e dramaturgo Alípio Correia de Franca Neto acredita, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, que o trabalho minucioso realizado por Hopkins “no nível do significante exige” exige, na versão para o português, “uma mobilização muito grande de formas e recursos expressivos”. Segundo Alípio, “é tal a intensidade do ‘som’, na poesia dele, que pode-se esquecer a consciência etimológica em alerta constante, a fina rede semântica traçada a cada poema, e cair justamente na mera ‘manipulação das palavras’ que Hopkins reprovava em Swinburne e em outros”. Tradutor de Hopkins – suas traduções podem ser vistas numa pequena antologia nesta IHU On-Line –, Alípio também avalia a ligação do poeta com nomes, como Eliot, Joyce, Keats, John Donne e Pound, entre outros. Há, para ele, em Hopkins, uma tensão ao mesmo tempo religiosa e poética. Nesse sentido, “parece inequívoco que a grande crise da vida de Hopkins se deu em sua passagem do anglicanismo para o catolicismo, com sua decisão subsequente de se tornar padre e jesuíta”.

Alípio recebeu dois prêmios Jabuti de melhor tradução: por *Pomas, um tostão cada* (São Paulo: Iluminuras, 2002), de James Joyce, e *A balada do velho marinheiro* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2005), de S. T. Coleridge. Traduziu também, entre outros, *Música de câmara* (São Paulo: Iluminuras, 1999) e *Exilados* (São Paulo: Iluminuras, 2003), ambos de James Joyce, e *A verdade da poesia* (São Paulo: Cosac & Naify, 2007), de Michael Hamburger. Atualmente, prepara traduções para poemas de Phillip Larkin. É, além disso, doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada, na Universidade de São Paulo (USP).

IHU On-Line - Você pode fazer uma breve retomada biográfica sobre quem foi Gerard Manley Hopkins?

Alípio Correia de Franca Neto - Gerard Manley Hopkins, um dos maiores poetas vitorianos, nasceu em 1844 em Stratford, Essex. Passou pela Highgate School e entrou para o Balliol College, em Oxford, em 1863. Exerceu lá o cargo de expositor, se envolveu em controvérsias religiosas e se converteu ao catolicismo. Durante a graduação, foi professor na escola do Cardeal Newman,¹ o Oratory, perto de Birmingham.

¹ John Henry Newman (1801-1890): bispo anglicano inglês convertido ao catolicismo, posteriormente nomeado cardeal pelo papa Leão XIII em 1879. O processo de beatificação de Newman foi recentemente interrompido, pois o seu cadáver sumiu do túmulo onde se encontrava, no cemitério de Rednal, no condado de

Posteriormente, entrou para a Companhia de Jesus e queimou as cópias dos poemas que havia escrito, como um gesto simbólico de sua dedicação a sua nova vocação. Depois de dois anos aparentemente tranquilos de noviciado em Londres, passou mais três entregue a estudos em Lancashire. Anos depois, estudando teologia no País de Gales, Hopkins voltou a escrever poesia. Em menos de dois anos, escreveu “O naufrágio do Deutschland” (“The wreck of the Deutschland”) e mais de uma dúzia de poemas breves admiráveis. Entre o término de seus estudos de teologia em 1877 e a prorrogação de seu período final de formação na Companhia de Jesus em 1881, assumiu diversos cargos pelo país, de Londres Worcestershire. (Nota da IHU On-Line)

e Oxford a Liverpool e Glasgow. Passou os cinco anos finais de sua vida na Irlanda como professor de literatura grega e latina no então recentemente formado Catholic University College, em Dublin. Foi nesse período que ele se viu assoberbado por trabalhos excessivos, por um sentimento de aflição diante do ódio da Irlanda pela Inglaterra, e também por uma convicção cada vez maior de que não era capaz de realizar nenhuma obra literária de valor. Hopkins morreu de febre tifóide em junho de 1889. Vinte e nove anos depois, o poeta Robert Bridges,² amigo e correspondente, publicou os poemas de Hopkins pela primeira vez. A partir disso, o tempo começaria a lhe fazer

² Robert Bridges (1844-1930): poeta inglês. (Nota da IHU On-Line)

“Os biógrafos identificam uma espécie de ‘tensão’ contínua que marcará toda a vida de Hopkins, advinda do fato de ele ser um esteta e um asceta, com uma consciência cada vez maior de que o último deveria reprimir o primeiro”

justiça, e de imediato se tornaria perceptível que Hopkins fora um poeta que transcendera o seu tempo. Data dessa época sua “canonização” por parte dos poetas e críticos acadêmicos.

IHU On-Line - Como o senhor avalia que Hopkins alia vida e obra em sua trajetória (por exemplo, a ligação entre religião e poesia)? Nesse sentido, quem foram seus principais inspiradores (na literatura e na religião)?
Alípio Correia de Franca Neto - Parece inequívoco que a grande crise da vida de Hopkins se deu em sua passagem do anglicanismo para o catolicismo, com sua decisão subsequente de se tornar padre e jesuíta. Nesse sentido, o Cardinal Newman, com quem Hopkins se entrevistou antes de ser recebido na Igreja Católica, foi por assim dizer o sinal, se não o meio, de sua conversão. Ainda no que diz respeito a religiosos cuja imagem inspiraria Hopkins de alguma forma, pode-se destacar por exemplo a figura de Santo Alfonso Rodrigues,³ o santo católico que por quarenta anos serviu como porteiro no colégio jesuíta em Palma, Maiorca. Hopkins via na vida deste santo um protótipo ou um reflexo de sua própria vida, e o considerava um modelo perfeito de modéstia e obediência, chegando a dedicar a ele um soneto extraordinário. Por outro lado, desde a infância, os biógrafos identificam uma espécie de “tensão” contínua que marcará toda a vida de Hopkins, advinda do fato de ele ser um esteta e um

asceta, com uma consciência cada vez maior de que o último deveria reprimir o primeiro. Essa “tensão” é perfeitamente visível em sua poesia e escritos em prosa. Por isso, o nome de Hopkins se liga à linhagem de poetas religiosos e metafísicos, da poesia inglesa, como Milton,⁴ Blake,⁵ Crashaw,⁶ George Herbert,⁷ Vaughan.⁸

IHU On-Line - Os poemas de Hopkins, publicados apenas depois de sua morte, foram, na sua opinião, referenciais para a poesia moderna e de vanguarda?

Alípio Correia de Franca Neto - Sem dúvida que sim. Seu tratamento da linguagem, carregada de sentido em grau máximo — tem-se a impressão de uma poesia feita à base de “essências” —, seus neologismos, seu trabalho de sondagem etimológica e reverberação semântica não podiam deixar de atrair a atenção dos poetas modernistas da segunda geração, particularmente os assim chamados “três terríveis” — W. H. Auden,⁹ Stephen

4 John Milton (1608-1674): representante do classicismo inglês e autor do célebre livro *O paraíso perdido*, um dos mais importantes poemas épicos da literatura Universal. Foi político, dramaturgo e estudioso de religião. (Nota da IHU On-Line)

5 William Blake (1757-1827): poeta, pintor inglês, sendo sua pintura definida como pintura fantástica, e tipógrafo. (Nota da IHU On-Line)

6 Richard Crashaw (1613-1649): poeta barroco inglês, que fez parte do grupo de poetas metafísicos do século XVII. Sua obra poética, inspirada pelo misticismo espanhol, tem caráter religioso. (Nota da IHU On-Line)

7 George Herbert (1593-1633): poeta e orador inglês. (Nota da IHU On-Line)

8 Henry Vaughan (1622-1695): poeta metafísico britânico. (Nota da IHU On-Line)

9 Wystan Hugh Auden (1907-1973): poeta e crítico inglês. Para os jovens intelectuais de esquerda ele foi a grande voz dos anos 1930: algumas vezes demasiadamente político, sempre implicitamente radical e incômodo, pela

Spender¹⁰ e Cecil Day Lewis.¹¹ Mas não apenas seus poemas. Seus escritos sobre a poesia de seus contemporâneos se alinham de maneira quase exata com os pontos de vista desenvolvidos, cinquenta anos depois de sua morte, pelos melhores poetas e críticos modernos.

IHU On-Line - Hopkins também foi um dos maiores criadores poéticos no que se refere à musicalidade, como quando emprega o *sprung rhythm* (“ritmo saltado”).¹² Poderia estabelecer uma relação entre ele e os românticos (como Keats¹³ e Swinburne¹⁴), simbolistas e modernistas (muitos afirmam que ele antecipa experimentos de Eliot,¹⁵ Pound¹⁶ e Dylan Thomas¹⁷)? Muitos ainda aproximam sua poesia da de John Donne.¹⁸ Como

freqüência com que lançava mão, em seus poemas, de espíões, bordéis e impulsos reprimidos — sua homossexualidade estava por trás de várias referências pessoais, aparecendo insistentemente em sua poesia. (Nota da IHU On-Line)

10 Stephen Harold Spender (1909-1995): poeta, romancista e ensaísta inglês que se debruçou sobre os temas da injustiça social e da luta de classes. (Nota da IHU On-Line)

11 Cecil Day-Lewis (1904-1972): poeta anglo-irlandês e fecundo escritor de romances de mistério, tendo publicado quase duas dezenas, assinados com o nome de Nicholas Blake. Na sua juventude, professou ideais socialistas e foi membro do Partido Comunista Inglês entre 1935 e 1938, razão pela qual a sua poesia dos primeiros tempos está marcada pelo didatismo e pela preocupação com temas sociais. (Nota da IHU On-Line)

12 Trata-se de “uma modalidade de ritmo acentual, em que os pés são formados por uma tônica seguida (ou não) de um número indefinido de átonos (em geral até quatro), permitindo uma grande variedade de comprimento de versos silábicos, mantida, pela acentuação, a equivalência do ritmo”. In: CAMPOS, Augusto de. *Hopkins: a beleza difícil*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 21.

13 John Keats (1795-1821): poeta inglês. (Nota da IHU On-Line)

14 Algernon Charles Swinburne (1837-1909): poeta inglês da época vitoriana, conhecido pela controvérsia gerada no seu tempo pelos seus temas sadomasoquistas, lésbicos, fúnebres e anti-religiosos. (Nota da IHU On-Line)

15 Thomas Stearns Eliot (1888-1965): poeta modernista, dramaturgo e crítico literário britânico-norte-americano. Em 1948, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. (Nota da IHU On-Line)

16 Ezra Weston Loomis Pound (1885-1972): poeta, músico e crítico que, junto com T. S. Eliot, foi uma das maiores figuras do movimento modernista da poesia do início do século XX. Ele foi o motor de diversos movimentos modernistas, notadamente do Imagismo e do Vorticism. (Nota da IHU On-Line)

17 Dylan Marlais Thomas (1914-1953): poeta do País de Gales. (Nota da IHU On-Line)

18 John Donne (1572-1631): poeta inglês.

3 Afonso Rodrigues: nasceu em Segóvia, na Espanha, a 25 de julho de 1533 e morreu, como irmão jesuíta, no dia 30 de outubro de 1617. Foi canonizado a 15 de Janeiro de 1888, juntamente com São João Berchmans, jovem estudante jesuíta. (Nota da IHU On-Line)

avalia essas comparações?

Alípio Correia de Franca Neto - Além de ser um inovador, no que se refere à utilização e criação de recursos de expressividade da língua, Hopkins trabalhou pelo menos dentro de quatro tradições: a aliterativa, a miltoniana, a metafísica e a romântico-keatsiana.

Swinburne não recebe a aprovação irrestrita de Hopkins em suas cartas. Nestas, Hopkins, em sua franqueza habitual, reconhece o fascínio do “gênio surpreendente” de Swinburne, mas, antes de Eliot, percebe que esse “gênio” tinha mais que ver com a simples “manipulação de palavras” do que com a evocação e orquestração de sentidos.

Já a atitude de Hopkins perante Keats parece ambivalente. A influência de Keats é visível em vários poemas – “A vision of nermads” é o exemplo mais flagrante –, mas a vida de “sensações” em vez de pensamentos almejada por Keats parecia detestável a Hopkins, embora este lhe apreciasse a capacidade de observação e caracterização.

No que concerne a Donne, não há nenhuma referência a seu nome nas cartas de Hopkins, que devia evitar sua leitura por questões morais. Apesar disso, não há como não associar Hopkins ao nome de Donne, em virtude dos pontos de contato que há entre a poesia do jesuíta e a dos poetas metafísicos.

No caso de uma suposta influência de Hopkins sobre Eliot, diga-se que este apreciava as inovações rítmicas e técnicas de Hopkins, embora considerasse algumas dessas inovações como “puramente verbais”. Há, contudo, pelo menos um poema – “Soliloquy of one of the spies left in the wildreness” – que antecipa de modo admirável o método empregado por Eliot, por exemplo, em “Journey of the Magi”. Em ambos os poemas, um evento histórico serve de plano de fundo para o registro de uma experiência pessoal, esse evento sendo

John Donne nasceu em uma próspera família católica, algo raro naquela época, pois o sentimento anticatolicismo tomava conta da Inglaterra. Seu pai, também John Donne, era um abastado cidadão de Londres. Em 1576, o pai de Donne morreu subitamente, deixando três filhos sob os cuidados da mãe, Elizabeth, filha do epigramático John Heywood. Os primeiros professores de Donne eram jesuítas. Aos 11 anos de idade, Donne e seu irmão mais novo, Henry, entraram na Hart Hall, na Universidade de Oxford, onde Donne estudou por três anos. (Nota da IHU On-Line)

“Além de ser um inovador, no que se refere à utilização e criação de recursos de expressividade da língua, Hopkins trabalhou pelo menos dentro de quatro tradições: a aliterativa, a miltoniana, a metafísica e a romântico-keatsiana”

reconstruído a partir da óptica de uma personagem secundária (um princípio colhido provavelmente em Browning,¹⁹ seu principal cultor, e desenvolvido posteriormente pelo Pound das *personaes*). Aliás, no caso de Pound e de outros imagistas, as liberdades métricas de Hopkins e as experiências com ritmos da fala levadas a efeito por ele só poderiam ser consideradas aspectos precursores das tendências de então, que tinham no verso livre o seu modelo de expressão. Herbert Read²⁰ chegou a afirmar, a propósito dos melhores cultores do verso livre, que todos derivaram de Hopkins.

Por fim, no caso de Dylan Thomas, diga-se que este partilhou com Hopkins muitas coisas – as imagens “bizarras” e obscuras, o princípio aliterativo, o acentuado gosto pela poesia da natureza. O poema “The force that trough the green fuse drives the flower” é um bom exemplo dessas afinidades.

IHU On-Line - Hopkins seria, para a literatura inglesa, uma espécie de Joyce²¹ da poesia? Sendo um estudioso e tradutor de ambos, quais as aproximações que o senhor faria entre eles?

¹⁹ Robert Browning (1812-1889): poeta e dramaturgo inglês. Foi casado com a poeta Elizabeth Barrett, autora dos famosos *Sonnets from the Portuguese*. Também foi publicado um livro com as cartas trocadas entre os dois. (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Sir Herbert Edward Read (1893-1968): poeta anarquista e crítico de arte e de literatura britânico. Foi nomeado cavaleiro em 1953. Obteve o Prêmio Erasmo em 1966. (Nota da IHU On-Line)

²¹ James Augustine Aloysius Joyce (1882-1941): escritor irlandês expatriado. É amplamente considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos *Dublinenses* (1914) e os romances *Retrato do artista quando jovem* (1916), *Ulisses* (1922) e *Finnegans wake* (1939), o que se poderia considerar um “cânone joyciano”. (Nota da IHU On-Line)

Alípio Correia de Franca Neto - Muitos paralelos podem ser traçados entre Hopkins e Joyce, por mais distintos que eles possam ter sido como escritores ou em termos de visão de mundo. Joyce foi um aluno jesuíta, e possível candidato ao sacerdócio, e Hopkins foi um jesuíta mestre. Os dois passaram boa parte da vida no exílio, Joyce exilado da Irlanda, Hopkins em exílio na Irlanda. Mas esses são paralelos superficiais, já que seus verdadeiros pontos de contato se acham nas técnicas e invenções que ambos imprimiram à linguagem. Anthony Burgess²² lembra que Hopkins ensinou grego no University College, em Dublin, alguns anos antes que Joyce estudasse lá. Não se sabe ao certo quando Joyce fez contato pela primeira vez com a obra de Hopkins, mas em *Finnegans wake*,²³ que é de 1939, há uma referência explícita ao mais famoso poema de Hopkins, “O falcão”, e à técnica do ritmo saltado.

IHU On-Line - Um estudioso do poeta, Jean-George Ritz, chegou a afirmar: “Traduzir Hopkins! Desafio impossível”. Como tradutor de Hopkins, quais são os principais desafios ao se transpor para o português seus poemas? De que modo lidar, por exemplo, com a sonoridade dos poemas dele, tão complexa?

Alípio Correia de Franca Neto - Evidentemente, o trabalho minucioso que Hopkins realiza no nível do significante exige do tradutor uma mobilização muito

²² Anthony Burgess (1917-1993): escritor, compositor e crítico britânico, autor do clássico *Laranja mecânica*. (Nota da IHU On-Line)

²³ No Brasil, *Finnegans wake* foi todo traduzido por Donald Schüler e lançado pela Ateliê Editorial em cinco volumes. Augusto e Haroldo de Campos publicaram fragmentos do livro em *Panorama do Finnegans wake* (São Paulo: Perspectiva, 2001).

grande de formas e recursos expressivos. E também constitui o maior perigo: é tal a intensidade do “som”, na poesia dele, que pode-se esquecer a consciência etimológica em alerta constante, a fina rede semântica traçada a cada poema, e cair justamente na mera “manipulação das palavras” que Hopkins reprovava em Swinburne e em outros. Gostaria de acrescentar apenas que, apesar de não contarmos com um número muito significativo de traduções de poemas e escritos em prosa de Hopkins, temos a sorte de contar com intérpretes do poeta que foram ou são eles mesmos poetas, tradutores e críticos de talento e experiência, como Mário Faustino,²⁴ Augusto de Campos,²⁵ José Lino Grünewald,²⁶ José Paulo Paes,²⁷ Paulo Vizioli²⁸ e Aíla de Oliveira Gomes,²⁹ por exemplo.

24 Mário Faustino (1930-1962): poeta, tradutor e ensaísta brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

25 Augusto de Campos (1931): poeta, tradutor e ensaísta brasileiro. É um dos criadores da poesia concreta, junto com seu irmão, Haroldo de Campos, e Décio Pignatari, que, ao romperem com o Clube de Poesia, lançaram a revista *Noigandres*. Traduziu nomes como Stéphane Mallarmé, James Joyce, Ezra Pound, Vladimir Maiakóvski, Arnaut Daniel e E. E. Cummings, entre outros. Colaborou na revista IHU On-Line número 250, intitulada *Maio de 1968: 40 anos depois*, na editoria Invenção, com a tradução de “Brahma”, de Ralph W. Emerson. Também concedeu a entrevista “Augusto de Campos: em busca da ‘alma’ e da ‘forma’”, sobre o livro *Emily Dickinson: não sou ninguém* (Campinas: Ed. da Unicamp, 2008) na revista IHU On-Line nº 276, de 06-10-2008, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes?* (Nota da IHU On-Line)

26 José Lino Grünewald (1931-1999): poeta, tradutor e crítico de cinema. Publicou, entre outros livros, *Escrever* (2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008) e traduziu *Os cantos* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira), de Ezra Pound. (Nota da IHU On-Line)

27 José Paulo Paes (1926-1998): poeta, tradutor, crítico e ensaísta. Verteu para o português autores de diversas línguas, como Charles Dickens, Joseph Conrad, Pietro Aretino, Konstantinos Kaváfis, Laurence Sterne, W. H. Auden, William Carlos Williams, J.K. Huysmans, Paul Éluard, Hölderlin, Paladas de Alexandria, Edward Lear, Rilke, Seféris, Lewis Carroll, Ovídio. (Nota da IHU On-Line)

28 Paulo Vizioli (1934-1999): professor da Universidade de São Paulo (USP), crítico literário e tradutor de poetas como William Blake, Alexander Pope, S. T. Coleridge e William Wordsworth. (Nota da IHU On-Line)

29 Aíla de Oliveira Gomes (1916-2006): professora de Língua e Literatura Inglesa na UFRJ. Foi tradutora, entre outros livros, de *Emily Dickinson – Uma centena de poemas* (São Paulo: T. A. Queiroz, 1985) e *Poemas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989), de Gerard Manley Hopkins. Muitas de suas traduções são aproveitadas ao longo desta edição dedicada ao poeta inglês. (Nota da IHU On-Line)

Um poeta inserido no contexto social e religioso de seu tempo

Para o médico e padre Aníbal Gil Lopes, os poemas de Hopkins refletem de maneira marcante as posições da Igreja Católica de seu tempo e são uma referência inegável na construção da linguagem moderna

POR ANDRÉ DICK

Gerard Manley Hopkins decidiu, em determinada fase de sua vida, antes de se tornar religioso, queimar todos os seus poemas “por considerar a prática da poesia demasiado individualista e auto-indulgente”. Esta é uma das lembranças do médico e padre Aníbal Gil Lopes, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, em relação à trajetória de Hopkins, um poeta que esteve à frente de seu tempo. Mais tarde, diz Aníbal, é no cardeal John Henry Newman “que Hopkins encontra o exemplo que procurava. É também ele quem, em 1866, recebeu o poeta na Igreja Católica”. Assim, lembra Aníbal, Hopkins, depois de se converter ao catolicismo, “direciona-se ao sacerdócio, ingressando logo depois na Ordem dos Jesuítas”. A sua poesia deve ser analisada, desse ponto de vista, “no contexto de sua vida religiosa”. No entanto, Aníbal lembra que não se deve esquecer que não apenas os estudos clássicos, literários, filosóficos e teológicos formaram Hopkins: “Ao lado de seu noviciado na Companhia de Jesus e dos anos dedicados à docência, não pode ser esquecida sua atividade pastoral, que sempre desempenhou com zelo e dedicação”.

Aníbal Gil Lopes completou, em 1973, o curso médico na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e o curso de Teologia pelo Seminário Arquidiocesano de São Paulo. No mesmo ano, foi ordenado sacerdote católico. Possui graduação em Medicina, pela Universidade de São Paulo, doutorado em Fisiologia de Órgãos e Sistemas, pela Universidade de São Paulo, e pós-doutorado pela Yale University (1984). Além de ser membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, da Comissão Nacional de Pesquisa em Seres Humanos (CONEP), do Conselho Nacional de Saúde, e da Comissão de Bioética da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, é professor do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Sobre a admiração que tem por Hopkins, Aníbal Lopes lembra: “Gostaria de expressar minha gratidão à professora Aíla de Oliveira Gomes, já falecida, que me introduziu à obra de Hopkins, com quem tinha grande afinidade de alma. Dela recebi grande parte de sua biblioteca e quase todos os livros citados. Tradutora de grande sensibilidade, religiosa e contemplativa, possuía a sabedoria, ingenuidade e pureza dos bons”.

DIVULGAÇÃO



IHU On-Line - Como era o ambiente familiar de Gerard Manley Hopkins?

Aníbal Gil Lopes - Nascido em Stratford, Essex, 28 de julho de 1844, Gerard Manley Hopkins era o mais velho dos nove filhos de uma próspera família de classe média, marcada pela religiosidade contemplativa de sua mãe e a curiosidade intelectual de seu pai. Ao lado da literatura, a música e o desenho eram apreciados e cultivados em sua família. No ano anterior ao do nascimento de Gerard, seu pai publicou um livro de versos e dois de seus irmãos se tornaram artistas profissionais. O próprio poeta, cuja primeira ambição foi ser pintor, era exímio desenhista. Esse ambiente aberto às experiências sensoriais o prepara e marca de tal modo que sua obra se manifesta como expressão detalhada e profunda de sensações e sentimentos que atingem uma dimensão mística comparável à de São João da Cruz¹ ou de Santa Teresa D'Ávila.²

A educação de Hopkins: influências e contatos

Quando aluno da Highgate School (1854-1863), Gerard desempenhou papel de liderança entre seus colegas, tendo demonstrado a independência de espírito e abnegação que caracterizaram seu comportamento ao longo de toda a vida. Em 1860 ganhou o Prêmio de Poesia ("O Escorial") e uma bolsa de estudos para o Balliol College, Oxford (1863-1867). Foi nesse período de sua juventude, entre os 16-22 anos de idade, que através da emulação do estilo de Milton, George Herbert, Byron,³

1 João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado "Patrono dos Poetas Espanhóis". Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Confira as *Obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 1996). (Nota da IHU On-Line)

2 Teresa d'Ávila (1515 - 1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. (Nota da IHU On-Line)

3 George Gordon Byron, 6º Barão Byron (1788-1824), mais conhecido como Lorde Byron: destacado poeta britânico e uma das figuras mais influentes do Romantismo. Ele é famoso pelas

Keats, Tennyson,⁴ Swinburne⁵ e Christina Rossetti,⁶ entre outros, dominou a técnica da poesia. Em 1867, recebeu os dois primeiros prêmios concedidos ao término do curso, tornando-se um dos raros "duplo-primeiros". O tutor do College, Benjamin Jowett,⁷ grande intelectual inglês, *Regius Professor* de grego (1855) e teólogo, considerou-o a estrela de Balliol. Sua formação advinda dos estudos clássicos e literários realizados em Oxford não só o prepararam para sua carreira docente como influenciaram todo o seu pensamento e sua poesia. Interessante observar nos seus diários o interesse que revela no estudo da "teoria onomatopéica" da origem da linguagem, detendo-se precocemente na busca do sentido, da sonoridade e da emoção contidos nas palavras e as conexões entre elas, cuja aplicação se manifesta claramente na sua obra madura.

A amizade com Robert Bridges

Ainda, como fruto dos anos passados em Oxford, ocorreu ter conhecido Robert Bridges em 1863. Amigos de vida inteira, Bridges e Hopkins foram um para o outro o leitor primeiro de suas obras, o crítico severo, capaz de, mesmo no limite da compreensão, antever o valor dos escritos do amigo. Certamente, Bridges exerceu importante papel no crescimento intelectu-

seus obras-primas, tais como *Don Juan*. Esse último permaneceu inacabado devido à sua morte iminente. Byron é considerado como um dos maiores poetas europeus. (Nota da IHU On-Line)

4 Alfred Tennyson, primeiro barão de Tennyson (1809-1892): poeta inglês. Estudou no Trinity College, em Cambridge, e viveu longos anos com sua esposa na ilha de Wight por seu amor à vida sossegada do campo. (Nota da IHU On-Line)

5 Algernon Charles Swinburne (1837-1909): poeta inglês da época vitoriana, conhecido pela controvérsia gerada no seu tempo pelos seus temas sadomasoquistas, lésbicos, fúnebres e anti-religiosos. (Nota da IHU On-Line)

6 Christina Georgina Rossetti (1830-1894): poeta inglesa de origem italiana, irmã do pintor Dante Gabriel Rossetti, de William Michael Rossetti e Maria Francesca Rossetti. Seu pai, Gabriele Rossetti, era um poeta italiano e refugiado político do Reino das Duas Sicílias, e sua mãe, Frances Polidori, irmã de John William Polidori, amigo e médico de Byron. (Nota da IHU On-Line)

7 Benjamin Jowett (1817-1893): classicista e teólogo, mestre da Balliol College, Oxford. (Nota da IHU On-Line)

al de Hopkins. Graças aos manuscritos ou cópias por ele conservadas é que a obra de Hopkins foi preservada, publicada e conhecida.

IHU On-Line - Como o senhor avalia que Gerard Manley Hopkins alia vida e obra em sua trajetória (por exemplo, a ligação entre religião e poesia)? A poesia, como dizia Octavio Paz, estaria sempre próxima do sagrado?

Aníbal Gil Lopes - Nascido em um ambiente familiar marcado pela piedade anglicana, a busca da verdadeira Igreja Visível, de certo modo sob a influência dos poetas metafísicos e de Christina Rossetti, levou Hopkins a trilhar uma via ascética. Com afinco, procurou atingir a perfeita castidade de mente e de corpo, tendo em vista os valores maiores do caráter e da santidade, na busca do que ele chamou de beleza imortal (*immortal beauty*). Nessa busca, foi atraído pelo Movimento de Oxford que, iniciado em 1833, ecoava fortemente na Universidade de seu tempo de estudante. O objetivo do Movimento era estabelecer a Autoridade e Catolicidade da Igreja da Inglaterra e nela infundir o espírito medieval de intelectualidade e piedade. Entre os participantes do Movimento, duas tendências se estabeleceram ao longo dos anos. Por um lado, os que tomaram um caminho que os levou ao liberalismo dentro da própria Igreja Anglicana e, por outro, aqueles que se aproximaram da Igreja de Roma, como foi o caso de John Henry Newman (1801-1890), um de seus mais destacados participantes. Seus estudos em história o persuadiram a tornar-se católico romano, tendo sido recebido na Igreja Católica Romana em 1845. Foi criado Cardeal pelo Papa Leão XIII⁸ em 1879. Newman, tanto antes como depois de se tornar católico, escreveu uma série de livros influentes, tendo exercido grande influência tanto na Igreja Anglicana como na Igreja Católica. É nele que Hopkins encontra o exemplo que procurava. É também ele quem, em 1866, recebeu o poeta na Igreja Católica. Convertido ao Catolicismo,

8 Leão XIII (1810-1903): nascido Vincenzo Giocchino Raffaele Luigi Pecci. Foi Papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data da sua morte. (Nota da IHU On-Line)

“Como sacerdote particularmente piedoso, sua vida de oração o levou ao íntimo contato com a Sagrada Escritura e os Padres da Igreja, parte integrante das orações do Ofício Divino e das celebrações litúrgicas”

direciona-se ao sacerdócio, ingressando logo depois na Ordem dos Jesuítas. É como jesuíta que desenvolverá sua obra literária e é nessa condição que sua poesia nasce; portanto, é no contexto de sua vida religiosa que ela poderá ser mais bem compreendida.

Enfim, é apropriada a reflexão de Octavio Paz,⁹ expressa na afirmação de que a poesia está sempre próxima do sagrado, pois ela é uma via privilegiada que, superando o formalismo lógico, atinge, na dinâmica do uso da palavra, o mistério insondável da vida e a expressão do que a supera, ou seja, o sagrado.

Ingresso na Companhia de Jesus

Uma vez convertido ao catolicismo e iniciada sua formação na Companhia de Jesus, os estudos filosóficos e teológicos realizados nas instituições jesuítas lhe proporcionaram uma formação esmerada nessas áreas. Por outro lado, não podemos deixar de atentar para o fato de que não só os estudos clássicos, literários, filosóficos e teológicos formaram Hopkins. Ao lado de seu noviciado na Companhia de Jesus e dos anos dedicados à docência, não pode ser esquecida sua atividade pastoral, que sempre desempenhou com zelo e dedicação. Como sacerdote particularmente piedoso, sua vida de oração o levou ao íntimo contato com a Sagrada Escritura e os Padres da Igreja,¹⁰ parte integrante das orações do Ofício Divino e das celebrações litúrgicas. Em sua poesia ressoa, em muitos

9 Octavio Paz (1914-1998): escritor e diplomata mexicano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1990. (Nota da IHU On-Line)

10 Padres da Igreja: também chamados Pais da Igreja, foram teólogos e mestres da fé dos primeiros séculos do cristianismo, responsáveis em grande parte pela definição das doutrinas cristãs como as conhecemos hoje. (Nota da IHU On-Line)

momentos, a linguagem dos salmos, a dura grandiloquência veterotestamentária e suas teofanias.¹¹ Foi em 1874, quando estudava teologia no norte de Gales, que aprendeu o galês, o que lhe permitiu, mais tarde, adaptar os ritmos da poesia galesa criando o que chamou de *sprung rhythm*.

IHU On-Line - De que modo avalia a consideração de Mário Faustino, para quem Hopkins é um “pesquisador contaminado, ao mesmo tempo, pelo espírito cientificista do século XIX e pelo misticismo católico”?

Aníbal Gil Lopes - Gostaria de iniciar caracterizando um pouco esses dois aspectos da realidade do mundo vitoriano. Por um lado, entre outros desenvolvimentos científicos da época, a teoria da evolução das espécies é apresentada por Darwin¹² e apaixonadamente defendida e propagada por Thomas Henry Huxley,¹³ contemporâneos de Hopkins (1844-1889). O debate inicial se estabelece no âmbito da Igreja Anglicana, sendo famoso o diálogo travado entre Huxley e o arce-

11 Teofania é uma palavra originada do grego “theophâneia” ou “theophania”, composta por Theós, “Deus”, e “phaneroo”, “aparecer”, correspondendo à manifestação de Deus em algum lugar, coisa ou pessoa. (Nota do entrevistado)

12 Charles Robert Darwin (1809-1882): naturalista britânico, proponente da Teoria da Seleção natural e da base da Teoria da Evolução no livro *A origem das espécies*. Em 30-11-2005, a Profa. Dra. Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra *Sobre a origem das espécies* através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida, de Charles Darwin, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto, ela concedeu entrevista à IHU On-Line 166, de 28-11-2005. (Nota da IHU On-Line)

13 Thomas Henry Huxley (1825-1895): biólogo britânico que ficou conhecido como “o Bulldog de Darwin” por ser o principal defensor público da teoria da evolução de Charles Darwin e um dos principais cientistas ingleses do século XIX. (Nota da IHU On-Line)

bispo anglicano Samuel Wilberforce,¹⁴ em junho de 1860, durante reunião da British Association ocorrida em Oxford. Quando, ao ser interrogado pelo arcebispo Wilberforce se descendia de macaco pelo lado materno ou paterno, é narrado que a resposta de Huxley foi: “I would rather be the offspring of two apes than be a man and afraid to face the truth” (“Eu preferiria ser filho de dois macacos a ser um homem com medo de enfrentar a verdade”).

Na esteira do debate provocado por esta e outras descobertas científicas da época é que se cristaliza o cientificismo – doutrina derivada das teses de Spencer,¹⁵ Darwin e Comte,¹⁶ que procura explicar todos os fenômenos exclusivamente por meios científicos, tendo a razão como sua base. O cientificismo considera que o conhecimento científico é o único verdadeiro e real, e que o verdadeiro conhecimento deve ser expresso quantitativamente e deve poder ser repetido experimentalmente sob condições definidas. Reciprocamente, tudo o que pode ser expresso de forma coerente em termos quantitativos, ou pode ser repetido experimentalmente sob condições definidas, é objeto do conhecimento científico e, por isso, válido e aceitável. O cientificismo tem uma concepção mecanicista, formalista ou analista da natureza. Portanto, a partir das leis matemáticas da física das partículas elementares podem ser descritos os átomos, as moléculas e suas combinações; a vida da célula pode ser descrita em termos de moléculas; o pensamento e o espírito (todos os tipos de experiências psíquicas) em termos de circuitos de neurônios. No limite, o universo é uma estrutura particular descrita pela matemática. Nesse contexto, somente a ciência e a tecnologia dela derivada

14 Samuel Wilberforce (1805-1873): tornou-se conhecido pelo debate com Thomas Henry Huxley em 1860, em Oxford, onde era Bispo, sobre o tema “Darwinismo e Sociedade”. (Nota da IHU On-Line)

15 Herbert Spencer (1820-1903): filósofo inglês e um dos representantes do positivismo. Spencer foi um profundo admirador da obra de Charles Darwin. (Nota da IHU On-Line)

16 Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857): filósofo francês, proponente da Sociologia e o fundador do Positivismo. (Nota da IHU On-Line)

podem resolver os problemas do ser humano e só os cientistas possuem a verdade e, assim sendo, somente eles têm qualificações para tomar parte nas decisões. Se um cientista não basta para analisar todos os campos de conhecimento envolvidos em uma dada questão, um conjunto de cientistas o fará.

“As manifestações religiosas eram satirizadas e marginalizadas”

Nesse período, a Igreja Católica foi combatida não só politicamente, dentro das transformações ocorridas na Europa, tais como a reunificação da Itália e o governo anticatólico de Bismarck,¹⁷ como seu corpo dogmático foi questionado pelo racionalismo e cientificismo vigentes. Os intelectuais do final do século XIX e início do século XX ridicularizavam as religiões, que consideravam próximas da extinção, e o próprio Deus, cuja existência era negada. As manifestações religiosas, portanto, eram satirizadas e marginalizadas. Em resposta a essa situação, Pio IX,¹⁸ através da encíclica *Quanta Cura* e do *Syllabus*, promulgada no dia 8 de dezembro de 1864, refutou enfaticamente as várias manifestações do pensamento dessa época, tais como o panteísmo, o naturalismo e o racionalismo, doutrinas seguidas com paixão quase religiosa, típica desse período da história. A resposta prática da Igreja Católica se dá através do Concílio Vaticano I (1869-1879), do qual deriva uma definição clara dos dogmas e uma intensa ação missionária no sentido de fortalecer o sentido religioso, ascético e místico da vida cristã.

Estas observações são importantes para a contextualização na vida intelectual da Inglaterra do Movimento de Oxford, que, nascido dentro da Igreja Anglicana com a finalidade de reformá-la, teve como consequência a restauração da Igreja Católica nesse país.

17 Otto Leopold Eduard von Bismarck-Schönhofen (1815-1898): primeiro-ministro do reino da Prússia (1862-1890), unificou a Alemanha, depois de uma série de guerras, tornando-se o primeiro chanceler (1871-1890) do Império Alemão. (Nota da IHU On-Line)

18 Pio IX (1792-1878): nascido Giovanni Maria Mastai-Ferretti, foi Papa durante mais de 31 anos, entre 16 de Junho de 1846 e a data do seu falecimento. (Nota da IHU On-Line)

“A influência do pensamento do Cardeal Newman foi marcante na Igreja Católica, sendo que muitas de suas proposições podem ser encontradas nos documentos do Concílio Vaticano II, realizado cerca de um século depois. Assim sendo, permite entender melhor a radicalidade da vocação religiosa de Hopkins”

Mais do que isso, a influência do pensamento do Cardeal Newman foi marcante na Igreja Católica, sendo que muitas de suas proposições podem ser encontradas nos documentos do Concílio Vaticano II, realizado cerca de um século depois. Assim sendo, permite entender melhor a radicalidade da vocação religiosa de Hopkins. Seus poemas refletem de modo marcante as posições da Igreja Católica de seu tempo.

Espírito contemplativo e ascético de Hopkins

Paradoxalmente, dentro de uma vida voluntariamente mortificada através da renúncia aos confortos e prazeres, desenvolve sua sensibilidade. Diante da natureza, sua atitude contemplativa,

em tudo reconhecendo as maravilhas do Criador, pode ser entendida como um olhar científico. Em seu diário (*Journal*), que cobre o período entre maio de 1866 e fevereiro de 1875, sobressaem suas observações dos fenômenos naturais, com descrições minuciosas das cores, formas e movimentos, ou seja, a qualidade intrínseca de cada objeto que, captada através dos sentidos, traz o sentido da descoberta e da novidade. Muitas dessas vívidas observações registradas em seu diário ficaram gravadas em sua memória e foram usadas anos mais tarde, com grande precisão, nos poemas de sua maturidade. Com um olhar investigativo, que freqüentemente exige que cunhe ou recrie palavras para expressar o que vê, Hopkins descreve árvores, as ondas que se quebram, as nervuras das geleiras, o distante contorno das montanhas. Avidamente observa o crescimento e a desintegração de tudo, desde uma nuvem até uma flor. Acima de tudo, está interessado naquilo que distingue e individua cada coisa. Ele está sempre atento para descobrir o que dá unidade ao complexo de características que constituem o reflexo externo da natureza interior das coisas. Reflexos dessa contemplação se traduzem muitas vezes através de desenhos nos quais registra a individualidade dos seres no conjunto universal. Se, por um lado, sua obra é a mais viva expressão da poesia mística católica de seu tempo, por outro, sua análise da realidade parte da observação quase que científica dos fenômenos naturais, traindo a influência do cientificismo de seu tempo. Estas observações são indissociáveis da gênese dos termos *inscape* e *instress*, por ele tão utilizados.

O espírito contemplativo e ascético de Hopkins cria um espaço abissal onde ele vive sua fé. É nessa perspectiva centrada em Deus que, com sua sensibilidade acurada e refinada, debruça-se sobre a natureza e reconhece seus detalhes, e com ouvidos musicais escuta a melodia das palavras, o que lhe permite usá-las na perspectiva de que seu som insinua um pouco do que significa. Na contemplação da perfeição e da beleza da natureza Hopkins vê a manifestação maravilhosa do Criador. Nela encontra-se com Deus. O grande número de obras inacabadas denota seu senso de perfeição nos detalhes e sua dispersão, gerada pelas

capacidades múltiplas e múltiplos interesses de uma inteligência privilegiada.

Como posto na pergunta, com razão afirma Mário Faustino que Hopkins é um “pesquisador contaminado, ao mesmo tempo, pelo espírito cientificista do século XIX e pelo misticismo católico”.

IHU On-Line - Como explicaria o fato de Hopkins ter negado a atividade poética, chegando a destruir seus poemas e ter deixado de escrever por sete anos para depois retornar com a criação de uma poesia inovadora e forte?

Aníbal Gil Lopes - Dentro do mundo victoriano em transformação, a dimensão religiosa foi de fundamental importância para Hopkins. Desde muito antes de sua conversão ao catolicismo, Hopkins enfrentou intensa luta interior, típica dos grandes místicos, o que o levou, em muitas ocasiões, a um estado de desolação e de depressão. Em 1865, escreveu que, para ele, a oração era “a warfare of my lips in truth / Battling with God (“uma guerra de meus lábios na verdade / enfrentando Deus”).

É nessa perspectiva que pode ser entendido o fato de ter sacrificado deliberadamente suas ambições artísticas antes de ingressar na Companhia de Jesus, queimando seus primeiros poemas, por considerar a prática da poesia demasiado individualista e auto-indulgente. Ao menos três passagens de seu Diário (1867-1868) permitem concluir que foi após uma longa reflexão que decidiu destruir as cópias que possuía de seus próprios poemas. Em carta enviada a Bridges no dia 7 de agosto, exatamente um mês antes de sua entrada no noviciado dos jesuítas, ele escreve: “I cannot send my Summa for it is burnt with my other verses: I saw they wd. Interfere with my state and vocation” (“Eu não posso enviar minha Summa porque foi queimada com meus outros versos: eu vi que eles iriam interferir no meu estado e vocação”).¹⁹ Uma nota de rodapé na mesma página afirma que por sete anos permaneceu fiel a essa resolução, tendo escrito unicamente: “two or three little presentation pieces which occasion called for” (“duas ou três pequenas peças

¹⁹ *The letters of Gerard Manley Hopkins to Robert Bridges*, ed. Claude Collier Abbott. 2. revised impression, London and New York, 1955, p. 24. (Nota do entrevistado).

de apresentação que as circunstâncias exigiram”).

Todavia, o estudo das obras do franciscano Johannes Duns Scotus,²⁰ em 1872, lhe permitiu entender que sua poesia não estava necessariamente em conflito com os princípios religiosos. Conhecido como “O Doutor Sutil”, Scotus acentua a separação entre fé e razão, sustentando que o objeto da teologia é Deus enquanto tal, e o da metafísica, o ser enquanto ser. A metafísica não pode conhecer Deus como Deus, mas apenas como ser, o qual não é uma forma vazia, mas realidade que inclui certas propriedades, como os modos, que são determinações intrínsecas possíveis, cujos primeiros tipos são “finito” e “infinito”. Para o filósofo, provar a existência de Deus como ser é provar a existência do infinito. Duns Scotus contesta o argumento ontológico de santo Anselmo²¹ e admite a prova *a posteriori* da existência de Deus, partindo, porém, não dos objetos sensíveis, mas das modalidades do ser. Argumentou (ao contrário de S. Tomás de Aquino²²) que determinado indivíduo e objetos neste mundo eram as únicas coisas que o homem poderia conhecer diretamente, e, depois, apenas através da quiddidade de cada objeto (quiddidade, que é *haecceitas* em latim e *thisness* em inglês, designa a essência de uma coisa, ou mesmo as suas qualidades especiais). Esta idéia, por sinal, foi usada por Hopkins na elaboração do conceito de *inscape*.

IHU On-Line - O senhor poderia explicar esse conceito de *inscape*? Há uma ligação desse conceito com a

²⁰ Johannes Duns Scotus (1265-1308): pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. (Nota da IHU On-Line)

²¹ Anselmo de Cantuária (1033/1034-1109), nascido Anselmo de Aosta (por ser natural de Aosta, hoje na Itália), e também conhecido como Santo Anselmo: influente teólogo e filósofo medieval italiano de origem normanda. Foi arcebispo de Cantuária entre 1093 e 1109 (sucendo a Lanfranco, também um italiano) e é considerado o fundador do escolasticismo e criador do argumento ontológico a favor da existência de Deus. (Nota da IHU On-Line)

²² São Tomás de Aquino (1225-1274): frade dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. (Nota da IHU On-Line)

imagética literária ou acredita que ele se volta a uma ontologia estritamente de Hopkins?

Aníbal Gil Lopes - Como acabei de afirmar, *inscape* é um conceito derivado por Hopkins das idéias do filósofo medieval Duns Scotus expressas no termo *haecceitas*, ou seja, a qualidade única e distintiva, inerente a uma coisa. Hopkins acreditava que tudo no mundo era caracterizado por *inscape* e, por sua vez, *inscape* era aquilo que delineava a dinâmica da identidade individual, nunca estática. Este conceito está em harmonia com a noção de que Deus é o Criador infinitamente inventivo que não faz duas coisas iguais. Hopkins considera que os seres humanos, por serem os mais altamente individualizados, podem reconhecer o *inscape* em outros seres do mundo através de um processo chamado *instress*. Mais ainda, para reconhecer o *inscape* de um ser através do *instress*, é necessária uma intervenção divina. *Inscape* e *instress* desempenham, portanto, um importante papel na poética de Hopkins.

OBRAS CONSULTADAS

>> *The poems of Gerard Manley Hopkins*. Edited by W.H. Gardner and N.H. MacKenzie, 4th. Edition, revised and enlarged. Oxford University Press, Oxford, 1984.

>> *The letters of Gerard Manley Hopkins to Robert Bridges*. Edited with notes & an Introduction by Claude Collier Abbott. Oxford University Press, Amen House, London, Second Revised Impression, 1955.

>> *Gerard Manley Hopkins Poems and prose*. Selected with an introduction and notes by W. H. Gardner, Penguin Books, Middlesex, England, 1953, reprinted 1984.

>> *Gerard Manley Hopkins – A critical essay towards the understanding of his poetry*. W.A.M. Petters, S.J. Geoffrey Cumberland, Oxford University Press, London, 1948.

>> *Gerard Manley Hopkins, priest and poet*. John Pick, Oxford University Press, London, 1966.

>> *Hopkins*. Norman H. MacKenzie, Oliver and Boyd, London, 1968.

>> *Gerard Manley Hopkins*. Francis Noel Lees, Columbia Essays on Moderns Writers, 21, Columbia University Press, New York, 1966.

>> *The wreck of Deutschland – An essay and commentary*. John E. Keating, Kent State University Bulletin, Kent, Ohio Research Series VI, Folcroft Library Editions, 1976.

>> *Gerard Manley Hopkins, Poemas*. Tradução e Introdução de Aila de Oliveira Gomes. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

>> *Hopkins: cristal terrível*. Gerard Manley Hopkins – Augusto de Campos. Edição bilingüe. Editora Noa Noa, Ilha de Santa Catarina, 1991.

Um salto poético para a modernidade

Segundo o poeta e tradutor Paulo Henriques Britto, Hopkins preparou o modernismo para outros poetas

POR ANDRÉ DICK

Falando sobre a melodia musical da poesia de Hopkins, o poeta e tradutor Paulo Henriques Britto, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, avalia que ele “criou um sistema complexo, que incluía até mesmo uma notação acentual para indicar em cada verso quais os acentos que deveriam ser considerados para fim de escansão e quais os que deviam ser tratados como sílabas átonas num dado verso”. Segundo ele, por consequência, “essa atitude de intervir no sistema poético, introduzindo inovações conscientemente pensadas, aproxima Hopkins dos poetas de vanguarda do século XX”. Entre outros aspectos, Paulo Henriques aborda a diferença entre o catolicismo de Hopkins e o de T. S. Eliot, e analisa que Hopkins antecipa os poetas modernos: “Ele cria elementos formais novos com plena consciência do que está fazendo, e escreve textos explicando o que está fazendo e por que o está fazendo. O que o diferencia de um modernista como Pound é que ele não intervém diretamente na vida literária – seus escritos teóricos são privados, e só foram divulgados postumamente, no século seguinte”.

Paulo Henriques Britto possui graduação em Língua Inglesa e Portuguesa e mestrado em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde, atualmente, trabalha como professor. Como poeta, publicou, entre outros, os livros *Mínima lírica* (São Paulo: Duas Cidades, 1989), *Macau* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003) e *Tarde* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007). Como tradutor de poesia, verteu para o português poemas de Elizabeth Bishop, em *Poemas do Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) e *O iceberg imaginário e outros poemas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001); de Wallace Stevens, em *Poemas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987); e de Ted Hughes, em *Cartas de aniversário* (Rio de Janeiro: Record, 1999).

IHU On-Line - Tendo traduzido poetas do alto modernismo norte-americano, como Elizabeth Bishop e Wallace Stevens, quais são as características de Hopkins que antecipam a chamada modernidade, na sua opinião?

Paulo Henriques Britto - Hopkins foi acima de tudo um inovador formal. Ele levou a lógica da métrica inglesa às últimas consequências. Para explicar o que ele fez, vou ter que entrar um pouco em questões técnicas. Mas é claro que será necessário fazer algumas simplificações drásticas.

Enquanto na maioria dos idiomas neolatinos, como o português, o espanhol e o italiano (o francês é um caso à parte), a contagem de sílabas é o elemento principal da versificação e a distribuição de acentos no verso é o

segundo elemento mais importante, no inglês a situação é exatamente o contrário: a contagem e distribuição de acentos é o elemento mais importante, enquanto a contagem de sílabas ocupa o segundo lugar. Assim, no português, o fundamental no decassílabo é que ele tenha dez sílabas, havendo dois ou três padrões básicos de distribuição de acentos – o heróico, o sáfico, o martelo-agalopado – que vão subcategorizar esse verso. Já no inglês, o pentâmetro jâmbico é um verso formado por cinco jambos, sendo o jambo um pé – a unidade mínima da métrica inglesa não é a sílaba, e sim o pé – formado por uma sílaba átona seguida por uma acentuada. Em princípio, pois, o pentâmetro jâmbico teria dez sílabas (cinco pés de duas sílabas cada), mas o que é mais

importante não é ele ter dez sílabas, e sim a presença de cinco acentos principais. Pouco importa que haja nove ou onze ou até doze sílabas, desde que o número de acentos seja cinco.

A radicalização de Hopkins

O que Hopkins fez foi radicalizar a lógica do sistema: se o que importa é a presença de cinco acentos, então contemos apenas as sílabas acentuadas e permitamos um número indefinido de sílabas átonas entre as acentuadas. É essa a base do *sprung rhythm*, que representa de certo modo uma volta às raízes: pois na poesia anglo-saxã só se contavam os acentos, não as sílabas. Para esclarecer um pouco a questão, pensemos numa forma bem primitiva de *sprung rhythm*



DIVULGAÇÃO

que pode ser encontrada nas canções de roda e na poesia infantil portuguesas. Sejam os versos abaixo:

Um, dois,
Feijão com arroz

Em termos de contagem de sílabas, o primeiro verso tem duas e o segundo tem quatro sílabas métricas (fei-jão-c'oa-rroz). Mas se contarmos só os acentos, os dois versos são rigorosamente iguais, pois em cada um há apenas dois acentos; e assim eles são tratados nesse contexto:

UM, DOIS,
FeiJÃO com aRROZ

Hopkins criou um sistema complexo, que incluía até mesmo uma notação acentual para indicar em cada verso quais os acentos que deveriam ser considerados para fim de escansão e quais os que deviam ser tratados como sílabas átonas num dado verso. Ora, essa atitude de intervir no sistema poético, introduzindo inovações conscientemente pensadas, aproxima Hopkins dos poetas de vanguarda do século XX.

IHU On-Line - Você realiza uma análise aprofundada sobre a tradução de Augusto de Campos para Hopkins no volume *Sobre Augusto de Campos*.¹ Quais seriam as principais características que Augusto mais preserva dos originais de Hopkins? Em termos de sonoridade, tão destacada também por um artigo de Mário Faustino, na sua página Poesia-experiência, por exemplo, o que este poeta legou à literatura?

Paulo Henriques Britto - O que é extraordinário nas traduções de Augusto de Campos é que, na medida do possível, ele recupera as características formais da poesia de Hopkins (que, como o exemplo de “Um, dois / feijão com arroz” deixa claro, não são incompatíveis com a prosódia portuguesa) sem descuidar do sentido. É claro que ele é obrigado a tomar liberdades nos dois planos, e a omitir alguns elementos, mas no cômputo geral ele consegue recriar em português o que há de fundamental em Hopkins.

1 GUIMARÃES, Júlio Castanõn; SÜSSEKIND, Flora (Orgs.). *Sobre Augusto de Campos*. Rio de Janeiro: 7Letras; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

“Hopkins levou a lógica da métrica inglesa às últimas conseqüências. Para explicar o que ele fez, vou ter que entrar um pouco em questões técnicas. Mas é claro que será necessário fazer algumas simplificações drásticas”

Tal como no original, na tradução de Augusto de Campos a contagem básica é de acentos e não de sílabas; abundam as aliterações e assonâncias; e até mesmo as palavras-valise de Hopkins – um recurso que em português não funciona tão bem quanto no inglês – encontram boas soluções.

A religião em Hopkins e em T. S. Eliot

Tirando o fato de que os dois poetas partem do anglicanismo e migram para o catolicismo, acho a religiosidade deles muito diferente. Em Hopkins há um conflito terrível entre um forte impulso estético-erótico (que tem um óbvio componente homossexual) e a vocação sacerdotal, uma tensão emocional que não tem equivalente em Eliot. O catolicismo de Eliot me parece acima de tudo um posicionamento ideológico, intelectual, assumido de modo mais pensado. Além disso, a poesia eliotiana não tem uma carga erótica muito intensa. Se o corpo humano em Hopkins é uma presença luminosa, encarnação do belo, e ao mesmo tempo terrível, por conter a possibilidade do pecado, em Eliot o corpo é quase sempre ridículo (veja-se o anti-herói de “Prufrock”) ou repulsivo (pensem nas figurações do corpo em

“Preludes”). Creio que são dois grandes poetas religiosos muito diferentes.

IHU On-Line - Alguns estudiosos vêem Hopkins como um poeta barroco, outros como um romântico, mesmo que mais ousado, outros como um antecipador de conquistas da vanguarda. Há algum aspecto que o defina melhor, ou ele seria a soma dessas personas, ou ainda estaria ele, simplesmente, além de sua época?

Paulo Henriques Britto - Acho que o melhor é vê-lo como um protomodernista, ao lado de Whitman,² Baudelaire,³ Rimbaud⁴ e Dickinson,⁵ um dos criadores do que viria a ser a poesia moderna. Só que não foi tão influente quanto esses quatro poetas citados. O que faz dele um protomodernista é a sua atuação como inovador autoconsciente: ele cria elementos formais novos com plena consciência do que está fazendo, e escreve textos explicando o que está fazendo e por que o está fazendo. O que o diferencia de um modernista como Pound é que ele não interviém diretamente na vida literária – seus escritos teóricos são privados, e só foram divulgados postumamente, no século seguinte. A obra de Hopkins é pequena. Seu poema mais ambicioso é “The wreck of the Deutschland” (“O naufrágio do Deutschland”), mas pessoalmente acho o mais extraordinário da sua obra a série dos “sonetos terríveis”. É um punhado de obras-primas incomparáveis, de grande intensidade emocional e engenhosidade formal. Não sou, de modo algum, uma autoridade em matéria de Hopkins, apenas um leitor apaixonado de sua poesia.

2 Walt Whitman (1819-1892): poeta norte-americano. (Nota da IHU On-Line)

3 Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. (Nota da IHU On-Line)

4 Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891): poeta francês. Na maioria das vezes, a história de Rimbaud é apresentada como principal ponto de partida para a leitura de sua obra, o que torna quase impossível olhar-se a obra de Rimbaud com olhos livres. (Nota da IHU On-Line)

5 Emily Dickinson (1830-1886): poeta norte-americana. O poeta Augusto de Campos concedeu uma entrevista sobre *Emily Dickinson: não sou ninguém*, intitulada “Augusto de Campos: em busca da ‘alma’ e da ‘forma’”, na revista IHU On-Line nº 276, de 06-10-2008. (Campinas: Editora da Unicamp, 2008). (Nota da IHU On-Line)

“Poemas únicos, de uma sonoridade extraordinária, para quem sabe ouvir”

As inovações de Hopkins trouxeram uma grande contribuição para que o ritmo poético fosse visto de maneira diferente, diz o poeta e tradutor Dirceu Villa

POR ANDRÉ DICK

“Hopkins acabou fazendo muitas coisas ao mesmo tempo: despertou um uso aliterativo que havia se apagado sob a acusação de rudeza; ajudou a desmontar os usos convencionais da métrica inglesa antes das marretadas modernas; serviu, com Whitman, para dar exemplo de prosódias alternativas que não haviam sido tentadas; e confeccionou poemas únicos, de uma sonoridade extraordinária, para quem soubesse ouvir”, considera o poeta e tradutor Dirceu Villa, recuperando boa parte da tradição a que pertence Hopkins: a dos poetas modernos que conseguiram inovar. Villa realiza um apanhado, nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, sobre as ligações de Hopkins com outros poetas, entre os quais John Herbert, William Carlos Williams, Pound e Mallarmé. Avalia, ainda, as diferenças quanto à religiosidade entre Hopkins e Rimbaud, além da sua posição mística, numa comparação com Mallarmé.

O poeta Dirceu Villa escreveu, entre outros, os livros *Descort* (São Paulo: Hedra, 2003) e *Icterofagia* (São Paulo: Hedra, 2008). Editou e publicou a revista de arte *Gargântua* e, atualmente, escreve sobre literatura, tradução e arte para a revista virtual *Germina Literatura*. Traduziu e anotou o livro de poemas *Lustra*, de Ezra Pound (2003, inédito), além de ter escrito prefácios para *Contos indianos* (São Paulo: Hedra, 2006), de Stéphane Mallarmé, *A trágica história do doutor Fausto* (São Paulo: Hedra, 2006), de Christopher Marlowe, *O spleen de Paris* (São Paulo: Hedra, 2007) e *Escritos sobre arte* (São Paulo: Hedra, 2008), ambos de Charles Baudelaire. Lecionou poesia na extensão universitária da Universidade de São Paulo (USP) e na Casa das Rosas, Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Cultura. Atualmente, desenvolve tese de doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, sobre as idéias italianas do século XV na poesia inglesa do século XVI.

IHU On-Line - Como vê a importância de Hopkins na poesia moderna, mesmo não sendo *stricto sensu* um modernista, em relação aos poetas simbolistas, por exemplo, cultores, como ele, de uma poesia musical?

Dirceu Villa - Hopkins tem uma importância muito definida em dois aspectos que são fundamentais a toda poesia escrita e falada: o som e as imagens. No som, porque recuperou, ainda que de um modo bem pouco compreendido em sua época, algumas matrizes da

poesia inglesa, que eram anglo-saxãs e tiveram seu uso reduzido drasticamente mais ou menos a partir de Thomas Wyatt¹ tentar soar *dolce* como os italianos que imitava, no século XVI.

Havia um entendimento, que recua até Dante, no mínimo, e seu tratado *De Vulgari Eloquentia*, de se escolher a *dulcior loquela*. Um século depois da completa consumação de todas as experiências posteriores a essa exigência

¹ Sir Thomas Wyatt (1503-1542): poeta lírico inglês do século XVI. (Nota da IHU On-Line)



VALERIA GARCIA DE OLIVEIRA

na Itália (e com isso eu quero dizer o século XVI), a Inglaterra recebeu uma onda de material italiano que propunha aos elegantes que suavizassem a rudeza de seu idioma, para torná-lo mais flexível às delicadezas do pensamento. Essa é a cultura que obviamente deságua em Shakespeare.²

Isso afastava os novos poetas da ma-

² William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo e poeta inglês, amplamente considerado como o maior dramaturgo da língua inglesa e um dos mais influentes no mundo ocidental. (Nota da IHU On-Line)

triz anglo-saxã e de Chaucer,³ que só começou a ser recuperado quando Dryden,⁴ em prefácios às traduções de Virgílio⁵ e Ovídio,⁶ sugere que ele não é tão ruim assim. E vemos que mesmo Hopkins, no século XIX, causava um grande incômodo puxando essa ancestralidade mal resolvida. Não apenas por isso, claro, ele foi um poeta muito específico, que queria coisas muito específicas da poesia, mas parte de sua dificuldade era lingüística-mente estabelecida.

Curiosamente, como destaca Augusto de Campos no livro *Verso reverso controverso*,⁷ e a partir da leitura de Gustav René Hocke,⁸ Hopkins teria partido de italianos marinistas,⁹ como Leporeo¹⁰ e Groto,¹¹ que levavam uma cacofonia sonora às últimas conseqüências. Então a língua inglesa também seria devolvida à aliteração e à “rispidez” anglo-saxã por italianos, assim como havia

3 Geoffrey Chaucer (1343-1400): escritor, filósofo e diplomata inglês. É comum ser-lhe atribuído o título de Pai da Literatura Inglesa. Sua principal obra, *The canterbury tale*, é uma das mais importantes da literatura inglesa medieval. (Nota da IHU On-Line)

4 John Dryden (1631-1700): poeta, crítico literário e dramaturgo inglês que dominou a vida literária na Inglaterra durante a Restauração. (Nota da IHU On-Line)

5 Públio Virgílio Marão (70 a.C.- 19 a.C.): poeta romano. Foi considerado ainda em vida como o grande poeta romano e expoente da literatura latina. Seu trabalho foi uma vigorosa expressão das tradições de uma nação que urgia pela afirmação histórica, saída de um período turbulento de cerca de dez anos, durante os quais as revoluções prevaleceram. (Nota da IHU On-Line)

6 Ovídio: foi um poeta latino, que influenciou com seus versos, cheios de suavidade e harmonia, autores tão diversos como Dante, Milton e Shakespeare. (Nota da IHU On-Line)

7 CAMPOS, Augusto de. *Verso reverso controverso*. 2. ed. revista. São Paulo: Perspectiva, 1988. (Nota da IHU On-Line)

8 Gustav René Hocke (1908-1985): nascido em Bruxelas, foi um jornalista e escritor independente. Ele trabalhou como correspondente estrangeiro em Roma para vários jornais e revistas, ao mesmo tempo produzindo uma extensa obra literária, que é de grande importância, especialmente para a arte e a literatura históricas. Um de seus livros principais é *Maneirismo in der Literatur* (Hamburgo: Rowolth, 1959). (Nota da IHU On-Line)

9 Marinistas são os adeptos ou partidários do marinismo, corrente literária italiana situada a partir do final do século XVI que teve como protagonista Giambattista Marino, que deu o nome ao movimento. O marinismo ganhou fama com uma polêmica violenta sobre o lugar da literatura barroca entre estes escritores e seus oponentes. (Nota da IHU On-Line)

10 Ludovico Leporeo: poeta italiano do século XVII. (Nota da IHU On-Line)

11 Luigi Groto (1541-1581): poeta italiano do século XVI. (Nota da IHU On-Line)

antes sido afastada dela por italianos.

IHU On-Line - Qual seria a ligação de Hopkins com os poetas metafísicos, como John Donne? Estaria certo Mário Faustino ao apontar que em ambos os trabalhos a poesia é “ardente, profética e chocante, surpreendente e altissonante”?

Dirceu Villa - Não penso tanto em John Donne, mas em George Herbert. Quando estava escrevendo meus ensaios de mais fôlego para a revista virtual *Germina*, há um ou dois anos, pensava por vezes em escrever um ensaio triangulando George Herbert, Gerard Manley Hopkins e William Carlos Williams.¹² Esses três dariam um belo ideograma sobre coisas específicas da poesia de língua inglesa.

Os dois primeiros têm uma característica em comum: a poesia religiosa, que representa um fervor muito peculiar, que é como um El Greco,¹³ que representa o êxtase deformando suas figuras extáticas: Herbert em seus melhores poemas deforma tanto a relação entre suas imagens (proporcionalmente, é claro, não estamos falando de um moderno), que os poemas, para a nossa sensibilidade atual, se sobressaem, têm um interesse retrospectivamente “novo”. Um poema de Herbert em que se percebe nitidamente a relação com Hopkins é “Prayer”, publicado em *The temple*, de 1633. Vejamos as duas primeiras estrofes:

Prayer: the Church's banquet, angels' age, / God's breath in man returning to his birth, / The soul in paraphrase, heart in pilgrimage, / The Christian plummet sounding heaven and earth; / / Engine against th' Almighty, sinners' tower, / Reversed thunder, Christ-side-piercing spear, / The six-days world transposing in an hour, / A kind of tune, which all things hear and fear.¹⁴

12 William Carlos Williams (1883-1963): um dos principais poetas do modernismo norte-americano, autor de, entre outros livros, *Paterson*. (Nota da IHU On-Line)

13 Doménikos Theotokópoulos, mais conhecido como El Greco (1541-1614): foi um pintor, escultor e arquiteto grego que desenvolveu a maior parte da sua carreira na Espanha. Assinava suas obras com o nome original, ressaltando sua origem. (Nota da IHU On-Line)

14 “Oração: o banquete da igreja, idade dos anos, / O fôlego de Deus no homem retornando a seu nascimento, / A alma em paráfrase, coração em peregrinação, / O prumo cristão sondando os céus e a terra. / / Máquina contra o Todo-Poderoso, torre dos pecadores, / Trovão invertido.

Um poema peculiaríssimo, todo ele. Com expressões como “Christ-side-piercing spear”, imagens recortadas umas das outras quase numa *collage*.

Com Hopkins é parecido, mas Hopkins pertence a um século em que a percepção já começava a se modificar, e ele me parece que tinha suas antenas bem sintonizadas, de modo que sua linguagem soa muito estranha, como linguagem, ainda hoje, para qualquer leitor não familiarizado com poesia *como linguagem*. Robert Bridges, poeta bem mais convencional, e amigo de Hopkins, não entendia nada do que ele estava fazendo. E esse de fato é mais um daqueles casos de uma amizade que extrapola o entendimento da atividade do amigo e se instala numa dimensão de respeito e afeição.

Williams, diferente de ambos, sobretudo porque não partilha uma visão de mundo estruturadamente religiosa, teológica portanto, usará, por outro lado, a parte da experiência com o *sprung rhythm* com uma sutileza que o aproxima (e distancia, numa relação muito pensada) da fala das pessoas nos EUA, ou ao menos de um estrato de pessoas atento aos usos da língua. Mas nota-se a fecundidade da coisa para uma história da sonoridade da poesia de língua inglesa.

É evidente que uma história completa do assunto incluiria algumas discussões sobre Chaucer e a poesia aliterativa anglo-saxã, ou as pressuporia.

IHU On-Line - De que modo interpreta a ligação de Hopkins com a religião? Na opinião de Hopkins, os poetas tinham uma “alma elevada”, ou seja, precisavam ser seres humanos especiais. Como avalia esse aspecto em sua obra? É preciso aproximar a poesia do sagrado, como sugeria Octavio Paz? E como essa religiosidade se afasta de outros poetas modernos, como Rimbaud?

Dirceu Villa - Não exatamente do sagrado, mas do *simbólico*. O sagrado é ritualístico e está colado a crenças poderosas, é reverencial. O simbólico é aquilo

Lança que trespassa o lado de Cristo, / O mundo de seis dias transpondo-se numa hora, / Uma espécie de melodia, que todas as coisas ouvem e temem”. (Nota da IHU On-Line)

que se solta das experiências imediatas e encontra um reduto de permanência carregada de sentido transmissível, comunicável.

Nesse caso do Hopkins, é claro, o simbólico tem uma confluência com a religiosidade, com o que estamos pouco acostumados atualmente, já que os nossos valores são muito pouco simbólicos. E nem há muito interesse por poesia também, já que se tornou uma coisa de difícil leitura para os nossos padrões.

Hopkins cria aquele conceito de *inscape*, que é uma espécie de paisagem ou visão interna, que talvez partilhe algo daquela concepção renascentista do *disegno interno*, que está tanto na filosofia neoplatônica de Marsilio Ficino¹⁵ quanto no modo de Michelangelo¹⁶ entender o próprio trabalho de escultor.

O conceito de Hopkins é muitíssimo interessante, mais amplo e complexo do que a “inspiração”, porque procura descrever uma percepção artística diferenciada de uma percepção comum. A inspiração soa à banalidade porque é mais ou menos como um tique que cutuca o autor de vez em quando. *Inscape* não, propõe uma perspectiva específica que se aprofunda e varia com o uso. Mas está à parte de uma idéia decididamente religiosa, ou lhe é paralela, porque seria comum a todo grande artista, quer dizer, todo artista tem a sua *inscape*.

IHU On-Line - Em relação a outros poetas de língua inglesa, apesar de sua obra breve, Hopkins tem importância? Por que ele se destaca numa literatura que contém autores tão fortes? Em que aspectos ele inova a tradição (em termos de ritmos e imagens)?

Dirceu Villa - Ele importa pelas *dimensões* em que se inscreve. Na verdade, acho Hopkins um autor muito forte, nesse sentido de *intensidade* que a palavra sugere, mas não muito amplo,

15 Marsilio Ficino (1433-1499): filósofo italiano, é o maior representante do Humanismo florentino. Juntamente com Giovanni Pico della Mirandola, está na origem dos grandes sistemas de pensamento renascentistas e da filosofia do século XVII. Traduziu obras de Platão e difundiu suas idéias. (Nota da IHU On-Line)

16 Michelangelo (1475-1564): pintor, escultor, poeta e arquiteto renascentista italiano. (Nota da IHU On-Line)

“Hopkins tem uma importância muito definida em dois aspectos que são fundamentais a toda poesia escrita e falada: o som e as imagens. No som, porque recuperou, ainda que de um modo bem pouco compreendido em sua época, algumas matrizes da poesia inglesa, que eram anglo-saxãs e tiveram seu uso reduzido drasticamente mais ou menos a partir de Thomas Wyatt tentar soar *dolce* como os italianos que imitava, no século XVI”

nessa possível definição, e que trouxe para a poesia de língua inglesa essa “inovação” bastante *pro domo*.

Com isso eu quero dizer: funciona sobretudo para leitores de língua inglesa, que poderão aproveitar suas experiências. Como, aproximadamente no nosso caso, Odorico Mendes¹⁷ em suas traduções ousadas do grego e do latim. Funciona para nós, leitores da língua portuguesa: lemos como ele traz para a língua que usava no século XIX características arcaicas de suas origens, potencializando o efeito de deslocamento no leitor pelo enxerto direto de latim em neologismos (e propondo até mesmo um caminho explorável para novos poetas, como foi o caso de Haroldo de Campos,¹⁸ que tirou usos de vanguarda de lá).

Embora eu suspeite que Hopkins não pensasse precisamente em inovar, que esse não fosse seu ponto de partida – imagino que buscasse ser fiel à sua visão, e era uma visão muitíssimo peculiar – o efeito que teve pode ser posto nesses termos, certamente.

E é como você propõe: ritmos e imagens. As imagens, porque honestamente são bem poucos os poetas com uma imaginação poderosa, sutil e eficiente. A de Hopkins era assim, e é devida a isso a aproximação que se faz entre ele e os *metaphysical poets*.

17 Manoel Odorico Mendes (1799-1864): político, publicista e humanista brasileiro, autor das primeiras traduções integrais para português das obras de Virgílio e Homero. (Nota da IHU On-Line)

18 Haroldo Eurico Browne de Campos (1929-2003): poeta, ensaísta e tradutor brasileiro, autor de, entre outros livros, *Xadrez de estrelas* (2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008). (Nota da IHU On-Line)

tamente são bem poucos os poetas com uma imaginação poderosa, sutil e eficiente. A de Hopkins era assim, e é devida a isso a aproximação que se faz entre ele e os *metaphysical poets*.

Em relação ao ritmo, mas de um modo mais completo, à sonoridade, Hopkins acabou fazendo muitas coisas ao mesmo tempo: despertou um uso aliterativo que havia se apagado sob a acusação de rudeza; ajudou a desmontar os usos convencionais da métrica inglesa antes das marretadas modernas; serviu, com Whitman, para dar exemplo de prosódias alternativas que não haviam sido tentadas; e confeccionou poemas únicos, de uma sonoridade extraordinária, para quem soubesse ouvir.

É muito curioso ver como desafiou aqueles velhos livros de prosódia que achavam que os acentos tinham de ser suavizados. Ele punha uma linha repleta de acentos, muitas vezes consecutivos, e vemos o cuidado que tinha na redação disso olhando para os manuscritos, onde inscreve os acentos como pauta de leitura, é bem ousado. É notório o empenho musical que quase transforma a página numa partitura anotada.

IHU On-Line - Há um Hopkins radical, que queima seus poemas quando resolve ser jesuíta, que lembra o abandono poético de Rimbaud. Como avalia essa polarização curiosa: entre alguém que abandona a poesia

“Nesse caso do Hopkins, é claro, o simbólico tem uma confluência com a religiosidade, com o que estamos pouco acostumados atualmente, já que os nossos valores são muito pouco simbólicos. E nem há muito interesse por poesia também, já que se tornou uma coisa de difícil leitura para os nossos padrões”

para se dedicar à vida como padre; e o outro que abandona a poesia para traficar armas e escravos na África? A partir disso, como pode esses poetas falarem num “eu” que fale por todos (Rimbaud dizia “Je est un autre” (esse “autre” seria o *medium* romântico, sobretudo)?

Dirceu Villa - É basicamente a mesma coisa. A crença absoluta e a descrença absoluta são muito próximas. São como vizinhas rabugentas que se olham com certa repulsa, porque inconscientemente sabem que são parecidas. O ato de queimar os poemas é um decoro, talvez chocante para nós descrentes, que ritualmente o esvaziaria da vida pregressa, pondo-o a serviço de seu deus, que exige exclusividade.

Rimbaud, por outro lado, estava farto daquela coisa de cenáculo, do sistema literário, e, a bem da verdade, precisamos também compreender que ele já havia feito o que tinha para fazer. É uma atitude diferente daquela do poeta que continua tagarelando mesmo que já tenha, no sentido da obra, fechado a conta. Ele era um caipira de Charleroi, mas essa atitude tem uma nobreza tão fina do desinteresse que é alarmante para a época burguesa dele – e era já quase a nossa, é bom sempre lembrar.

E não acho que os poetas falem por todos. Aliás, digo isso também por minha experiência como poeta: tenho a impressão de que é muito superestimado esse tipo de alcance da voz poética. Me parece que esse “falar por todos” acaba sempre fabricado muito *a posteriori*, pelo seguinte: é do *métier*

mesmo do poeta plasmar em linguagem algo muitíssimo conciso, carregado de um poder próprio da arte.

Passado algum tempo, aquilo que foi a palavra do poeta se estende para o uso, porque em geral fixa, como nenhum outro artifício seria capaz, certos estados mentais, certas emoções. É evidente que alguns poetas atingem um número muito reduzido de pessoas, porque alguns pensamentos e emoções bem poucos são capazes de experimentar.

Não acredito que um público muito extenso possa se identificar ou se relacionar, em qualquer grau, com a “Comédie de la soif”, de Rimbaud, por exemplo, ou com o canto CXVI, de Pound, entre tantos outros exemplos possíveis. A velha história da “poesia difícil”.

Esse “autre” de Rimbaud é dizer, como Fernando Pessoa¹⁹ diria:

E os que lêem o que escreve, / Na dor tida sentem bem, / Não as duas que ele teve, / Mas só a que eles não têm.

Porque Pessoa entende claramente que a poesia é *fingir*, no sentido etimológico de “forjar”, não como uma farsa, mas como numa forja: implica o *distanciamento* de se construir algo, uma perspectiva. Pound propunha o termo *personae*, “máscaras”. Foram recursos modernos (e especialmente anti-românticos, uma vez que os ro-

¹⁹ Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935), mais conhecido como Fernando Pessoa: poeta e escritor português. É considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa, e o seu valor é comparado ao de Camões. (Nota da IHU On-Line)

mânticos investiam num muito estudado efeito de espontaneidade e originalidade sobre os leitores) à falta de um sistema que codificasse a fala poética dentro de uma expectativa calculada de alheamento, como estava subentendido nas práticas antigas.

IHU On-Line - Quais as diferenças básicas entre a mística de Hopkins e a de Mallarmé, que não seguia, ao contrário do primeiro uma religião, embora apreciasse os conceitos do budismo, ambos considerados basilares para a modernidade?

Dirceu Villa - Mallarmé,²⁰ como eu o entendo, tinha a religião, ou a mística, da arte, e da arte como linguagem.

Eles são um tanto distantes: Hopkins tinha um primado do som, e o som era a comunicação de um tipo de êxtase místico, pelo qual ele demonstrava intenso fervor. Era um poeta do ouvido, embora muitas vezes pudesse propor coisas em estruturas complexas de pensamento. Ele conhecia bem a retórica antiga, como se percebe por suas cartas.

Mallarmé, quando usa música (com alguma licença poética podemos pensar na estrutura do “Coup de dés” como *musical*), não é no sentido melódico, mas no das relações entre partes do discurso, articuladas para que haja estruturalmente algo análogo a um tema que perpassa o poema, sendo modificado toda vez que retorna.

Mallarmé foi muito bem aceito pelas vanguardas do século XX porque, naturalmente, é um poeta muito cerebral, desde a intrincada e polissêmica sintaxe de seus sonetos, até a exigência da dignidade da inteligência na poesia, no prefácio ao “Coup de dés”. Hopkins, por sua vez, interessou à vanguarda pela bizarrice, pelo rico e atípico mecanismo sonoro que sua obra apresenta.

²⁰ Stéphane Mallarmé (1842-1898): poeta e crítico literário francês. Mallarmé se utilizava dos símbolos para expressar a verdade através da sugestão, mais que da narração. Destacou-se por uma literatura ao mesmo tempo lúcida e obscura. É, por isso, considerado um poeta difícil e hermético. Sobre Mallarmé, confira a entrevista “A quase-arte de Mallarmé”, concedida por André Dick, doutor em Literatura Comparada pela UFRGS, e revisor das publicações do IHU. (Nota da IHU On-Line)

Hopkins: “do cotidiano imediato ao plano cósmico”

“O que vejo em Hopkins é que ele concilia a visão política com o discurso existencial e a imersão no sagrado: para ele, Homem, Terra e Céu não são conceitos excludentes, mas estão integrados numa concepção de Totalidade”, afirma o poeta e tradutor Claudio Daniel

POR ANDRÉ DICK

Conforme o poeta e tradutor Claudio Daniel, Hopkins “é um poeta na fronteira entre o simbolismo e a modernidade; a maneira como ele pensa a construção do poema é similar à de Eliot ou Pound, por exemplo, mas o conteúdo religioso, os símbolos e as imagens metafóricas têm mais afinidade com a tradição da poesia mística de língua inglesa, ou seja, com poetas como John Donne, William Blake e Swinburne”. Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Claudio ainda avalia que Hopkins, por sua experimentação com a linguagem, dialoga com o poeta brasileiro Sousândrade. Hopkins, desse modo, trouxe à poesia “novas construções, aliando a pesquisa formal a uma investigação mais profunda sobre o sentido do estar no mundo”. Nesse aspecto, considera, há uma aproximação com o Padre Antônio Vieira, “cujo olhar estava voltado para o drama da existência, desde o cotidiano imediato até o plano cósmico”.

Claudio Daniel é formado em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, e mestrando em Literatura Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). É autor de *Sutra* (1992), *Yumê* (1999) e *A sombra do leopardo* (2001), reunidos em *Figuras metálicas* (São Paulo: Perspectiva, 2005), que traz sua obra escrita entre 1983 e 2003. Também publicou a prosa experimental *Romanceiro de Dona Virgo* (Rio de Janeiro: Lamparina, 2004) e traduziu poetas como Víctor Sosa, em *Sunyata & outros poemas* (São Paulo: Lumme Editor, 2005), e José Kozzer, em *Íbis amarelo sobre fundo negro* (Curitiba: Travessa dos Editores, 2006). Além disso, organizou a antologia *Jardim de camaleões: a poesia neobarroca na América Latina* (São Paulo: Iluminuras, 2004), com muitos poetas do assim chamado neobarroco, como Víctor Sosa, Severo Sarduy e Coral Bracho.



Divulgação

IHU On-Line - Como você avalia que Gerard Manley Hopkins alia vida e obra em sua trajetória (por exemplo, a ligação entre religião e poesia)?

Claudio Daniel - Brecht¹ e Maiakóvski² consideravam que a poesia é construção estética, mas também um ícone de transformações sociais, conforme a perspectiva utópica; outros autores, como Rimbaud ou Lautréamont,³ aliavam a poesia

à transgressão comportamental: o poeta seria um vidente ou xamã que apontaria para formas alternativas de amor, de sexualidade etc. Já poetas como São João da Cruz, dentro da cultura cristã, ou Matsuo Bashô,⁴ na tradição budista, viam a prática poética como autêntica experiência religiosa: o poema seria uma espécie de oração, de confissão, de revelação, de epifania: um diálogo com o eterno. O que vejo em Hopkins é que

ele concilia a visão política com o discurso existencial e a imersão no sagrado: para ele, Homem, Terra e Céu não são conceitos excludentes, mas estão integrados numa concepção de Totalidade. Ele podia ser, ao mesmo tempo, jesuíta e socialista, místico e mundano, e essa harmonia dos contrários está presente em sua vida e poesia, de elaborada invenção formal.

IHU On-Line - Os poemas de Hopkins, publicados apenas depois de sua morte, foram, na sua opinião, referenciais para a poesia moderna e de vanguarda? Dentro da concepção de Ezra Pound, você acha que ele é um

1 Bertolt Brecht (1898-1956): influente dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX. (Nota da IHU On-Line)

2 Vladimir Maiakóvski (1893-1930): poeta russo. (Nota da IHU On-Line)

3 Isidore Lucien Ducasse, ou Isidoro Ducasse (1846-1870): é mais conhecido pelo pseudônimo literário de Conde de Lautréamont. O seu poema em sessenta estrofes, *Les chants de*

Maldoror, é considerado uma obra seminal no campo da literatura fantástica, ainda que hoje escape a qualquer classificação. (Nota da IHU On-Line)

4 Matsuo Bashô: (1644-1694): codificou e estabeleceu os cânones do tradicional haikai japonês. (Nota da IHU On-Line)

inventor?

Claudio Daniel - Hopkins foi um poeta-inventor, sem dúvida; como diz Augusto de Campos em seu livro *Hopkins: a beleza difícil*,⁵ ele “torceu a sintaxe em construções e inflexões inusitadas, criou neologismos e compósitos vocabulares sem precedentes e inovou a métrica e o ritmo, até chegar à disciplina livre do seu *sprung rhythm* (ritmo saltado ou saltante, de pés variáveis e mesmo número de acentos – verso pré-livre)”. Apesar disso, ele não foi uma referência para as vanguardas históricas, já que sua poesia, incompreendida por seus contemporâneos, só foi publicada em livro em 1918, quase vinte anos após a morte do poeta. A crítica especializada, por sua vez, só levou a sério sua obra na década de 1930, quando I. A. Richards,⁶ William Empson, Herbert Read e outros críticos de renome ficaram entusiasmados com a obra desse poeta realmente incomum.

IHU On-Line - Hopkins também foi um dos maiores criadores poéticos no que se refere à musicalidade, como quando emprega o *sprung rhythm* (ritmo saltado). Poderia estabelecer uma relação entre ele e os românticos (como Keats e Swinburne), simbolistas e modernistas (muitos afirmam que ele antecipa experimentos de Eliot e Pound)? Como avalia essas aproximações?

Claudio Daniel - É possível fazer um paralelo entre a estrutura sonora da poesia de Hopkins e a de poetas românticos e simbolistas mais radicais, inclusive com o nosso Sousândrade:⁷

5 A tradução de Augusto de Campos é admirável não apenas pela recriação dos recursos formais, mas também pela objetividade com que ele preserva o sentido dos poemas, aspecto pouco notado pelos que criticam seu método de recriação. Para mim, Augusto de Campos é o mais competente tradutor de poesia que já tivemos em nosso país. (Nota do entrevistado)

6 Ivor Armstrong Richards (1893-1979): influente crítico literário e retórico inglês. (Nota da IHU On-Line)

7 Joaquim de Sousa Andrade mais conhecido por Sousândrade (1833-1902): escritor e poeta brasileiro. Formou-se em Letras pela Sorbonne, em Paris, onde fez também o curso de engenharia de minas. Republicano convicto e militante, transfere-se, em 1870, para os Estados Unidos. Publicou seu primeiro livro de poesia, *Harpas selvagens*, em 1857. Viajou por vários países até fixar-se nos Estados Unidos em 1871, onde publicou a obra poética *O guesa*, em que utiliza recursos expressivos, como a criação de neologismos e de metáforas vertiginosas, que só foram valorizados muito depois de sua mor-

ele usa recursos como a assonância, a aliteração, a paronomásia, o trocadilho, rimas difíceis, em versos longos que se aproximam da prosa; o paralelo com a vanguarda também é pertinente, pelo uso de neologismos, palavras-valise e recursos de espacialização. Hopkins é um poeta na fronteira entre o simbolismo e a modernidade; a maneira como ele pensa a construção do poema é similar à de Eliot ou Pound, por exemplo, mas o conteúdo religioso, os símbolos e as imagens metafóricas

“É possível fazer um paralelo entre a estrutura sonora da poesia de Hopkins e a de poetas românticos e simbolistas mais radicais, inclusive com o nosso Sousândrade”

cas têm mais afinidade com a tradição da poesia mística de língua inglesa, ou seja, com poetas como John Donne, William Blake⁸ e Swinburne.

Semelhanças e diferenças entre Hopkins e Joyce

A linguagem de Hopkins, assim como a de Joyce, favorece os efeitos sonoros, a imagética, os jogos semânticos, a ambigüidade, o hibridismo, a dissolução de fronteiras entre prosa

te, sucessivamente ampliada e corrigida nos anos seguintes. No período de 1871 a 1879, foi secretário e colaborador do periódico *O Novo Mundo*, dirigido por José Carlos Rodrigues em Nova York (EUA). (Nota da IHU On-Line)

8 William Blake (1757-1827): poeta, pintor inglês, sendo sua pintura definida como pintura fantástica, e tipógrafo. Viveu num período significativo da história, marcado pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial na Inglaterra. (Nota da IHU On-Line)

e poesia; são obras que partem das conquistas do simbolismo, em suas realizações estéticas mais avançadas, e exigem do leitor um olhar inteligente para o sentido da forma. O pensamento de Hopkins, no entanto, parece-me oposto ao de Joyce: o primeiro é um autor cristão, que tem fé num projeto de salvação, e também na história como motor de mudanças sociais; já o segundo é ateu e descrente na política, após o insucesso das tentativas de emancipação da Irlanda do domínio inglês. Joyce quer “acordar do pesadelo da história”, enquanto Hopkins projeta na história uma visão messiânica.

IHU On-Line - Jakobson destacou a “prodigiosa visão de estrutura” que possuía Hopkins. Ao mesmo tempo, ele é um poeta com características metafísicas. De que maneira, na sua opinião, se alia a metafísica e uma espécie de domínio verbal em seu trabalho?

Claudio Daniel - Edgar Allan Poe,⁹ no ensaio “O princípio poético”, define a poesia como “construção precisa do impreciso”. Creio que esta definição, uma das pedras-de-toque da estética simbolista, define muito bem a arte verbal de Hopkins, em que conceitos metafísicos ganham materialidade pela construção rigorosa da forma. Novamente, o paralelo possível é com a “poesia metafísica” de outro religioso, o deão John Donne (e vale notar, em ambos, a presença de referências eróticas, além das sagradas, e no caso de Hopkins, homoeróticas, em contraste com o ambiente puritano da Inglaterra vitoriana).

IHU On-Line - Em entrevista que concedeu à *IHU On-Line* sobre o Padre Antônio Vieira, você afirma que este “escreveu cartas e sermões de caráter moral e teológico”, mas fez uma literatura nunca restrita a uma estratégia missionária. Há pontos de contato entre Vieira e Hopkins, além da construção elaborada de seus escritos?

Claudio Daniel - Hopkins, assim como

9 Edgar Allan Poe (1809-1849): escritor, poeta, romancista, crítico literário e editor estadunidense. Poe é considerado, juntamente com Jules Verne, um dos precursores da literatura de ficção científica e fantástica modernas. (Nota da IHU On-Line)

Góngora,¹⁰ Vieira¹¹ e Donne, realizou alta literatura, ainda que com intenção moral e religiosa. Vale a pena ressaltar que a literatura mística, desde a Idade Média até meados do século XVIII, era praticada por autores cultos, que conheciam as regras de versificação, a herança cultural greco-latina, a tradição cristã, o humanismo, e esse repertório era compartilhado por seus leitores, que compreendiam o repertório de metáforas e alegorias (codificados nas enciclopédias e dicionários de mitologia, por exemplo). O acesso à leitura e ao livro era muito restrito, e logo o universo dos leitores constituía uma elite social e de espírito. O que distingue um autor como Hopkins, em minha opinião, de outros poetas cultos é que ele não ficou restrito às formas de composição e de imaginário já bem conhecidos em seu momento histórico, mas acrescentou novas construções, aliando a pesquisa formal a uma investigação mais profunda sobre o sentido do estar no mundo. Nesse aspecto, ele também se aproxima de Vieira, cujo olhar estava voltado para o drama da existência, desde o cotidiano imediato até o plano cósmico.

10 Luis de Góngora y Argote (1561-1627): religioso, poeta e dramaturgo castelhano, um dos expoentes da literatura barroca do Século de Ouro. (Nota da IHU On-Line)

11 Antônio Vieira (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Veio para o Brasil em 1915 e logo começou seus estudos no Colégio dos Jesuítas. Mais tarde ingressou na Companhia de Jesus. Foi um grande orador sacro. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641, voltou a Portugal, onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Envolveu-se, posteriormente, com a Inquisição e chegou a estar detido por um ano. Voltou ao Brasil em 1681, para a Bahia, onde veio a falecer anos mais tarde, no Colégio de Salvador. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes; e *Arte de furtar*, escrito em 1744, porém de autoria duvidosa. Confira a edição 244 da IHU On-Line, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*. (Nota da IHU On-Line)

Os poemas de Hopkins são “exercícios de beleza”

O professor Marcus Motta e o poeta Thiago Ponce de Moraes afirmam que os poemas de Hopkins “reconhecem o instante de posse para manter a vida e a arte como qualidades escarpadas que se correspondem, decerto, mas que não se explicam mutuamente”

POR ANDRÉ DICK

“Hopkins, na tópica de sua ação, trava uma batalha contra o peso da empiria, desviando-se dela e pousando-a na idéia de belo. Seus poemas são exercícios de beleza, capacitada de se colar no lugar do seu contrário e provar sua ausência.” Esta é uma das reflexões de Marcus Alexandre Motta e Thiago Ponce sobre o poeta Gerard Manley Hopkins, nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Analisando o poeta inglês sob os aspectos da sonoridade, da religiosidade, da relação conflitante entre vida e obra, num fio tênue de indefinição, Motta e Ponce desenharam, ao mesmo tempo, uma visão sobre a poesia moderna.

Marcus Alexandre Motta possui graduação em História, pela Universidade Santa Úrsula, mestrado em História Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e doutorado em História Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, desenvolvendo pesquisas sobretudo sobre Antônio Vieira e Fernando Pessoa. Escreveu, entre outros, os livros *Anchieta – Dívida de papel* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000), *Antônio Vieira – Infalível naufrágio* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001) e *Desempenho da Leitura – Sete ensaios de Literatura Portuguesa* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 2004).

Por sua vez, Thiago Ponce, atualmente, é um dos editores revista eletrônica *Confraria do Vento*. É graduando em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e em Filosofia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Também faz parte do conselho editorial de *O Casulo*, jornal de literatura contemporânea, e é autor do livro de poemas *Imp*. (Rio de Janeiro: Caetés, 2006).

IHU On-Line - Como avaliam que Gerard Manley Hopkins alia vida e obra em sua trajetória (por exemplo, a ligação entre religião e poesia)?

Marcus Alexandre Motta e Thiago Ponce de Moraes - Vamos propor, de imediato, uma torção na pergunta que faz. Não para refazê-la ou substituí-la. Queremos sustentar a idéia de que Hopkins faz poemas. O que

é para nós uma forma de capturar a implicação metafísica reinante em cada forma de vida que o acompanha, quando se põe a ver o mundo ou quando se põe a ler outros e a si. Isso nos permite ver a autoconsciência de sua religiosidade, demarcando a sua busca por seriedade e grandeza, conforme a tarefa poética que se impõe. Ou seja: a tarefa poética de Hopkins nos parece ser um teste-

munho da vida — “Death or distance soon consumes them”.¹

Esse testemunhar da vida, consideramos, é o fundamento último da sua arte poética; um tipo de acesso temeroso à participação nos desígnios divinos, assinalando já, na mesma esfera, a necessidade de partir ou se separar, já que escreve poemas. A escrita dos poemas, portanto, torna-se, em nosso entender, um modo de pressagiar uma redenção e, ao mesmo tempo, permite a Hopkins distinguir a escrita poética como algo que assinala uma antiga morada dos homens de fé.

Claro que isso é possível, se admitimos que Hopkins compunha os poemas sentindo-se continuamente interrompido, detendo-se a propósito de algo que irrompe. Esse algo que irrompe é a vida, em sua exuberância ou despedida. O que nos permitiria diferenciar os seus poemas como instantes de posse da história desperta do seu silêncio.

Vida e arte: o silêncio como o testemunho, objeto do trabalho poético e alimento audível de uma prece à vida

Nesse sentido, a arte de Hopkins interdita, continuamente, o assunto para fazer restar uma distinção do silêncio. Assim, o poeta impõe uma poética que deixa de guiar o leitor e o larga em seu abandono para alcançar em voz aquele que nunca abandona. Isso porque o silêncio é, ao mesmo tempo, testemunho, objeto do trabalho poético e alimento audível de uma prece à vida; sendo, por isso, que seus versos nos deixam uma idéia de que o ritmo saltado, tão declamado ao seu favor, está na correspondência direta com o palpitar do silêncio colocado por toda fuga expressa pela vida (musicalmente, é claro).

Assim, podemos compreender a esfera artística dos poemas de Hopkins como abrigo e despojamento de sua verdade. Essa verdade deve ser com-

¹ “Distância ou morte cedo os consome”. “The lantern of the out doors”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 95. (Nota da IHU On-Line)

“Claro que isso é possível se admitimos que Hopkins compunha os poemas sentindo-se continuamente interrompido, detendo-se a propósito de algo que irrompe. Esse algo que irrompe é a vida, em sua exuberância ou despedida. O que nos permitiria diferenciar os seus poemas como instantes de posse da história desperta do seu silêncio”

preendida como qualidade objetiva do seu trabalho artístico; ou seja: realização da perfeição de cada tarefa artística imposta pela expressão, um homem de fé imbricado no mundo. Logo, seus poemas se oferecem como unidade sintética de duas ordens: vida e arte.

Na vida, Hopkins encontra situações que clamam por sua tarefa poética. Nos poemas, por outro lado, a vida pede a determinação da arte para não perder a distinção do silêncio que deixa restar. Isso nunca quer dizer que vida e arte resultam uma da outra, nem apontar para qualquer noção de causa e efeito, visto que, sabemos, toda arte é arte da arte, e não de qualquer outra coisa que não seja arte. Dessa maneira, não podemos aceitar que algo assentado biograficamente se encontre no fundamento do seu

trabalho poético; antes, esperamos que seja uma coesão apurada pela arte que cai como uma graça nos seus ombros.

Assim, os poemas de Hopkins reconhecem o instante de posse para manter a vida e a arte como qualidades escarpadas que se correspondem, decerto, mas que não se explicam mutuamente. Isso porque as duas precipitam sobre uma cena ampla, na qual o homem e a morte estão frente a frente, imóveis, sendo que nenhum mundo lhes seja comum. Contudo, como homem de fé imbricado no mundo, jesuíta ou poeta, sabe, também, que vida e arte podem unir-se numa ligação ainda mais profunda, como um princípio espiritual, Cristo, capaz de dar forma à vida e à arte a partir de si mesmas. Uma forma dobrada da fé, que deve ser entendida como a soberania absoluta da relação entre vida e arte, religiosamente sentida e expressa poeticamente.

Distância ou morte cedo os consome. E se perdem, / No fim, de todo o revolver de minha vista a persegui-los. / Em vão [...] / Perto do coração de Cristo, cujos passos o seguem — / Seu olhar e cuidado amoroso em confirmá-los, corriji-los — / Fiel primeiro e último amigo, resgate e salvação.²

IHU On-Line - Os poemas de Hopkins, publicados apenas depois de sua morte, foram, na sua opinião, referenciais para a poesia moderna e de vanguarda?

Marcus Alexandre Motta e Thiago Ponce de Moraes - Os poemas de Hopkins, a princípio, nos sugerem reter uma singularidade pouco afeita a algo que se possa colocar, facilmente, como referência para a poesia moderna e de vanguarda — se entendemos bem o que as palavras, moderno e vanguar-

² In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 95. Original: “Death or distance soon consumes them: wind / What most I may eye after, be in at the end / I cannot, and out of sight is out of mind. / / Christ minds: Christ’s interest, what to avow or amend / There, éyes them, heart wánts, care haúnts, foot fóllovs kind, / Their ránsom, théir rescue, ánd first, fást, last fríend” (“The lantern out of doors”). (Nota da IHU On-Line)

da, querem anunciar.

Isso quer dizer duas coisas. A primeira é que, como tais, os poemas de Hopkins implicam momentos singulares (qual a singularidade de versos como estes: “[...] Oh, / We lash with the best or worst / Word last! How a lush-kept plush-capped sloe / Will, mouthed to flesh-burst, / Gush!”³), deixando possível a eles um desligamento da fixidez de época e, ao mesmo tempo, tornando vão interpretá-los no sentido de dominá-los por parentesco. Porém, como são momentos singulares, abandonados de significados, é-nos possível admitir um grau de referência qualquer, no ato poético de recriá-los a partir da própria constituição objetiva que o fizeram ser o que são: poemas.

A segunda deriva da primeira. Se admitimos uma referência possível, devemos assinalar que os poemas de Hopkins são compromissos de uma forma de conhecimento, poesia – de uma tomada de consciência. Nesse caso, há sempre o que nelas se deixa como referência, mas só na medida em que não se perca de vista que os poemas são testemunhos da vida, nunca explicações, expressões dos instantes de posse da história desperta do seu silêncio. Melhor: a capacidade dos poemas de Hopkins se tornarem algo próximo a um referencial poético fica demarcado pela condição de seu saber estar mundo e não por aquilo que costumamos denominar de significação, seja ela qual for.

IHU On-Line - Hopkins também foi um dos maiores criadores poéticos no que se refere à musicalidade, como quando emprega o *sprung rhythm* (“ritmo saltado”). Poderiam estabelecer uma relação entre ele e os românticos (como Keats e Swinburne), simbolistas e modernistas (muitos afirmam que ele antecipa experimentos de Eliot e Pound)? Ele poderia, com tudo isso, ser considerado um poeta atemporal?

3 “[...] Oh, / Num jato, com a melhor ou a pior / Das palavras! Como a ameixa túmida-de-suco, / casca de veludo, / Abocada”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 61 (“The wreck of Deutschland”). (Nota da IHU On-Line)

Marcus Alexandre Motta e Thiago Ponce de Moraes - Iniciamos a resposta pelo seu final, já que a pergunta retoma o princípio da anterior. É importante considerar, no mínimo, a possibilidade de um poema não pertencer nem ao tempo nem ao espaço – algo especulado por Fernando Pessoa, por exemplo. Isso não significa atemporalidade, mas um tipo de realce temporal e espacial da arte. Talvez seja admirável pensar em algo como uma passagem de Santo Agostinho:⁴ “O homem foi criado para que o tempo tivesse começo” – alguma coisa pare-

“Os poemas de Hopkins reconhecem o instante de posse para manter a vida e a arte como qualidades escarpadas que se correspondem, decerto, mas que não se explicam mutuamente”

cida com isso.

A frase nos leva a admitir que o tempo nasce da forma e não que uma forma poética caia no fluxo do tempo. No ambiente artístico, cabe dizer: a forma gera o tempo que é seu. Com essa reflexão, podemos admitir que uma forma poética funda sua antecedência e posteridade temporal. Nesse sentido, reconhecemos particularidades, nos poetas citados, que alcançam Hopkins. Mas devemos advertir que tal aspecto não procede por varonia da

4 Aurélio Agostinho (do latim, *Aurelius Augustinus*), Agostinho de Hipona, São Agostinho ou Santo Agostinho (354-430): bispo católico, teólogo e filósofo, considerado pelos católicos santo e Doutor da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

língua inglesa.

Melhor seria pensar, para além das circunstâncias comparativas, algo que já existe nos poemas de Hopkins e nos outros é confirmado. Falamos da emancipação do conceito de harmonia poética; uma rebelião contra a aparência de um poema. Algo como uma recusa ao ilusório, um afastamento da natureza informada, retornando ao não ainda formado, o não articulado.

[...] Assim, mesmo que pretendamos / Melhorar, nós devastamos / Quando abatemos ou escavamos: / Os que vêm depois não advinham a beleza que se desfez [...]⁵

Especificamente, em Hopkins, o conceito de forma poética resiste à fixação num isso-aí poético, recuperando uma acentuação de prece como molde para honra dos poemas, negando a própria positividade de sua presença porque adverte. O que quer dizer que, semelhante a Keats, Hopkins não se sente um herói de uma trágica aventura, a vida; diferente dele, vive para o futuro retrospectivamente – qualidade jesuítica por excelência, ou seja: o passado é uma lembrança por antecipação de futuro. Se em Keats há preparações esperançosas que evitam reflexões meditativas, os poemas de Hopkins acentuam o contrário, constituindo um tipo de recurso religioso, a oração – maneira de destronar o tempo pelo ritmo musical dos versos e bloqueios do tema; os simbolistas abusaram disso em outra circunstância.

Ameaça fantasmagórica que se apresenta como paisagens individualizadas

É, portanto, interessante que se perceba nos poemas de Hopkins o recurso não artístico, a oração, que ataca a aparência do poema e a dissolve num julgamento ou arrependimento, num ritmo que, embora discursivo – ou seja: mais próximo da linguagem do homem (como propunha Wordsworth) –, seja hermético, como um

5 In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 101. Original: “Where we, even where we mean / To mend her we and her, / When we hew or delve: / After-comers cannot guess the beauty been” (“Binsey poplars”). (Nota da IHU On-Line)

deus, não muito dado a leituras ou interpretações. Eliot usa, por exemplo, uma maneira de colagem erudita que afixa a exterioridade de homilia, produzindo um semblante fantasmagórico que está ali para sujar a pureza reclamada pela arte poética tradicional. Hopkins vê, constantemente, uma ameaça fantasmagórica que se apresenta como paisagens individualizadas e que, portanto, aparentam ter uma turbulência de sentido. Em Hopkins, “all things counter”, “original”, “spare strange”; “whatever is fickle, freckled (who knows how?) with swift, slow”; “sweet”, “sour”; “adazzle”, “dim”. Contudo, ele é suficientemente separado dela para poder contemplá-las e capturá-las quando despertam do silêncio e se distinguem.

[...] Tudo que é raro, original, estranho, oposto; / Variável, variegado (por que o seria?) – / Lesto, lento; doce azedo, faiscante, fosco – / Aquele cuja beleza é imutável os cria: / Louvai-o.⁶

IHU On-Line - Na opinião de Hopkins, os poetas tinham uma “alma elevada”, ou seja, precisavam ser seres humanos especiais. O senhor relacionaria essa concepção à idéia do sublime, provinda originalmente de Longino, ou à Teologia em si?

Marcus Alexandre Motta e Thiago Ponce de Moraes - Presentimos que a idéia de uma “alma elevada” se deva à arte poética. É ela que confere aos poemas de Hopkins a sua tristeza – única forma que conhecemos de elevação. Mesmo nos momentos em que os poemas se aproximam da felicidade, é-nos possível ver a tristeza da arte a anteceder a negação de sua aparência. Em seus poemas parece haver uma postura de escrita que se exprime no verso “I wake and feel the fell of dark, not day”⁷ – principalmente: “not day”.

6 In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 91. Original: “All things counter, original, spare, strange; / Whatever is fickle, freckled (who knows how?) / With swift, slow; sweet, sour; adazzle, dim; / He fathers-forth whose beauty is past change: / Praise him” (“Pied beauty”). (Nota da IHU On-Line)

7 “Acordo e sinto o travo da treva, não o dia”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.

“Hopkins força o espírito metafísico a quebrar a forma objetiva através da qual constitui o poema; tal ruptura são os instantes de posse da história desperta de seu silêncio que a estrutura hospeda antes que o espírito ‘abra as suas janelas’”

Hopkins, na tópica de sua ação, trava uma batalha contra o peso da empiria, desviando-se dela e pousando-a na idéia de belo. Seus poemas são exercícios de beleza, capacitada de se colar no lugar do seu contrário e provar sua ausência. O que significa que o traço sublime dos poemas está arraigado no paradoxo romântico, o homem – o que nada carrega da idéia de sublime de Longino. A “alma elevada” é, entendemos, um resalto anterior à condição do poema pronto, significando um esforço para expurgar uma subjetividade contingente e torná-la a expressão do paradoxo: o homem e o seu vazio – chame a alienação correspondente de natureza ou história.

[...] Sou fel, coração carbonizado; o decreto de Deus / Mais inescrutável faz-me sentir-me amargo: meu gosto sou eu; / Meus ossos, carne, sangue vertem maldição, amargor. / / Fermento de meu espírito azeda a massa insossa. Vejo / Que os condenados são isto, e, tal como o meu, seu flagelo, / Seus próprios eus perspirantes: só que pior⁸

133. (Nota da IHU On-Line)

8 In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.

“Alma elevada” de Hopkins: um tipo de compromisso poético que fixa o paradoxo, o homem, na batalha dos versos

Isso nos leva a pensar que a teologia está nos poemas a se levantar da sua secularização, após a arte convidá-la, mais uma vez, a caminhar. Desse modo, a “alma elevada” de Hopkins é um tipo de compromisso poético que fixa o paradoxo, o homem, na batalha dos versos. Por conseguinte, a “alma elevada” participa de uma situação artística, enquanto pretensão à verdade. Mas, como a verdade nunca se deixa capturar, cabe ao poeta, de fundo religioso, elevar-se para interrogar o seu próprio saber sobre ela e nunca se confundir com ela.

Dessa maneira, os poemas de Hopkins evitam a semelhança com um eu lírico, estabelecendo um eu latente, chame-o de “alma elevada”, “the fine delight that fathers thought”,⁹ que comunga com qualquer alma o seu desejo de alturas; embora a queda seja primária. Sua alma se avigora na exteriorização, tangenciando o perigo, o eu privado da graça. Assim, um poeta para Hopkins, extraindo esta reflexão apenas dos seus poemas, é uma “alma elevada” que não é acrescentada ao poema, mas posta em vigor pela estrutura dos versos, “live and lancing like the blowpipe flame”.¹⁰ Sua alma é lançada ao mundo de maneira a tornar-se a ligação dos elementos da vida à sintaxe sem palavras, o poeta.

A fina delícia que gera o pensamento; o aguilhão / Vivo, trespassante, qual chama

133. Original: “I’m gall, I am heartburn. God’s most deep decree / Bitter would have me taste: my taste was me; / Bones built in me, flesh filled, blood brimmed the curse. / / Selfyeast of spirit a dull dough sours. I see / The lost are like this, and their scorge to be / As I am mine, their sweating selves; but worse” (“I wake and fell the fell of dark, not Day”). (Nota da IHU On-Line)

9 “A fina delícia que gera o pensamento”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 147. (Nota da IHU On-Line)

10 “Vivo, trespassante, qual chama de maçariço soprada”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 147. (Nota da IHU On-Line)

“Hopkins força o espírito metafísico a quebrar a forma objetiva através da qual constitui o poema; tal ruptura são os instantes de posse da história desperta de seu silêncio que a estrutura hospeda antes que o espírito ‘abra as suas janelas’”

de maçarico soprada, / Só uma vez crepita, e mais depressa do que veio, se apaga, / E ainda assim deixa a mente mãe de uma imortal canção.¹¹

IHU On-Line - Jakobson destacou a “prodigiosa visão de estrutura” que possuía Hopkins. Ao mesmo tempo, ele é um poeta com características metafísicas. De que maneira, na sua opinião, se alia a metafísica e uma espécie de domínio verbal em seu trabalho?

Marcus Alexandre Motta e Thiago Ponce de Moraes - A “prodigiosa visão de estrutura” é o que podemos dizer ser o mais metafísico nos poemas de Hopkins. Vamos devagar. A linguagem poética de Hopkins nos sugere um domínio verbal que evita assumir uma posição devastadora. Essa maneira de evitar a própria essência do domínio é promovida pela presença do espiritual nos seus poemas. Isso quer dizer que ele se apóia no arcano da linguagem – um modo que não deriva de um conceito supremo e sim da esfera específica da arte, uma forma de consciência. Seja qual for o poema, a linguagem se revela eficaz, pois o ditame poético de Hopkins inibe a mediação dos conteúdos e se desvela digno para eliminar o indizível, agindo no interior da linguagem. Isso quer dizer que os poemas são estruturas, no sentido estético da palavra, que

garantem a autonomia do espiritual e sua predominância sobre o sensível.

A condição desse procedimento poético é a permissão da relação entre metafísica e ação sensível dos versos no interior mágico da linguagem. Não creio, portanto, que “a palavra se encontre de qualquer modo mais longe do divino do que a ação real” – Adorno.¹² Tal nos leva a pensar que a metafísica, em Hopkins, só pode ser conduzida por ela mesma; o que é uma situação que apresenta os universais (no sentido platônico) em sua força máxima, agarrada à idéia que a linguagem aprisiona. Mas tal transcendência só é alcançada pela arte poética em virtude de sua tendência para a particularização radical. Mas como o particular é um poeta, os versos cumprem a imanência da escrita, evitando o desenredar do fechamento em si da estrutura do poema. Ou seja: Hopkins força o espírito metafísico a quebrar a forma objetiva através da qual constitui o poema; tal ruptura são os instantes de posse da história desperta de seu silêncio que a estrutura hospeda antes que o espírito “abra as suas janelas”.

Dessa maneira, a estrutura poemática precisa da mediação metafísica para cunhar uma aparição que seja literalmente idêntica aos momentos sensíveis. Isso nos leva a admitir que as estruturas dos poemas abusem da idéia de que toda imagem é imagem escrita. Quer dizer: as estruturas dos poemas recorrem a uma organização

¹² Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969): filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. Foi membro da Escola de Frankfurt juntamente com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e outros. (Nota da IHU On-Line)

doada por símbolos imagéticos, tais como: pedra, em bloco horizontal ou como escarpas verticalizadas e escadas. Não é à toa que o ritmo saltado é um recurso proeminente, na medida em que cumpre a escravização das cores, dos sons e das configurações absolutas das palavras na significação; erguendo-as como figuras postas em contrastes com a materialidade e dando, em razão disso, um tipo de som à mudez das imagens – “Breathe, arch and original Breathe”¹³ – pronúncia – “Breathe, body of lovely Death”.¹⁴

LEIA MAIS...

>> Marcus Alexandre Motta já participou de outras edições da IHU On-Line. Confira na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

Entrevista:

* Antônio Vieira: *um jesuíta milenarista*. Edição 196, intitulada *A globalização e os jesuítas*, de 18-09-2006.

Artigos:

* *Conversando com Vieira*. Edição 244, intitulada *Antônio Vieira. Imperador da Língua Portuguesa*, de 19-11-2007.

* *Uma carta a Guimarães Rosa*. Edição 275, intitulada *Machado e Guimarães: intérpretes do Brasil*, de 29-08-2008.

>> Thiago Ponce de Moraes já participou da edição 247 da IHU On-Line, de 10-12-1007, intitulada *O Pampa e o monocultivo do eucalipto*, com dois poemas inéditos na editoria *Invenção*. Confira no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

¹³ “Sopra, arquí-Sopra original”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 71. (“The wreck of the Deutschland” (Nota da IHU On-Line).

¹⁴ “Inspira-me, corpo da Morte divinal”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 71. (Nota da IHU On-Line).

¹¹ In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 147. Original: “The fine delight that fathers thought; the strong / Spur, live and lancing like the blowpipe flame, / Breathes once and, quenched faster than it came, / Leaves yet the mind a mother of immortal song” (“To R. B.”). (Nota da IHU On-Line)

Um poeta revolucionário nas distorções das regras da gramática e da sintaxe

Além do aspecto musical de seus poemas, Hopkins, para a professora Aurora Fornoni Bernardini, realiza uma obra difícil, mas que não tem o aspecto programático das vanguardas

POR ANDRÉ DICK

Visto pela professora, tradutora e crítica literária Aurora Fornoni Bernardini como o precursor da literatura inglesa moderna, Hopkins se destaca sobretudo pelo aspecto difícil de sua obra. Dessa dificuldade, Aurora, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, não surge “uma poesia retórica, baseada em normas ou modas, mas é revelado o viço que existe no fundo das coisas”. Esse elemento é destacado sobretudo porque Hopkins nunca deixa de mexer com a sintaxe, embora sua experimentação não tenha como objetivo o programa das vanguardas revolucionárias. No sentido religioso, que nutre a obra do poeta inglês, Aurora diz: “Para Dante, Deus é o Amor ‘che muove il mondo e l’altre stelle’, mas também é quem determina leis com as quais ele, Dante, não concorda: obedece; para Hopkins, Cristo é amor, mas Deus é lei e ira”.

Aurora Fornoni Bernardini possui, pela Universidade de São Paulo (USP), graduação em Letras – Língua e Literatura Inglesa, mestrado em Letras – Língua e Literatura Italiana, doutorado em Literatura Brasileira e livre-docência em Literatura Russa. Atualmente, é professora da USP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura comparada, literatura russa, literatura italiana, teoria literária, teoria da narrativa e tradução literária. Traduziu, com Haroldo de Campos, poemas de Giuseppe Ungaretti em *Daquela estrela à outra* (São Paulo: Ateliê, 2003) e de Marina Tsvetáieva em *Indícios flutuantes* (São Paulo: Martins Fontes, 2006).

IHU On-Line - Qual é a sua percepção sobre a poesia de Hopkins?

Aurora Fornoni Bernardini - A poesia de Hopkins não é nada fácil. Ele usa termos antigos da língua, de antes de Chaucer, e é obrigatória uma compreensão perfeita de cada termo empregado para depois se pensar na tradução (eventualmente criativa) e na interpretação. Ocorreu-me dar como trabalho de pós-graduação em literatura comparada a tradução e análise de um poema de Seamus Heaney¹

¹ Seamus Heaney (1939): poeta e escritor irlandês, agraciado com o Nobel de Literatura em 1995. (Nota da IHU On-Line)

– um dos poetas que sofreu o impacto de Hopkins (não se diga a influência – este termo não cabe). Pois bem, foi uma pena. A intérprete (da qual não lembro o nome) mobilizou todos os recursos mais requintados de análise para um poema do qual não havia entendido o sentido. Entender: palavra-chave muitas vezes esquecida e, no entanto, a primeira em necessidade.

Na tradução, a questão da prosódia é fundamental. Não há apenas um ritmo, mas dois, no dizer do próprio Hopkins, no prefácio a seus poemas (não os da primeira juventude, que ele destruiu depois de ter-se tornado reli-

gioso, mas dos quais foram, em parte, encontradas as cópias):

“But the reversal of the first foot and of some middle foot after a strong pause is a thing so natural that our poets have generally done it, from Chaucer down, without remark and it is commonly passed unnoticed and cannot be said to amount to a formal change of rhythm, but rather is that irregularity which all natural growths and motions shews. If however the reversal is repeated in two feet running, especially so as to include the sensitive second foot, it must be due either to great want of ear or else is a calculated effect, the superinduc-



Divulgação

ing or *mounting* of a new rhythm upon the old".²

Ou seja, nada mais, nada menos que o efeito do contraponto na música! Portanto, cuidado.

Precursor da poesia inglesa moderna

Hopkins simplesmente foi, junto com o jovem John Donne (1572-1631), precursor da poesia inglesa moderna. Embora sendo um mestre da métrica e de seus procedimentos, que conservou e que, no meu entender, são fundamentais na poesia, ele introduziu inovações revolucionárias numa série de procedimentos tais como, por exemplo, na rima: vejamos, no soneto "No worst, there is none...", aquele "lingering"!:

My cries heave, herds-long; huddle in a main, a chief / Woe, wórd-sorrow; on an áge-old anvil wince and sing – / Then lull, then leave off. Fury had shrieked "No ling- / ering! Let me be fell: force I must be brief"³

No léxico, inclusive com a introdução de neologismos. Veja-se, na estrofe 22 do poema "The wreck of the Deutschland" ("O naufrágio do Deutschland"), o termo "cinquefoil":

But he scores it in scarlet himself on his own bespoken, / Before-time-taken, dearest prizèd and priced - / Stigma, signal, cinquefoil token / For lettering of the *lamb's fleece*, ruddying of the rose-flake⁴

2 "Mas a inversão do primeiro pé [divisão de um verso] e de algum pé intermediário, após uma pausa forte, é uma coisa tão natural que nossos poetas geralmente a fizeram, a partir de Chaucer, sem comentário, e, em geral, isso passou despercebido, e tampouco se pode dizer que isso represente uma mudança formal de ritmo, e sim, antes, uma irregularidade que todos os crescimentos e movimentos naturais exibem. Se, entretanto, a inversão é repetida em dois pés consecutivos, especialmente se incluir um segundo pé sensível, isso deve ocorrer ou devido a uma grande carência de ouvido ou a um efeito calculado, ao acréscimo ou à *montagem* de um ritmo novo sobre o antigo". (Nota da IHU On-Line)

3 "Meus gritos em rebanho, arrebanham em cor- / o a dor, a dor do mundo, arquibigorna, e se / Calmam, calam. A Fúria uiva: 'Nenhum re- / morso! Que seja fel. Sem mora e sem amor'". In: CAMPOS, Augusto de. *Hopkins: a beleza difícil*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 51. (Nota da IHU On-Line)

4 "Mas Ele a imprime escarlate, em quem

“Para Dante, Deus é o Amor ‘che muove il mondo e l’altre stelle’, mas também é quem determina leis com as quais ele, Dante, não concorda: obedece; para Hopkins, Cristo é amor, mas Deus é lei e ira”

No ritmo, com o uso do *sprung rhythm*, que é o ritmo da língua coloquial, falada, que às vezes reverte o acento de um pé para outro, na palavra. A métrica inglesa, igual à russa, à alemã, à latina e à grega, não se baseia na sílaba, mas no "pé".

Aparece nas canções de ninar, nos cantos dos semeadores e tem a grande regularidade das bylinas russas, daí ter impressionado Jakobson.⁵ Hopkins também foi revolucionário nas distorções das regras da gramática e da sintaxe.

IHU On-Line - Em termos de ritmos e imagens, procurando um ritmo distinto para o verso, existe uma aproximação de Hopkins com os movimentos de vanguarda do início do século XX?

Aurora Fornoni Bernardini - Não propriamente nas vanguardas, uma vez que as transgressões de Hopkins eram funcionais (*ad hoc*) não programáticas.

recaem suas escolhas, / O levado-antes-do-tempo, o que é mais prezado e apreciado, / Estigma, sinal, signo de cinco folhas, / Para lavar na lã da ovelha, purpurar as pétalas da rosa-emblema". In: CAMPOS, Augusto de. *Hopkins: a beleza difícil*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 93.

5 Roman Jakobson (1896-1982): lingüista e crítico literário russo, um dos fundadores da fonologia, autor de Ensaio de lingüística geral, além de outros numerosos ensaios sobre lingüística e crítica literária. (Nota da IHU On-Line)

Quem dele hauriu: W. H. Auden,⁶ Seamus Heaney, Robert Lowell,⁷ Sylvia Plath,⁸ Dylan Thomas, Elizabeth Bishop⁹ — esses, reconhecidamente. Outros? Até Benedetto Croce,¹⁰ que o traduziu para o italiano.

IHU On-Line - Qual seria a aproximação, no âmbito da religião, de Hopkins com Dante Alighieri,¹¹ outro poeta de seus estudos. O que Deus significa em cada um deles? A poesia necessita, como afirma Octavio Paz,¹² se aproximar do sagrado?

Aurora Fornoni Bernardini - Hopkins pode ser comparado com Milton, jamais com Dante. Hopkins é um mundo, Dante um universo. A pergunta sobre o que Deus significa para cada um deles só pode ser respondida após longo estudo e meditação das doutrinas filosóficas e religiosas que subjazem a ambos. Apenas a título de exemplo ligeiro: para Dante, Deus é o Amor "che muove il mondo e l'altre stelle",¹³ mas também é quem determina leis com as quais ele, Dante, não concorda: obedece; para Hopkins, Cristo é amor, mas Deus é lei e ira.

6 Wystan Hugh Auden (1907-1973): poeta anglo-americano, considerado por muitos como um dos maiores escritores do século XX. (Nota da IHU On-Line)

7 Robert Lowell (1917-1977): poeta americano cujas obras, de natureza confessional, envolveram as questões da História e as trevas da autodeterminação. (Nota da IHU On-Line)

8 Sylvia Plath (1932-1963): poeta, romancista e contista norte-americana, autora de livros como *Ariel*. (Nota da IHU On-Line)

9 Elizabeth Bishop (1911-1979): considerada uma das mais importantes poetas do século XX a escrever na língua inglesa. (Nota da IHU On-Line)

10 Benedetto Croce (1866-1952): filósofo idealista italiano. De acordo com Croce, a poesia é emoção, uma expressão da alma no momento da intuição. (Nota da IHU On-Line)

11 Dante Alighieri (1265-1321): escritor, poeta e político italiano. É autor do poema *A divina comédia*, que se tornou a base da língua italiana moderna e culmina a afirmação do modo medieval de entender o mundo. Conferir, sobre Dante, as entrevistas "A origem da subjetividade e da lírica modernas", nas *Entrevistas do Dia* de 18-10-2007, do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), e "Dante: um poeta extremamente autobiográfico", na revista *IHU On-Line* nº 264, de 30-06-2008, intitulada *A crise gaúcha. Algumas reflexões críticas*. Ambas as entrevistas foram concedidas pelo poeta e crítico literário Eduardo Sterzi. (Nota da IHU On-Line)

12 Octavio Paz (1914-1998): foi um escritor e diplomata mexicano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1990. (Nota da IHU On-Line)

13 Tradução: "que move o sol e as outras estrelas". (Nota da IHU On-Line)

O sagrado é o mito (Jung,¹⁴ Strauss,¹⁵ Eliade¹⁶ etc.) ou — conforme Ionesco¹⁷ — o próprio real. Cabe falar-se em religiosidade, não necessariamente em religião.

Visões terríveis do além

Ao mesmo tempo, Hopkins era um grande estudioso, religioso — primeiro anglicano e depois católico, tendo ingressado na Companhia de Jesus — e, ainda por cima, grande conhecedor da obra de Duns Scotus, o franciscano escocês do século XII que o impressionou por suas doutrinas da não demonstrabilidade das verdades sobrenaturais e da “individualidade das coisas” (*Haecceitas*), daí a idéia de “inscape” ou “gosto da realidade”.

Isso significa que os conceitos que se depreendem de sua poesia não são ingênuos ou gratuitos, mas baseados em profundas escavações.

A partir disso tudo: o milagre! Não resulta uma poesia retórica, baseada em normas ou modas, mas é revelado o viço que existe no fundo das coisas. Através, obviamente, das palavras das quais arrancava o máximo de efeito *in actu*, sem deixar-se constranger pelas regras da gramática, da sintaxe e do uso comum. Há poemas, além do “The wreck of the Deutschland” que se salientam: entre os poemas de 1877: “Spring”, “God’s grandeur”, “The windhover”; em 1880: “Spring and fall”, “Felix Randal”; os sonetos de 1887 etc. Cada um pelas razões já aduzidas, mas em alguns poemas, como “Sybil’s Leaves”, há visões (terríveis) do além.

14 Carl Gustav Jung (1875-1961): foi um psiquiatra suíço. (Nota da IHU On-Line)

15 Claude Lévi-Strauss (1908): antropólogo, professor e filósofo francês, considerado o fundador da Antropologia Estruturalista, em meados da década de 1950, e um dos grandes intelectuais do século XX. (Nota da IHU On-Line)

16 Mircea Eliade (1907-1986): historiador e romancista romeno naturalizado norte-americano. É um dos mais importantes e influentes historiadores e filósofos das religiões da contemporaneidade. (Nota da IHU On-Line)

17 Eugène Ionesco (1912-1994): foi um dos maiores patafísicos (patafísica: ciência das soluções imaginárias) e dramaturgos do teatro do absurdo. Para lá de ridicularizar as situações mais banais, as peças de Ionesco retratam de uma forma tangível a solidão do ser humano e a insignificância da sua existência. (Nota da IHU On-Line)

Uma invenção moderna: entre a vida comum e a religiosa

Para o professor e tradutor de língua inglesa John Milton, Hopkins é uma invenção moderna, e ela está concentrada nos elementos formais de sua poesia, muitas vezes se esquecendo a sua profunda religiosidade

POR ANDRÉ DICK

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, o professor e tradutor de língua inglesa John Milton entende que em Hopkins há uma divisão entre a vida comum e a vida religiosa. Desse modo, entende que Hopkins, num poema como “The soldier Hopkins”, “não parece muito interessado no soldado terrestre; o verdadeiro soldado é Cristo; a vida mundana não lhe atrai; a verdadeira vida é a religiosa”. Já em “Ribblesdale”, “o homem comum não consegue enxergar a obra de Deus”.

Milton chama a atenção, no entanto, para o fato de que Hopkins não é tão lido. Explica: “Hopkins não prega o patriotismo vitoriano que se associa com Tennyson, mas seus poemas são altamente religiosos, como os de poetas vitorianos como Clough, por exemplo, e poemas religiosos não são populares hoje em dia”.

John Milton é graduado em Letras — Literatura Inglesa & Espanhol, pela Universidade de Wales (Swansea), mestre em Linguística Aplicada, pela PUC-SP, e doutor em Literatura Inglesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor na áreas de Literatura Inglesa e Estudos da Tradução na USP, atuando sobretudo com tradução literária, tradução no Brasil e Shakespeare. Além disso, é editor-chefe da *Cadernos de Literatura em Tradução*, da USP.

Traduziu, com Alberto Marsicano, *Nas asas invisíveis da poesia* (São Paulo: Illuminuras, 1998), de John Keats, e *O olho pela força da harmonia* (São Paulo: Ateliê, 2007), de William Wordsworth, e, com M. R. Bertin, verteu para o português *Hamlet* (São Paulo: Disal, 2005), numa adaptação bilíngüe. Também escreveu *O poder da tradução* (São Paulo: Ars Poética, 1993), *Tradução: teoria e prática* (São Paulo: Martins Fontes, 1998) e *O clube do livro e a tradução* (Florianópolis: Edusc, 2002).

IHU On-Line - Como o senhor avalia que Gerard Manley Hopkins alia vida e obra em sua trajetória (por exemplo, a ligação entre religião e poesia)?

John Milton - Hoje em dia, Hopkins é visto como um dos grandes inovadores na poesia vitoriana, mas na época era totalmente desconhecido. Não publicou sua poesia; foi somente publicada nos anos de 1920. Então, o Hopkins que conhecemos é uma invenção moderna. E essa invenção concentra-se nos elementos formais

de sua poesia, muitas vezes se esquecendo a sua profunda religiosidade.

IHU On-Line - Os poemas de Hopkins, publicados apenas depois de sua morte, foram, na sua opinião, referenciais para a poesia moderna e de vanguarda?

John Milton - Ezra Pound tentou “quebrar” o pentâmetro iâmbico,¹

1 Pentâmetro iâmbico é um tipo de métrica que é utilizado em poesia e em drama. Descreve um determinado ritmo que as palavras estabelecem em cada verso. Esse ritmo é medido em pequenos grupos de sílabas;

que, para ele, restringia demais as possibilidades do poeta contemporâneo. Os poetas ingleses haviam passado quase 400 anos presos a essa forma métrica. Hopkins mostrava uma maneira de quebrá-lo.

IHU On-Line - Hopkins também foi um dos maiores criadores poéticos no que se à musicalidade, como quando emprega o *sprung rhythm* (ritmo saltado). Poderia estabelecer uma relação entre ele e os românticos (como Keats e Swinburne), simbolistas e modernistas (muitos afirmam que ele antecipa experimentos de Eliot e Pound)? Ele poderia, com tudo isso, ser considerado um poeta atemporal?

John Milton - Hoje em dia os principais poetas vitorianos – Tennyson,² Browning,³ Arnold⁴ – caíram de moda, e são relativamente pouco lidos na Inglaterra, muito menos no Brasil, onde nenhum deles foi traduzido em forma de antologia. Sim, Hopkins não prega o patriotismo vitoriano que se associa com Tennyson, mas seus poemas são altamente religiosos, como os de poetas vitorianos como Clough,⁵ por exemplo, e poemas religiosos não são populares hoje em dia. E certos poemas tomam uma posição claramente católica. “The wreck of the Deutschland”, por exemplo, é bastante antiprotestante.

O seu uso de outras formas métricas; da rima aliterativa anglo-saxã e suas paronomásias deram a Hopkins certa contemporaneidade, e críticos contemporâneos fazem paralelos entre Hopkins e Joyce. E, claro, no Brasil,

estes pequenos grupos são chamados “pé”. A palavra iâmbico descreve o tipo de pé que é utilizado. A palavra pentâmetro indica que um verso tem cinco pés. Pentâmetro iâmbico é, portanto, um verso composto por cinco pares de sílabas curtas/longas, ou sílabas átonas/tônicas. (Nota da IHU On-Line)

² **Alfred Tennyson**, primeiro barão de Tennyson (1809-1892): poeta inglês. Estudou no Trinity College, em Cambridge. Viveu longos anos com sua esposa na ilha de Wight por seu amor à vida sossegada do campo. (Nota da IHU On-Line)

³ **Robert Browning** (1812-1889): poeta e dramaturgo inglês. Foi casado com a poeta Elizabeth Barrett. Também foi publicado um livro com as cartas trocadas entre os dois. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Matthew Arnold** (1822-1888): escritor e poeta inglês. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Arthur Hugh Clough** (1819-1861): poeta inglês. (Nota da IHU On-Line)

Hopkins foi descoberto pelos irmãos Campos, especialmente Augusto.

IHU On-Line - Alguns delimitam os seus “sonetos obscuros”, por exemplo, como retrato de sua fase mais desalentadora, de mais desespero existencial. O senhor identificaria fases na obra de Hopkins?

John Milton - O poema mais famoso deste período, “I wake and feel the fell of dark, not day”, tem imagens que podem ser interpretadas como referências à possível homossexualidade de Hopkins. Será que esses poemas foram escritos numa época de auto-análise e questionamento? O segundo sexteto do poema

I'm gall, I am heartburn. God's most deep decree / Bitter would have me taste: my taste was me; / Bones built in me, flesh filled, blood brimmed the curse. / / Selfyest of spirit a dull dough sours. I see / The lost are like this, and their scorge to be / As I am mine, their sweating selves; but worse.⁶

pode ser analisado como uma descrição de ereção, masturbação, ejaculação e arrependimento; e o desejo de autopunição. Claro, usa imagens não óbvias, mas palavras e expressões como “brimmed”, “taste”, “sours”, “bones built in me”, “flesh filled” fazem referências bastante claras à ereção e ejaculação; e as referências anteriores a “Bitter would have me taste” ao possível engolir do seu próprio sêmen.

A metafísica e o domínio verbal de Hopkins

Acho que a poesia de Hopkins é metafísica nos dois sentidos. Primeiro, o sentido dos poetas metafísicos, com sua preocupação com a linguagem, os trocadilhos, e as metáforas exageradas, os *conceits*. Mas também podemos pensar em Hopkins como poeta que enxerga um alvo mais alto, aquele de Deus.

⁶ “Sou fel, coração carbonizado: o decreto de Deus / Mais inescrutável faz-me sentir-me amargo: meu gosto sou eu; / Meus ossos, carne, sangue vertem maldição, amargor. / / Fermento de meu espírito azeda a massa in-sossa. Vejo / Que os condenados são isto e, tal como o meu, seu flagelo, / Seus próprios eus respirantes: só que pior”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aila de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 133. (Nota da IHU On-Line)

Aqui tem muitas semelhanças com os contemporâneos de Donne, George Herbert e Henry Vaughan.⁷ E podemos fazer uma ligação com a poesia espiritual de San Juan de La Cruz e Frei Luis de León.⁸ Em “The soldier Hopkins”, não parece muito interessado no soldado terrestre; o verdadeiro soldado é Cristo; a vida mundana não lhe atrai; a verdadeira vida é a religiosa. Em “Ribblesdale”, o homem comum não consegue enxergar a obra de Deus.

IHU On-Line - A poesia de Hopkins é vista, muitas vezes, como intraduzível. Como tradutor, a que, na sua opinião, se deve esta característica?

John Milton - Todos os poetas que enfatizam elementos fônicos e paronomásias são considerados difíceis ou impossíveis de serem traduzidos. Podemos nos dirigir aos irmãos Campos e seu conceito de “recriar” em português um poema isomórfico, usando elementos da língua portuguesa. O poeta romântico inglês Shelley⁹ disse que traduzir um poema é igual a “jogar uma violeta num caldeirão”, e “a planta deve crescer da sua própria semente”. Haroldo diria que se deveria cultivar outra planta em português.

IHU On-Line - Há poemas específicos de Hopkins que mais atraem sua atenção?

John Milton - Adoro seus poemas que têm um verdadeiro corrente de imagens e aliterações, um tipo de cascata de imagens e sons. Um exemplo menos conhecido é “The leaden echo and the golden echo”. Exemplos mais conhecidos são “As kingfishers catch fire”, “Binsley populars” e “The windhover”.

⁷ **Henry Vaughan** (1622-1695): poeta metafísico britânico. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Frei Luis de León** (1527-1591): poeta, humanista e religioso, um dos mais importantes escritores da segunda fase do Renascimento espanhol. Sua poesia foi inspirada pelo desejo de afastar a alma de tudo na terra para a convergência com Deus, identificado com a paz e a compreensão. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Percy Bysshe Shelley** (1792-1822): importante poeta romântico inglês. Foi desprezado na era vitoriana pelas suas idéias libertárias. Morreu aos 29 anos na Itália. Foi amigo de Lord Byron. Sua mulher Mary Shelley escreveu aquela que se tornou uma das mais intrigantes novelas da literatura moderna, *Frankenstein*. (Nota da IHU On-Line)

Oração e confissão na poesia mística de Hopkins

“A obra de Hopkins é instigante porque, simultaneamente, se aproxima e se afasta da tradição” e cada ato de sua vida era “um ato consagrado”, querendo “realizar tudo na presença de Deus”, considera o doutorando Wiliam Alves Biserra

POR ANDRÉ DICK

Na obra de Hopkins, segundo Wiliam Alves Biserra, “a figura de Jesus é a pedra angular de Hopkins, não como o esposo, nem como salvador, muito menos como príncipe da paz ou como fonte de misericórdia divina, mas como Rei”. Por meio de uma análise de símbolos religiosos, Biserra aponta as diferenças e semelhanças, quanto à religiosidade e aos experimentos de linguagem, entre James Joyce e Hopkins. Segundo ele, “Hopkins não louva a tecnologia por si só, como farão os futuristas, pelo contrário”. Analisando “The wreck of the Deutschland”, Biserra, na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, avalia que este “poema é sobre o fracasso e a tragédia de um dos ícones da modernidade no século XIX, o navio a vapor, derrotado pela natureza”. Hopkins também não cantará a cidade, como depois fez Baudelaire, pois, “como padre nas periferias de Liverpool, ele viu bem e ficou chocado com os males e as tragédias do proletariado inglês”. Wiliam ainda enfatiza: “Hopkins busca uma modernidade cristificada, naquela gota de sangue que torna tudo vermelho, não apaga as cores originais e deixa tudo em tom de escarlate”.

Alves Biserra possui graduação em Letras – Língua Inglesa e respectiva literatura e Letras – Língua Portuguesa e respectiva literatura, pela Universidade de Brasília (2004). Na mesma universidade, realizou mestrado em literatura e representações sociais pela Universidade de Brasília. Nela, também é professor substituto de Literatura Inglesa e norte-americana e cursa doutorado, na área de literatura e religião.

IHU On-Line - Na sua opinião, qual é a importância de Hopkins dentro da literatura inglesa?

Wiliam Alves Biserra - Hopkins se liga à tradição da poesia metafísica inglesa, especialmente representada pelas obras de John Donne, Andrew Marvell e George Herbert. A sua obra é instigante porque, simultaneamente, se aproxima e se afasta da tradição. Ele monta seu projeto estético com base na poesia do inglês arcaico, especialmente “Beowulf”,¹ e da poesia folclórica galesa, chamada Cynghanedd. Essas ferramentas poéticas servem, entretanto, para criar uma nova forma, com um vocabulário, uma sintaxe, um ritmo e uma imagística precusores

¹ Principal poema da literatura inglesa antiga e principal documento remanescente escrito em inglês arcaico. (Nota do entrevistado)

do modernismo. Hopkins é, sem dúvida, o poeta mais inovador da época vitoriana, famosa exatamente pelo tradicionalismo, tanto nos temas quanto nas formas.

Inclinações artísticas para a pintura e a música

É interessante perceber que as primeiras inclinações artísticas de Hopkins não foram para a literatura, mas para a pintura e a música, influenciado respectivamente por Ruskin² e Pur-

² John Ruskin (1819-1900): escritor mais lembrado por seu trabalho como crítico de arte e crítico social britânico. Foi também poeta e desenhista. Seu pensamento vincula-se ao Romantismo, movimento literário e ideológico. Esteticamente, Ruskin apresenta-se como reação ao classicismo e com admiração ao medievalismo. Na sua definição de restaura-



DIVULGAÇÃO

cell.³ Isso ajuda a entender a importância das imagens e da observação de detalhes do cotidiano, além da musicalidade e da recitação como constantes preocupações de sua poesia. Sua obra é muito visual e especialmente muito sonora: ele mesmo dizia que sua poesia só pode ser lida em voz alta. Sua preocupação com isso era tanta que ele criou uma forma própria de escrever seus poemas, com símbolos e notações semelhantes à escrita musical, uma tentativa de poema-partitura.

Ao entrar para a universidade de Oxford, Hopkins se dedica ao estudo

ção dos patrimônios históricos, considerava a real destruição daquilo que não se pode salvar, nem a mínima parte, uma destruição acompanhada de uma falsa descrição. (Nota da IHU On-Line)

³ Henry Purcell (1659-1695): compositor barroco inglês. (Nota da IHU On-Line)

das línguas clássicas, latim e grego, e se torna um leitor ainda mais voraz de tudo o que encontra. Ele se torna aluno de Walter Pater⁴ e entra em contato com sua doutrina, como também o fará Oscar Wilde.⁵ Ainda como estudante, escreve alguns ensaios influenciado pelo movimento esteticista e o pensamento de “arte pela arte”, enquanto continua escrevendo poesias e desenhando bastante. Ele conhece a obra de William Holman Hunt⁶ e toma contato com a irmandade pré-rafaelita, de Dante Gabriel Rossetti.⁷ Alguns críticos sugerem que nessa época ele fez parte dos uranianos, famoso grupo homoafetivo de Oxford e Cambridge freqüentado por Walter Pater e Oscar Wilde. Entretanto, o que mais teria impacto em Hopkins foi o chamado “movimento de Oxford”, que o levou à conversão ao catolicismo, ao sacerdócio e ao abandono, temporário, da poesia.

IHU On-Line - Octavio Paz afirmava que a poesia se aproxima do sagrado. Na sua visão, como Hopkins lida em sua poesia com a dimensão religiosa? Ela tem semelhança com a de outros poetas?

William Alves Biserra - Hopkins é um místico e sua poesia é, em muitos momentos, uma oração e uma confissão. Os instantes mais preciosos de sua poesia são aqueles em que percebe a presença de Deus na criação, como em “God’s grandeur”:

The world is charged with the grandeur of
God / [...] / Because the Holy Ghost over
the bent / World broods with warm breast

4 Walter Horatio Pater (1839 -1894): ensaísta e crítico literário inglês. (Nota da IHU On-Line)

5 Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde (1854-1900): poeta, ensaísta, contista e dramaturgo irlandês. (Nota da IHU On-Line)

6 William Holman Hunt (1827-1910): pintor inglês. Fundou, juntamente com Dante Gabriel Rossetti e John Everett Millais, em 1848, a Irmandade Pré-Rafaelita, um grupo artístico entre o espírito do revivalista do romantismo e as novas vanguardas do século XX. (Nota da IHU On-Line)

7 Dante Gabriel Rossetti (1828-1882), originalmente Gabriel Charles Dante Rossetti: poeta, ilustrador e pintor inglês de origem italiana. Devido à sua preferência pela poesia medieval e em especial pela obra de Dante, Rossetti muda a ordem dos seus nomes e passa a usar Dante em primeiro lugar. (Nota da IHU On-Line)

and with ah! bright / wings.⁸

Hopkins percebe o mundo fatigado, mas repleto da presença de Deus, animado pelo Espírito Santo. Robert Bridges, seu amigo, lhe perguntou o que significava o termo paráclito e Hopkins, depois de fazer uma metáfora com o jogo de cricket, quando um jogador anima o outro a continuar correndo e fazer o ponto, explica:

[...] um paráclito é isso, algo que anima o espírito do homem com gestos e gritos, preocupado com se ele vai alcançar seu objetivo e seguro de que ele o fará, se quiser, chamando-o, voando em direção a ele, clamando ao seu ouvido ou seu coração. Por aqui para fazer a vontade de Deus! Para salvar sua alma! Por aqui!⁹

Cada ato da vida de Hopkins era um ato consagrado. Ele diz isso em seus diários, que queria realizar tudo na presença de Deus. Sua poesia, portanto, não poderia ser diferente: ela é expressão de sua vida mística, parte de seu sacerdócio. Quando ele queima seus poemas e deixa de escrever por oito anos, o faz por causa de sua conversão. Do mesmo modo, é por motivos religiosos que ele volta a escrever.

O poema que marca o retorno de Hopkins à literatura é “The wreck of the Deutschland”, considerado por muitos sua obra-prima. Aparentemente, é um poema encomiástico. O navio Deutschland havia partido da Alemanha com destino à Inglaterra e naufragou, na entrada do rio Tamisa em 6 de dezembro de 1866. Mais de 150 pessoas que estavam a bordo morreram, principalmente de frio, entre elas cinco freiras franciscanas que estavam fugindo das leis anticatólicas então em vigor na Alemanha. A notícia mexeu com a sensibilidade de Hopkins e seu diretor de estudos comentou que

8 “O mundo está carregado da grandeza de Deus. / [...] / Porque o Espírito Santo, sobre este mundo vergado, / Vigia com peito cáldo e oh! luzentes asas”. In: HOPKINS, Gerard Manley Hopkins. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 81. (Nota da IHU On-Line)

9 ABBOTT, Claude Colleer (Editor). *The letters of Gerard Manley Hopkins to Robert Bridges*, Londres: Oxford University Press, p. 45. (Nota do entrevistado)

gostaria que alguém escrevesse um poema sobre o fato, e Hopkins decidiu fazê-lo.

O tema é transformado e, ao invés de termos um poema meramente narrativo, o que se vê é uma obra extremamente complexa, misto de reflexão teológica e existencial. A narrativa em si é cifrada e os fatos transformados em símbolos, de modo que um leitor que não conheça os eventos antecipadamente terá dificuldades para compreender o que é narrado. Tudo é percebido, sentido e expresso de modo metafísico.

A mística de Hopkins não se assemelha à mística de Santa Teresa d’Ávila ou de São João da Cruz, porque ele não busca o amor esponsal, mas sem dúvida dialoga com a grande poesia mística por buscar em tudo e na própria expressão poética um sentido espiritual. Um dos diferenciais de Hopkins é de que ele se preocupou, como poucos poetas metafísicos fizeram antes dele, com a forma utilizada, com os recursos poéticos, especialmente ritmo, vocabulário, sintaxe e imagem.

A Irlanda em Hopkins

A Irlanda para Hopkins é um lugar de profunda tristeza. É lá que ele passa seus últimos e mais tristes anos, com crises de depressão profunda, até morrer, em Dublin. Ele não gostava do nacionalismo irlandês, que considerava excessivo, em assonância com Joyce, que, além de excessivo, considerará o sentimento nacionalista irlandês incrivelmente provinciano, como se pode perceber em *Um retrato do artista quando jovem* e em muitas passagens do *Ulysses*, especialmente no capítulo II. Hopkins não concordava com a Home Rule que Gladstone¹⁰ havia dado à Irlanda. Era de se esperar que ele, como sacerdote católico e místico, se sentisse melhor em Dublin do que no anglicano País de Gales, seu lugar favorito. Deu-se o oposto. Dublin era, para ele, um cemitério, intelectual, artístico, espiritual e, por fim, físico.

10 William Ewart Gladstone (1809-1898): político liberal britânico, primeiro como deputado no Parlamento e depois ocupando vários cargos no governo; líder do Partido Liberal, foi Primeiro-Ministro do Reino Unido por quatro vezes. (Nota da IHU On-Line)

Lá ele dificilmente conseguia aprender ou escrever e não sentia mais a presença nem o toque, o *inscape* e o *instress*, como ele dizia, de Deus. Os poucos sonetos que escreveu neste período são chamados “sonetos da desolação” e compõem a parte final de sua obra. Na tradição mística católica, alguns críticos interpretaram essa fase de Hopkins como a noite escura da alma, seu período de mais profunda aridez.

Quanto a Joyce, Dublin é para ele um eterno mistério. Joyce provavelmente nunca amou tanto odiar uma cidade ou nunca odiou tanto amar uma cidade como amou e odiou Dublin. Dedicou a ela toda sua obra e mesmo tendo se exilado voluntariamente ainda jovem, seu universo criativo é visceralmente dublinense.

O catolicismo em Hopkins e Joyce

O catolicismo é uma influência basilar na obra de ambos, de maneiras bem diferentes. Para Joyce, o catolicismo não fora uma opção, mas uma herança, educado em colégio de jesuítas, no seio de uma família religiosa, Joyce sente em determinado momento o desejo de ser sacerdote jesuíta. Seu drama interior e seu rompimento definitivo com a Igreja, bem como fisicamente com a Irlanda, é recriado simbolicamente na personagem Stephen Daedalus, em *Um retrato do artista quando jovem*. Daedalus é um jovem poeta, muito inteligente e culto, que não aceita o provincianismo político, cultural e religioso de Dublin e a abandona para estudar em Paris. Entretanto, um grande trauma o acompanha, pois sua mãe morreu de câncer e, no leito de morte, pediu a Stephen que rezasse por ela, e ele não conseguiu fazê-lo. Essa lembrança traumática atormentará a mente de Stephen ao longo de todo o *Ulysses*, culminando com uma fantasmagórica aparição do espectro da mãe, à meia noite, em um bordel de Dublin.

Para Hopkins, o catolicismo foi uma opção: ele converteu-se, não exclusivamente, mas muito por conta da influência do movimento de retorno comandado pelo futuro cardeal John Newman, conhecido como Movimento

de Oxford. Hopkins era muito severo e, mesmo antes de se tornar jesuíta, fazia longas penitências, que duravam meses. Sua conversão foi um choque tremendo em seus familiares, provocando reações exaltadas. Assim sendo, Hopkins lutou para abraçar uma fé que Joyce quis abandonar. A fé é, portanto, uma influência muito importante tanto na personalidade quanto na arte de cada um.

“Hopkins aponta para uma modernidade, dentre as muitas possíveis, e o sagrado é a espinha dorsal de sua arte, fonte importante da poesia moderna em língua inglesa. Em Hopkins, modernidade, experimentação e religião são, mais do que conciliáveis, sinérgicas”

Inovações em Hopkins e Joyce

Com relação às experimentações formais, são ambos inovadores, desbravadores de novas formas expressivas. Hopkins não produziu prosa, exceto as cartas e sermões, mas nada de cunho eminentemente estético. Joyce publicou pouca poesia (*Música de câmara e Pomas: um tostão cada*). Os esforços inovadores de Hopkins concentraram-se na poesia,

e Joyce é muito mais lembrado por sua prosa. Um ponto de muita proximidade é a maneira como ambos retorcem o significante para aumentar-lhe o significado, um experimento que Joyce aprendera com Lewis Carroll,¹¹ chamado “palavra-valise”. Hopkins não utiliza esse recurso, mas faz coisa semelhante, não com uma só palavra, mas por meio da repetição, como no verso “earliest stars, earl-stars”.¹² A ferramenta mais famosa de Joyce, o fluxo de consciência, não é utilizada por Hopkins, por motivos óbvios, já que é uma técnica muito ligada ao surgimento da psicanálise, posterior a Hopkins. Além do que Hopkins não aceitaria o projeto de uma escrita automática que deixasse fluir o inconsciente do poeta, simplesmente porque seus poemas eram intensamente burilados, cada palavra era pensada e planejada, cada pausa e cada sílaba tônica é fruto de um cálculo rítmico prévio.

Fascínio pela musicalidade da linguagem

Pontos de aproximação seriam a preocupação com os detalhes do cotidiano, o fascínio com a musicalidade da linguagem, a liberdade sintática e a criação de idéias estéticas que guiavam muito minuciosamente a execução de cada obra. O cotidiano é uma pedra de toque da modernidade de língua inglesa, seja com Joyce, Virginia Woolf¹³ ou T. S. Eliot, e Hopkins antecipa isso em poesia quando examina e dá grandeza metafísica a flores ou pássaros voando, bem como um agricultor que trabalha no campo. A musicalidade é tão importante para Hopkins que chega a guiar boa par-

11 Lewis Carroll (1832-1898): escritor e um matemático britânico. É autor de, entre outros livros, *Alice no país das maravilhas* (1865). (Nota da IHU On-Line)

12 Tradução: “estrelas primeiras, estrelas princesas” (“Spelt from Sybil’s leaves”). In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 125. (Nota da IHU On-Line)

13 Virginia Woolf (1882-1941): uma das mais importantes escritoras britânicas. Estreou na literatura em 1915 com um romance (*The voyage out*) e posteriormente teria realizado uma série de obras notáveis, as quais lhe valeriam o título de “a Proust inglesa”. (Nota da IHU On-Line)

te de seu pensamento estético, tanto que ele chega a criar um novo ritmo para melhor se expressar: o *sprung rythm*: “Para ser breve, consiste em escandir somente baseado na força da fala, sem levar em consideração o número de sílabas, de modo que um pé pode ter uma só sílaba ou muitas fracas e uma forte” (*Cartas*, 14), não se podendo esquecer da aliteração e das rimas internas de que ele tanto gostava: “Now burn, new born to the world”¹⁴ (“The wreck of the Deutschland”, estrofe 34). A liberdade sintática consistia no fato de que Hopkins colocava as palavras na ordem que achasse mais adequada para o poema: “[...] Why must disappointment all I endeavour end?”¹⁵ (“Thou art indeed just, Lord...”). Para Joyce, o ritmo e a liberdade sintática eram importantes para o fluxo de consciência, para mais aproximar a linguagem do nível pré-verbal da psiquê. Quanto à criação de um projeto estético, para Hopkins, além do *sprung rythm*, ele criou também uma outra forma de soneto (o *curtal sonnet*) e, por influência do teólogo Duns Scoto, as idéias de *inscape* e *instress*. *Inscape* é aquilo imanente a cada ser que faz com que ele seja e permaneça sendo o que é, em Duns Scoto (*Haecceitas*), o *instress* é a força, *stress*, que o *inscape* gera na percepção de alguém. Assim, muitos poemas nascem do *instress* que o *inscape* do mundo, ou de Deus, gera em Hopkins, e cada poema, bem como a obra de cada criador, possui também um *inscape* e um *instress*. O que Hopkins chamava de *instress* pode ser comparado com a noção joyciana de epifania, ou a súbita percepção de algo.

IHU On-Line - De que modo podemos perceber a figura de Jesus na poesia de Hopkins? Ele procura uma nova visão do cristianismo por meio de seu experimentalismo verbal?

14 “Arde, pois, recém-nato para o mundo”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 77. (Nota da IHU On-Line)

15 “[por que] aquilo que pretendo / Há de sempre somente terminar em decepção”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 145.

William Alves Biserra - Não sei se poderia dizer que Hopkins buscava uma nova visão do cristianismo por meio de suas experiências verbais. Ele buscava afinar sua linguagem com a experiência mística que tinha e para isso os padrões convencionais da gramática não serviam, assim como os padrões convencionais de percepção não estão em sintonia com as sensações místicas. A figura de Jesus é a pedra angular de Hopkins, não como o esposo, nem como salvador, muito menos como príncipe da paz ou como fonte de misericórdia divina, mas como Rei. A figura de Cristo que mais aparece na obra de Hopkins, não que as outras não apareçam, claro, mas a mais preponderante é a de Rei, não raro de Herói e, até, Cavaleiro: “Pride, rose, prince, hero of us, high-priest, our heart’s charity’s hearth’s fire, our thoughts’ chivalry’s throng’s Lord”¹⁶ (“The wreck of the Deutschland”, estrofe 35); “[...] the Master, Ipse, the only one, Christ, King, Head”¹⁷ (“The wreck...”, estrofe 28) Ele achava que devia imaginar um rei humano ideal e depois aplicar a imagem a Cristo. A freira alta e majestática que fica firme e consola os outros naufragos na parte final de “The wreck of the Deutschland” é uma representação de Cristo e de como Hopkins achava que ele transforma quem o ama e, em última instância, toda a realidade:

“Imagine que Deus nos desse a visão do mundo inteiro dentro de uma gota d’água, tudo com sua cor natural, então, depois, a mesma visão em uma gota de sangue, que tornasse tudo vermelho, sem apagar as cores originais, dando-as tons de escarlate”.¹⁸

16 “Orgulho, rosa, príncipe, herói, pontífice nosso, / Fogo na lareira-caridade de nossos corações, Senhor da cerrada / cavalaria de nossos pensamentos”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 78. (Nota da IHU On-Line)

17 “[...] O Mestre, / Ipse, o único, o Cristo, o Rei, o Senhor”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 73. (Nota da IHU On-Line)

18 ABBOTT, Claude Colleer (Editor). *The letters of Gerard Manley Hopkins to Robert Bridges*. Londres: Oxford University Press, 1933, p. 71. (Nota do entrevistado)

Hopkins imagina um Aleph, conforme o conto homônimo de Borges,¹⁹ cristificante. Além dos simbolismos da água e do sangue, podemos perceber também a sensibilidade visual de Hopkins, preocupado com as cores e suas nuances, tudo matizado por uma postura mística e cristocêntrica diante do real.

IHU On-Line - A modernidade, por vezes, é compreendida como um afastamento da religião. De que modo interpreta isto em Hopkins, para alguns um poeta decisivamente moderno?

William Alves Biserra - Caso se interprete a modernidade como um afastamento da religião, é preciso saber de que modernidade, de que religião e do afastamento de quem se está falando. Não se deve compreender a modernidade como um bloco singular e homogêneo. Hopkins aponta para uma modernidade, dentre as muitas possíveis, e o sagrado é a espinha dorsal de sua arte, fonte importante da poesia moderna em língua inglesa. Em Hopkins, modernidade, experimentação e religião são, mais que conciliáveis, sinérgicas. Hopkins não louva a tecnologia por si só, como farão os futuristas. Pelo contrário, seu principal poema é sobre o fracasso e a tragédia de um dos ícones da modernidade no século XIX, o navio a vapor, derrotado pela natureza. Ele também não canta a cidade, como o fará Baudelaire, pois, como padre nas periferias de Liverpool, ele viu bem e ficou chocado com os males e as tragédias do proletariado inglês. Hopkins busca uma modernidade cristificada, naquela gota de sangue que torna tudo vermelho, não apaga as cores originais e deixa tudo em tom de escarlate.

19 Jorge Luis Borges (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional” (Bíoy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como “A morte”, “O homem da esquina rosada” e “O sul”. Sobre Borges, confira a edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. (Nota da IHU On-Line)

“Hopkins certamente deve ser encarado como alguém à frente de seu tempo”

Para o professor Thomas Burns, Hopkins realizou poemas devastadores, talvez porque emergiram de um homem de fé

POR ANDRÉ DICK

Na visão do professor de literatura Thomas Burns, o poeta Hopkins representa mais do que se imagina. Desse modo, “o desespero manifesto nos poemas de Hopkins” parece, para Burns, “ser pessoal e espiritualmente motivado em vez de social, cultural e politicamente motivado, como no modernismo”. Burns também considera que, apesar da complexidade de sua poesia, ela é mais acessível do que os trabalhos de Pound e Eliot, que apresentam “inúmeras alusões clássicas, lapsos enigmáticos e fragmentos de antigos textos que fazem Eliot e Pound tão difíceis”. Em relação aos poemas da fase mais melancólica de Hopkins, Burns adianta, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**: “Não vi nada na poesia inglesa que fosse às profundezas do desespero e do sofrimento como esses poemas. O narrador desses poemas atinge o fundo. Eles são absolutamente devastadores e tudo o mais, talvez porque emergiram de um homem de fé”.

Thomas Burns fez Letras Clássicas na Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos EUA, durante a década de 1969 e, uma década mais tarde, o mestrado na UFMG. Possui doutorado em Letras (Inglês e Literatura correspondente), pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e, atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais.

IHU On-Line - Como o senhor avalia que Gerard Manley Hopkins alia vida e obra em sua trajetória (por exemplo, a ligação entre religião e poesia)?

Thomas Burns - A vida de Hopkins é notável por seu compromisso religioso. Ao mesmo tempo, ele demonstrou grande devoção (se me for permitido usar essa palavra) à arte na forma de música, pintura e especialmente poesia. Acredito que ambas as atividades, na arte e na religião, em princípio entraram em conflito, mas vieram eventualmente a alimentar-se uma à outra. Para um inglês, abraçar o rito romano é uma conversão mais radical que aqueles de nós em uma cultura predominantemente católica podemos imaginar. Pense em outro inglês famoso convertido, o romancista Graham

Greene¹ e sua torturante relação com a Igreja.

O conflito entre religião e arte manifestou-se tão logo Hopkins foi recebido pela Igreja. Um poema como “The wreck of the Deutschland” lida com a relação do poeta com o evento e com Deus, e assim estabelece um tipo de padrão para seus futuros poemas religiosos. Podemos ver, portanto, que eventualmente religião e poesia podiam realmente nutrir-se uma da outra em vez de entrarem em conflito, como Hopkins havia pensado originalmente. Pensemos em versos tão bons, como os de “The windhover”, “Pied

¹ Henry Graham Greene (1904-1991): escritor inglês, com uma obra composta de novelas, contos, peças teatrais e críticas literárias e de cinema. Formou-se na Oxford University e começou sua carreira como jornalista, trabalhando como repórter e subeditor do *Times*. Publicou cerca de 60 romances. (Nota da IHU On-Line)

beauty”, e “God’s grandeur”, nos quais o poeta celebra a beleza de um mundo protegido e enriquecido por Deus.

Precursor do modernismo

Eu diria que a riqueza de imaginário encontrada em Keats e Swinburne é evidente nos poemas de Hopkins. E ele é, sem dúvida, um revolucionário na poesia e, portanto, pode ser visto como um precursor do modernismo, ainda que, diferente de Pound e Eliot, seu trabalho seja muito mais acessível, uma vez que não contém inúmeras alusões clássicas (apesar de Hopkins ter sido um estudioso clássico notável na Oxford), os lapsos enigmáticos e fragmentos de antigos textos que fazem Eliot e Pound tão difíceis. O desespero modernista no mundo contemporâneo é também ausente, é claro, uma vez que Hopkins vem de um

período anterior, mais sereno que este da Primeira Guerra Mundial, o qual inspirou o modernismo, mas, no que concerne à fé, pode ser visto como análogo ao de Eliot. Eu diria que a crise de fé entre poetas cristãos foi, no entanto, maior no período moderno depois da Primeira Guerra Mundial. O desespero manifesto nos poemas de Hopkins me parece ser pessoal e espiritualmente motivado em vez de social, cultural e politicamente motivado, como no modernismo.

À frente do seu tempo

Hopkins certamente deve ser encarado como alguém à frente de seu tempo, um precursor da poesia moderna, no que se refere sobretudo à técnica poética. Comparado com seus vitorianos contemporâneos, é como se ele se precipitasse do céu. Temas religiosos à parte, sua linguagem é totalmente original, usando neologismos, aliterações pesadas, sintaxe elíptica, hifenizações não-ortodoxas, e, é claro, seu famoso *sprung rhythm*. Sua poética revolucionária pode ser melhor percebida em seus sonetos — uma forma tradicional — os quais ele (re)torce para acomodar suas técnicas.

IHU On-Line - Hopkins seria, para a literatura inglesa, uma espécie de Joyce da poesia? Quais as aproximações que o senhor faria entre eles?

Thomas Burns - Eu tomaria cuidado com tal comparação a não ser no sentido mais geral. Joyce era um mestre da prosa narrativa (seus poemas líricos eram, ao contrário, pobres e convencionais). Tomados em conjunto, no entanto, ambos os homens reinventaram, de certa forma, a linguagem inglesa tanto para a poesia quanto para a prosa. No entanto, a influência direta de ambos pode ser frequentemente exagerada. A poesia continuou a ser escrita como se Hopkins nunca houvesse existido, embora ele seja, acredito, largamente admirado pelos poetas hoje. A conquista de Joyce, também, é tão monumental que ele teve dois imitadores diretos (se pensa imediatamente em Malcolm Lowry² e Anthony Burgess). Por sua vez, os escritores irlandeses tiveram, em certo ponto, que decidir, como futuros escritores, o que iriam fazer a

² Malcolm Lowry (1909-1957): poeta e romancista inglês. (Nota da IHU On-Line)

“Se metafísico se refere a questões filosóficas, no entanto, as preocupações de Hopkins parecem ser aquelas sobre a possibilidade da fé em um mundo secular”

respeito da figura monumental permanentemente em seus caminhos: se iriam confrontá-lo ou evitá-lo de alguma forma. Ao mesmo tempo, devo acrescentar que em seu caso seria difícil imaginar a ficção do século XX sem Joyce, para o qual sua influência pode ser vista de várias formas: linguisticamente, tematicamente e narrativamente.

IHU On-Line - Jakobson destacou a “prodigiosa visão de estrutura” que possuía Hopkins. Ao mesmo tempo, ele é um poeta com características metafísicas. De que maneira, na sua opinião, se alia a metafísica e uma espécie de domínio verbal em seu trabalho?

Thomas Burns - Jakobson, uma das figuras importantes do estruturalismo, pode ter esperado que se visse a poesia dessa forma, mas não estou certo do que ele quer dizer no caso de Hopkins. Hopkins usou formas tradicionais com grande agilidade, mas estrutura me parece ser um aspecto menos importante em seu trabalho que o jogo de linguagem. Se “metafísica” é o termo tradicionalmente utilizado para se referir a poetas como John Donne, então parece haver um tipo similar de “ginástica” no texto de ambos: a complexa sintaxe e as surpresas léxicas que tanto admiraram seus contemporâneos. Se metafísico se refere a questões filosóficas, no entanto, as preocupações de Hopkins parecem ser aquelas sobre a possibilidade da fé em um mundo secular.

Deus em duas épocas

Talvez uma observação sobre um dos mais bem conhecidos poemas de Hopkins, “God’s grandeur”. Esse poema vale ser mencionado como um primeiro exemplo de literatura ecológica. Em primeira instância, o poeta lamenta o envenenamento da Terra pelo homem e sua perda de contato com a essência da Natureza, e o que é interessante é que ele usa um imaginário dos processos industriais. A segunda instância, no entanto, marca o poema como datado, uma vez que o poeta traz Deus como salvador do planeta, enquanto que hoje em dia não estamos certos de que possa ser salvo de nossas próprias depredações.

IHU On-Line - O que faz, na sua opinião, o poeta Hopkins ser tão importante na poesia internacional. Há poemas específicos de Hopkins que mais atraem sua atenção? Por quais motivos?

Thomas Burns - Não estou certo de que Hopkins possa ser considerado um importante poeta “internacional”, uma vez que a natureza daquilo que ele alcançou poderia parecer fazê-lo uma figura menor na tradução. Com tantos tradutores de poesia tão habilidosos de que tenho conhecimento no Brasil, no entanto, pode não ser proibitivo para ele ser conhecido aqui e em outras culturas cujo idioma não seja o inglês.

Os poemas que mais atraem minha atenção são as séries de sonetos soturnos os quais ele escreveu enquanto passava por alguma crise pessoal, espiritual. Esses não têm títulos, mas as primeiras linhas de alguns dos melhores são: “No worst, there is none. Pitched past pitch of grief”³ e “I wake and feel the fell of dark, not day”.⁴ Não vi nada na poesia inglesa que fosse às profundezas do desespero e do sofrimento como esses poemas. O narrador desses poemas atinge o fundo. Eles são absolutamente devastadores e tudo o mais, talvez porque emergiram de um homem de fé.

³ “Nada pior, nada. De cume a cume da dor arremessado”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 129. (Nota da IHU On-Line)

⁴ “Acordo e sinto o travo da treva, não o dia”. In: HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 133. (Nota da IHU On-Line)

Uma análise sobre o poema “O naufrágio do Deutschland”

POR ANÍBAL GIL LOPES

O poema “O naufrágio do Deutschland” costuma ser visto como o principal poema de Hopkins, pela sua inovação musical e por seu trabalho sofisticado com o verso. Segundo Augusto de Campos, “trata-se, na verdade, de uma extraordinária composição, um compêndio de todas as técnicas do poeta, e a mais completa exposição do seu visionarismo místico”. O médico e padre Aníbal Gil Lopes, que concedeu também entrevista a esta edição da IHU On-Line, avalia algumas das características deste longo poema, no que se refere, sobretudo, aos símbolos religiosos que apresenta.

Começamos falando sobre a origem de “The wreck of the Deutschland” (“O naufrágio do Deutschland”). Foi só em dezembro de 1875, após ter concluído dois anos de noviciado jesuíta, seguidos de três anos dos estudos de filosofia, um ano como professor de retórica, e estar cursando o segundo ano de teologia, realizado em St. Bueno’s, no País de Gales, que Hopkins, a convite de seu superior, retoma a poesia. O evento deflagrador foi o naufrágio, nas costas da Inglaterra, do vapor Deutschland, da North German Lloyd Co. Como noticiam os jornais da época, às cinco horas da manhã da segunda-feira, dia 6 de dezembro de 1875, durante uma tempestade de neve que impedia totalmente a visibilidade, o navio encalhou num banco de areia em Kentish Knock, na foz do rio Tamisa, a 25 milhas de Harwic, cidade costeira localizada na foz dos rios Stour e Orwell, no nordeste da Essex, Inglaterra, onde se encontra um movimentado porto internacional, importante ao longo dos séculos. Durante todo o dia, a tripulação tentou em vão chamar por socorro, sendo que no entardecer os vigias do farol existente no estuário viram a luz dos foguetes e sinalizaram o acidente para o

porto. Todavia, devido ao estado agitado do mar e por não terem embarcação apropriada, não houve tentativa de salvamento. Durante a noite, sob a ação das ondas arremetidas violentamente contra o navio parcialmente submerso, morreram cerca de 60 pessoas. Às dez horas da manhã do dia seguinte, o rebocador Liverpool removeu cerca de 150 sobreviventes. Foi através das descrições amplamente noticiadas pela imprensa da época que Hopkins tomou conhecimento dos detalhes da tragédia. O jornal *The Times* do dia 10 de dezembro relata que houve 135 pessoas salvas e 78 perdidas. No dia 15, novamente se noticia o acidente e o relato é de que foram salvos 48 homens, 21 mulheres e crianças e 86 tripulantes, sendo que haviam desaparecido 40 passageiros e 20 tripulantes. Na edição do dia 18 de dezembro do *The Illustrated London News*, por sua vez, são apresentados os mesmos números, salva a indicação de terem se afogado 44 passageiros, o que corresponde a um total de 64 mortos.

As conseqüências dolorosas do *Kulturkampf*

Entre os passageiros se encontravam cinco freiras franciscanas que se dirigiam ao Canadá em virtude de terem sido exiladas da Alemanha em conseqüência das leis discriminatórias impostas contra os católicos na ocasião. Com o objetivo de consolidar a unidade alemã, Otto von Bismarck (1815-1898), chanceler da Alemanha entre 1871 e 1890, havia obtido o apoio dos liberais nacionalistas contra os católicos, considerados adversários dessa unidade. Através das sanções introduzidas no Código Penal pelo *Kanzelparagraf* (Lei do Púlpito) em 10 de dezembro de 1871, e vários outros aditamentos, como a lei contra os jesuítas (*Jesuitengesetz*), de 4 de julho de 1872, diversas ordens religiosas foram banidas do Império Alemão, suas propriedades confiscadas e bispos católicos

foram presos. Várias sanções contra os católicos foram estabelecidas, como as relativas ao exercício de Funções Públicas. Essas sanções só foram removidas do Código Penal Alemão pela Lei de Alteração de 4 de Agosto 1953. Para caracterizar a política de Bismarck contra a Igreja Católica, o renomado patologista Rudolf Virchow, membro do *Deutsche Fortschrittspartei* (Partido Progressista Alemão), cunhou o termo *Kulturkampf*, usado pela primeira vez em 17 de janeiro de 1873 no parlamento prussiano. As conseqüências dolorosas do *Kulturkampf* eram do conhecimento de Hopkins, que havia conhecido muitos seminaristas jesuítas expulsos da Alemanha que viviam exilados perto de Widnes, Cheshire. É neste contexto que ocorreu o banimento das cinco freiras que morreram no naufrágio do Deutschland.

O pedido para se escrever “O naufrágio do Deutschland”

Na edição do dia 13 de dezembro do *The Times*, é relatado que a superiora das franciscanas clamava: “My God, my God, make haste, make haste” (“Meu Deus, meu Deus, vinde depressa, vinde depressa”) e, segundo descrição apresentada na edição do dia 11 de dezembro do mesmo jornal, ela também clamaria: “O Christ, come quickly! (“Ó Cristo, venha depressa!”). No poema de Hopkins esses clamores se fazem presentes.

Como declara Hopkins em seu Diário, o acidente o impressionou “more than any other wreck or accident I had ever read of” (“Mais do que qualquer outro naufrágio ou acidente que já tinha lido a respeito”).¹ Conversando com Hopkins, o Pe. James Jones, Reitor de St. Buenos, disse-lhe que desejava que alguém escrevesse um poema que tratasse dos aspectos religiosos referentes às irmãs exi-

¹ *The correspondence of Gerard Manley Hopkins and Richard Watson Dixon*, ed. Claude Colleer Abott, 2. ed. revised and enlarged. London and New York, 1955, p. 135. (Nota da IHU On-Line)

ladas. Escreveu Hopkins em seu diário: “On this hint, I set to work and, though my hand was out at first, produced one. I had long had haunting my ear the echo of a new rhythm which now I realized on paper” (“Com esta dica, fui ao trabalho e, embora a minha mão estivesse enfiada, produzi um poema. Há muito vinha assombrando meu ouvido o eco de um novo ritmo que agora eu realizei no papel”).²

A questão da dupla natureza do Verbo de Deus

Hopkins emprega na elaboração do “The wreck of the Deutschland” a maior parte dos conceitos poéticos sobre os quais vinha trabalhando teoricamente, o que certamente tornou-o excessivamente radical para ser aceito e compreendido na época. Com o objetivo de exemplificar tanto os conceitos religiosos utilizados como o estilo característico da obra, voltemos nossa atenção à *Stanza* 34 do “The wreck of the Deutschland”, em que Hopkins aborda a questão da dupla natureza do Verbo de Deus, a encarnação do “mid-numbered” (do meio) da Santíssima Trindade: Cristo, o Filho.

34. *Now burn, new born to the world, / Double-natured name, / The heaven-flung, heart-fleshed, maiden-furled / Miracle-in-Mary-of-flame, / Mid-numbered He in three of the thunder-throne! / Not a dooms-day dazzle in his coming nor dark as he came; / Kind, but royally reclaiming his own; / A released shower, let flash to the shire, not a lightning of fire hard-hurled.*

Essa *Stanza* foi vertida ao português por Aíla Gomes com beleza e delicadeza associadas a uma perfeição técnica brilhante, como podemos ver:

34. Arde, pois, recém-nato para o mundo, / Nome de dupla valia / Do céu-atirado, coração-de-carne, na / virgem-envolvido, / Milagre-de-chama-em-Maria; / Contado no centro dos três, no trono do trovão! / Não veio em juízo-final, tenebroso, ofuscante; / Veio bondoso, mas imperial, reclamando o que era seu; / Que nos con-

² *The correspondence of Gerard Manley Hopkins and Richard Watson Dixon*, ed. Claude Collier Abott, 2. ed. revised and enlarged. London and New York, 1955, p. 14. (Nota da IHU On-Line)

dados baixe uma chuva cintilante, nenhum raio / fulminante no céu.³

Associação entre os sons das palavras e o significado que enunciam

Observemos inicialmente a associação entre os sons das palavras e o significado que enunciam, reflexo da teoria onomatopoiética, apresentada em diferentes obras da época de Hopkins, como no *Essay on the Origin of Language* (*Ensaio sobre a origem da linguagem*) de Frederic Farrar, publicado em 1860. Interessante título, que facilmente nos remete à obra mais relevante de Charles Darwin, *The origin of species* (*A origem das espécies*), e ao cientificismo.

No diário de Hopkins referente aos anos de 1862-1863, encontramos uma longa lista de sons similares acompanhada de descrições detalhadas de suas raízes etimológicas e suas associações, tais como “grind”, “gride”, “gird”, “grit”, “groat”, “grate”, “greet”; “crook”, “crank”, “kranke”, “Crick”, “cranky”; “flick”, “fillip”, “flip”, “fleck”, “flake”.

Formação em línguas clássicas

Sua formação em línguas clássicas certamente lhe dava a base necessária do grego e do latim para estabelecer relações etimológicas. Por outro lado, transparece uma abordagem semelhante à utilizada em várias circunstâncias por Santo Isidoro de Sevilha⁴ nas *Etimologias*, onde estabelece a derivação etimológica a partir de associações simbólicas entre palavras sonoramente semelhantes. Na *Stanza* que estamos analisando, seria plausível compreender, por exemplo, que a idéia central utilizada por Hopkins deriva da associação entre as palavras “son”, “sun”, “nun” e “burn”, que facilmente permitiria interpretar que o “double-natured name”, Cristo, o Fi-

³ HOPKINS, Gerard Manley. *Poemas*. Tradução e introdução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 77. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Santo Isidoro de Sevilha (560-636): teólogo, matemático, foi arcebispo de Sevilha, considerado um dos grandes eruditos e o primeiro dos grandes compiladores medievais. Sua obra influenciou largamente toda a produção intelectual na Espanha medieval. (Nota da IHU On-Line)

lho de Deus (“son”), a Luz do mundo (“Sun”), que renasce na freira (“nun”) e nela se manifestaria como o sol da manhã nas trevas da noite (“burn”). Assim suplica Hopkins: “Now burn, new born to the world” (“Arde, pois, recém-nato para o mundo”), ou seja, Cristo, o recém-nascido, arde como o sol da manhã. Cabe lembrar que a imagem do “Cristo, sol da manhã” é utilizada em um dos hinos do ofício da manhã da liturgia católica, rezado todos os dias por Hopkins. Mais ainda, vale a pena comparar a *Stanza* 34 com o início do Evangelho narrado por João (*King James version*) para nos apercebermos que o “double-natured name” (“Nome de dupla valia”), o “sun/son” (“sol/filho”) se refere à Palavra de Deus, a Luz do Mundo, ou seja, Cristo Jesus, o Filho de Deus:

“In the beginning was the Word, and the Word was with God, and the Word was God. The same was in the beginning with God. All things were made by him: and without him was made nothing that was made. In him was life, and the life was the light of men. And the light shineth in darkness, and the darkness did not comprehend it” (John 1:1-5). [“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus. Ela existia, no princípio, junto de Deus. Tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi feito de tudo o que existe. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (João 1: 1-5).]

A dupla natureza da vida de Cristo

No Credo do Concílio de Nicéia, utilizado pela Igreja Católica, o nome de Cristo está intimamente associado à descrição do nascimento de Cristo com a dupla natureza de Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem. Tomando o texto em português:

“Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa

salvação, desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e se fez homem”.

Na liturgia católica, essa passagem é acompanhada de uma inclinação, sinal do profundo respeito ao Mistério da Encarnação, ou seja, o Filho de Deus que se faz homem no seio de Maria. Hopkins o descreve como “The heaven-flung, heart-fleshed, maiden-furled” (“Do céu-atirado, coração-de-carne, na virgem-envolvido”), e a figura de Maria como o “Miracle-in-Mary-of-flame” (“Milagre-de-chama-em-Maria”) – paráfrase do texto do livro do Apocalipse 12:1 que descreve a “woman clothed with the sun, and the moon under her feet, and on her head a crown of twelve stars” (“uma mulher vestida com o sol, tendo a lua sob seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça”).

Também podemos considerar a dupla natureza da vida de Cristo, na qual paixão e morte são razões e conseqüências de sua encarnação, como declara o credo de Nicéia: “Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus”. Assim como o Sol se põe, dando ocasião para a noite, que é superada na aurora com o seu retorno, Cristo Ressuscitado, após o tempo das trevas, irá retornar no final dos tempos, quando a própria morte será superada. A segunda vinda de Cristo é descrita por João no *Livro das revelações* (19: 11-13): “Vi então o céu aberto, e apareceu um cavalo branco. Aquele que o montava chama-se ‘Fiel e Verdadeiro’. Ele julga e combate com justiça. Seus olhos são como chama de fogo. Na sua cabeça há muitos diademas. Ele traz um nome que ninguém conhece, a não ser ele mesmo. Está vestido com um manto embebido de sangue. Ele é chamado pelo nome de ‘Palavra de Deus’”.

A segunda vinda de Jesus

Hopkins suplica que a segunda vinda de Jesus “to the Shire” (“shire”, terreno especialmente favorecido pela chuva, tomado como sinônimo da Inglaterra) não ocorra no “dooms-day dazzle” (“dia ofuscante do julgamento”, como no terror do Juízo Final) nem no “dark as he

came” (como na tenebrosa obscuridade de sua primeira vinda), mas como a liberação da graça, da Divina Bondade, da Divina Ternura. A expressão “dooms-day dazzle” recorda as imagens descritas na profecia do profeta Sofonias 1: 15-16: “Aquele dia será um dia de cólera, dia de angústia e aflição, dia de devastação e ruína, dia de trevas e escuridão, dia nublado e tenebroso, dia de trombeta e gritos de guerra contra as cidadelas fortificadas e torres da muralha”. Baseado neste texto, Tomás de Celano⁵ compôs, no século XIII, o Hino intitulado *Dies irae*, usualmente recitado nas celebrações dos fiéis defuntos, que inicia afirmando: “Dies irae, dies illa, solvet saeculum in favilla” (“Dia da Ira, aquele dia, em que os séculos se desfarão em cinzas”).

Dia do Juízo

No Dia do Juízo, Cristo reaparecerá em seu “thunder-throne” (“Trono do trovão”), revestido de majestade e glória, e como o sol que com sua luz conquista as trevas em cada manhã, estará “royally reclaiming his own” (“imperial, reclamando o que era seu”). Mais uma vez Cristo estará revelando sua dupla natureza, pois, sendo verdadeiro homem e verdadeiro Deus, pela paixão, morte e ressurreição, realiza o mistério da salvação e, como Salvador, é Juiz. De acordo com o Credo de Nicéia: “E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e Seu reino não terá fim”.

Enfim, atentemos para a última linha da *Stanza* 34, que representa uma das principais chaves de leitura do poema: “A released shower, let flash to the shire, not a lightning of fire hard-hurled” (“Que nos condados baixe uma chuva cintilante, nenhum raio fulminante no céu”). Paralelamente, recordemos o trecho do Evangelho narrado em Mateus 5: 45, onde Jesus afirma que “vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus; pois ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz cair a chuva sobre justos e injustos”. Tudo leva a crer que aos efeitos benéficos da chuva Hopkins associa o desejo (pedido ou súplica de sua ora-

5 Tomás de Celano (1200-1260-1270): monge italiano medieval da ordem dos franciscanos, também foi um poeta. (Nota da IHU On-Line)

ção) de que Cristo possa dar a vida nova que suas águas proporcionam à terra, à Inglaterra, sem que venham os raios fulminantes do julgamento de sua segunda vinda, ou seja, que o Catolicismo possa dar essa vida nova à sua pátria a tempo. Que Cristo, agora nascido ao mundo através do testemunho das freiras, possa antecipar a vinda do Filho do Homem como Juiz. Dessa forma, Hopkins apresenta o sentido sobrenatural do desastre, da vida daquelas que, por causa da fé, estavam no Deutschland buscando o novo lugar para anunciar o Cristo, Luz do Mundo e Senhor da Vida. O mistério da encarnação, morte e ressurreição se revelam no martírio das franciscanas.

OBRAS CONSULTADAS

>> Ver box na entrevista *Um poeta inserido no contexto social e religioso de seu tempo*, com Aníbal Gil Lopes.

BAÚ DA IHU ON-LINE

* João Simões Lopes Neto: *força da literatura brasileira e latino-americana*. Edição nº 73, de 01-09-2003;

* Érico Veríssimo. *Vida, obra e atualidade*. Edição nº 154, de 05-09-2005;

* Sertão é do tamanho do mundo. *50 anos da obra de João Guimarães Rosa*. Edição nº 178, de 02-05-2006;

* Jorge Luis Borges. *A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. Edição nº 193, de 28-08-2006;

* Fiódor Dostoiévski: *pelos subterrâneos do ser humano*. Edição nº 195, de 11-09-2006.

* *Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez*. Edição nº 221, de 28-05-2007;

* Rûmî. *O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade*. Edição nº 222, de 04-06-2007;

* Clarice Lispector. *Uma pomba na busca eterna pelo ninho*. Edição nº 228, de 16-07-2007;

* Carlos Drummond de Andrade: *o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo*. Edição nº 232, de 20-08-2007;

* Antônio Vieira. *Imperador da língua portuguesa*. Edição nº 244, de 19-11-2007;

* *O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia*. Edição nº 251, de 17-03-2008;

* Machado de Assis: *um conhecedor da alma humana*. Edição nº 262, de 16-06-2008;

* Macunaíma: *80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil*. Edição nº 268, de 11-08-2008.

* Machado de Assis e Guimarães Rosa: *intérpretes do Brasil*. Edição nº 275, de 29-09-2008.

>> Leia também uma entrevista concedida por Mark Ridd à IHU On-Line, “A sensibilidade poética de Gerard Hopkins”, publicada na edição número 186, de 26-06-2006.

Antologia de poemas de Gerard Manley Hopkins

Com traduções de Augusto de Campos, já publicadas no livro *Hopkins: a beleza difícil* (São Paulo: Perspectiva, 1997), e de Alípio Correia de Franca Neto, todas inéditas, apresentamos uma seleção de poemas de Gerard Manley Hopkins.

Tu és de fato justo

*Justus quidem tu es, Domine, si disputem tecum: verumtamen
justa loquar ad te: Quare via impiorum prosperatur? Etc.*

Tu és de fato justo, ó Deus, se brigo
Contigo; e é justo, Deus, o que disputo.
Como o ímpio avança, e a frustração é o fruto
De todo empreendimento a que me obrigo?

Fosses o imigo, ó tu, que és meu amigo,
Serias pior, pergunto, mais arguto
Triunfando, baldando? O ébrio e o dissoluto
Mais fazem no ócio que eu, Senhor, que sigo

Por ti. Vê o monte, a mata, que coberta
Densa de rama! Enlaça-a agora o inciso
Cerefólio, olha! e a brisa fresca inquieta-

a; aves constroem —, e eu não, não crio, em crises,
Eunuco do tempo, a arte que desperta.
Me rega, ó Deus de vida, rega as raízes.

Tradução de Alípio Correia de Franca Neto

Thou art indeed just, Lord

*Justus quidem tu es, Domine, si disputem tecum: verumtamen
justa loquar ad te: Quare via impiorum prosperatur? Etc.*

*Thou art indeed just, Lord, if I contend / With thee; but, sir, so what I plead is just. /
Why do sinners's ways prosper? and why must / Disappointment all I endeavour end? /
/ Wert thou my enemy, O thou my friend, / How wouldst thou worse, I wonder, than
thou dost / Defeat, thwart me? Oh, the sots and thralls of lust / Do in spare hours
more thrive than I that spend, / /Sir, life upon thy cause. See, banks and brakes /
Now, leavèd how thick! lacèd they are again / With fretty chervil, look, and fresh wind
shakes / / Them; birds build — but not I build, no, but strain, / Time's eunuch, and not
breed one work that wakes. / Mine, O thou lord of life, send my roots rain.*

Paragem-Paraíso

Uma noviça toma o véu

Quis ir para um lugar
Onde não falte fonte,
Nem grasse gelo áspero e bifronte;
Só lírios para olhar.

Pedi para ficar
Onde o vento não ouse,
Silente, a verde vaga ao porto pouse;
Longe, o clamor do mar.

Tradução de Augusto de Campos

Heaven-Haven / A nun takes the veil

*I have desired to go / Where springs not fail, / To fields where flies no sharp and sided hail /
And a few lilies blow. / / And I have asked to be / Where no storms come, / Where the green
swell is in the havens dumb, / And out of the swing of the sea.*

Meu coração mais dele eu tenha dó

Meu coração mais dele eu tenha dó; mais brando
Seja ao meu triste eu mesmo desde este momento,
Caridoso; não viva a mente em seu tormento
À mente atormentada ainda atormentando.

Caço um conforto que eu não posso ter, tateando
Meu sem conforto, mais que um olho cego o alento
Do dia em sua treva, ou mais que alguém sedento
Sede total num mundo de águas se avistando.

Alma, eu; vem, mísero João-eu, ouve este aviso,
Ó, trapo; deixa, enxota um pouco estas idéias;
À paz raiz-terreno; cresça o ânimo feliz o
Quanto e quando Deus quiser; seu riso não é à
Força, vê: igual aos céus – que de improviso
Entrematizam montes – luz por linda aléia.

Tradução de Alípio Correia de Franca Neto

My own heart let me more have pity on

*My own heart let me more have pity on; let / Me live to my sad self hereafter kind, / Charitable;
not live this tormented mind / With this tormented mind tormenting yet. / I cast for comfort
I can no more get / By groping round my comfortless, than blind / Eyes in their dark can day
or thirst can find / Thirst's all-in-all in all a world of wet. / / Soul, self; come, poor Jackself, I
do advise / You, jaded, let be; call off thoughts awhile / Elsewhere; leave comfort root-room;
let joy size / / At God knows when to God knows what; whose smile / 's not wrung, see you;
unforeseen times rather – as skies / Betweenpie mountains – lights a lovely mile.*

O falcão

A Cristo nosso Senhor

Notei nesta manhã o amado da manhã, delfim
Do reino do dia, falcão do-dardejo-d'alva, cavalgando
O ar ondeante liso sob ele estável, e galgando
Ao alto, o quanto regirava à rédea da asa undosa ali em
Seu êxtase! E fora, afora oscila, como o fio do patim
Raspa de leve a curva em arco; o arrojo e o vôo pairando
Repeliram o vento forte. Meu coração, se clausurando,
Ansiava uma ave – a execução, a mestria da coisa assim!

Belo bruto e bravura e ato, oh, ar, brio, plumeiro,
Aqui se fundam! E o fogo que de ti, então, centelha,
Bilhões de vezes mais amável, perigoso, ó cavaleiro!

Não admira: o simples capinar no sulco faz que a relha
Brilhe, e a brasa azul-lívida, Ah, meu companheiro,
Cai, se gasta e se achaga ouro-vermelha.

Tradução de Alípio Correia de Franca Neto

The windhover

To Christ our Lord

*I caught this morning morning's minion, king- / dom of daylight's dauphin, dapple-dawn-
drawn Falcon, in his riding / Of the rolling level underneath him steady air, and striding
/ High there, how he rung upon the rein of a wimpling wing / In his ecstasy! then off,
off forth on swing, / As skate's heel sweeps smooth on a bow-bend: the hurl and gliding
/ Rebuffed the big wind. My heart in hiding / Stirred for a bird, – the achieve of, the
mastery of the thing! / / Brute beauty and valour and act, oh, air, pride, plume, here
/ Buckle! AND the fire that breaks from thee then, a billion / Times told lovelier, more
dangerous, O my chevalier! / / No wonder of it: sheer plod makes plough down sillion
/ Shine, and blue-bleak embers, ah my dear, / Fall, gall themselves, and gash gold-
vermilion.*

Ecoa isso, ecoa,
Cuco, ave, abre as fontes-ouvidos, coração-nascentes, suavemente
voa
Num revôo, um rebôo, uma canção
De troncos trincados e buracos do chão, oco oco oco chão:
Toda paisagem nasce de súbito a um som.

Tradução de Augusto de Campos

*Repeat that, repeat, / Cuckoo, bird, and open ear wells, heart-springs, delightfully sweet /
With a ballad, with a ballad, a rebound / Off trundled timber and scoops of the hillside ground,
hollow / hollow hollow ground: / The whole landscape flushes on a sudden at a sound*

Lanterna externa

Uma lanterna move-se na noite escura,
Que às vezes nos apraz olhar. Quem anda
Ali? – medito. De onde, para onde o manda
Dentro da escuridão essa luz insegura?

Homens passam por mim, cuja beleza pura
Em molde ou mente ou mais um dom maior demanda.
Chovem em nosso ar pesado a sua branda
Luz, até que distância ou morte os desfigura.

Morte ou distância vêm. Por mais que para vê-los
Volteie a vista, é em vão: eu perco o que persigo.
Longe do meu olhar, longe dos meus desvelos

Cristo vela. E o olhar de Cristo, em paz ou perigo,
Os vê, coração quer, amor provê, pé ante pé, com suaves zelos:
Resgate e redenção, primeiro, íntimo e último amigo.

Tradução de Augusto de Campos

The lantern out of doors

Sometimes a lantern moves along the night, / That interests our eyes. And who goes there? / I think; where from and bound, I wonder, where, / With, all down darkness wide, his wading light? / / Men go by me whom either beauty bright / In mould or mind or what not else makes rare: / They rain against our much-thick and marsh air / Rich beams, till death or distance buys them quite. / / Death or distance soon consumes them: wind / What most I may eye after, be in at the end / I cannot, and out of sight is out of mind. / / Christ minds: Christ's interest, what to avow or amend / There, éyes them, heart wánts, care haúnts, foot fóllows kínd, / Their ránsom, théír rescue, ánd first, fást, last friénd.

Chispeia o papa-peixe

Chispeia o papa-peixe, brilha a libelinha;
Tombado sobre a borda de um tanque redondo
O seixo soa; a um toque a corda ecoa; e o som do
Badalo é língua e brada longe o nome – é assim a
Ação que sempre é feita: o ser que em nós se aninha
Cada coisa mortal o distribui de todo;
Vem-a-si, trilha a si; “eu” exclama, escande, estronda o
Eu sou o que faço: tal era a missão que eu tinha.

Digo mais: um homem justo justiça – e isto:
Guarda graça; o que a seus atos guarda graça; e
Faz aos olhos de Deus o que é a seus olhos – Cristo –
Porque Cristo atua em dez mil lugares, faz-se
Formoso em membros, e olhos de outros, onde é visto
Até ao Pai pelas feições de humanas faces.

Tradução de Alípio Correia de Franca Neto

As kingfishers catch fire

As kingfishers catch fire, dragonflies draw flame; / As tumbled over rim in roundy wells / Stones ring; like each tucked string tells, each hung bell's / Bow swung finds tongue to fling out broad its name; / Each mortal thing does one thing and the same: / Deals out that being indoors each one dwells; / Selves – goes itself; myself it speaks and spells; / Crying What I do is me: for that I came. / / I say more: the just man justices; / Keeps grace: that keeps all his goings graces; / Acts in God's eye what in God's eye he is – / Christ – for Christ plays in ten thousand places, / Lovely in limbs, and lovely in eyes not his / To the Father through the features of men's faces.

Desperto. Um travo dói, de treva, não de dia.
Que horas, que horas-negror nós conhecemos,
Que noite! Que visões, meu coração, que extremos!
E o que virá da luz em mais lenta agonia?

Eu falo a testemunha. E onde antes eu via
Horas eu vejo eras, vida. E o que vivemos
São gritos, gritos, sim, cartas mortas que lemos
Ao ser maior que vive ah! em longa moradia.

Sou cancer-coração, sou fel. Pois Deus me deu
O dom de em mim provar meu mal: meu fel fui eu;
Selado em osso e pele, em meu sangue, o sabor.

O lêvedo do ser destila amargo breu.
Aos perdidos, talvez, o seu castigo é o seu
Suor de ser, como eu o meu; porém pior.

Tradução de Augusto de Campos

I wake and feel the fell of dark, not day. / What hours, O what black hours we have spent / This night! what sights you, heart, saw; ways you went! / And more must, in yet longer light's delay. // With witness I speak this. But where I say / Hours I mean years, mean life. And my lament / Is cries countless, cries like dead letters sent / To dearest him that lives alas! away. // I am gall, I am heartburn. God's most deep decree / Bitter would have me taste: my taste was me; / Bones built in me, flesh filled, blood brimmed the curse. // Selfyeast of spirit a dull dough sours. I see / The lost are like this, and their scourge to be / As I am mine, their sweating selves; but worse.

Primavera e outono

Margarida, você sofre se olha
O Bosque de Ouro que se desfolha?
Nas folhas, como no que pertença
Ao homem, você, inocente, pensa?
Ah, quando um coração envelhece,
Fica mais frio a imagens como essa,
Não solta ais se o bosquebranco em tais
Mundos folha-esfarelados jaz;
Mas vai chorar, vai saber mais.
Ora, não importa o nome, pequena:
São as mesmas as fontes da pena;
A boca não exprime, nem a mente,
O que o coração ouve, a alma, sente:
É a praga a que o homem nasce – agora,
É Margarida que você chora.

Tradução de Alípio Correia de Franca Neto

Spring and fall

*Márgarét, are you gríeving / Over Goldengrove unleaving? / Léaves, líke the things of man, you
/ With your fresh thoughts care for, can you? / Ah! ás the heart grows older / It will come to
such sights colder / By and by, nor spare a sigh / Though worlds of wanwood leafmeal líe; / And
yet you will weep and know why. / Now no matter, child, the name: / Sórror's spríngs áre the
same. / Nor mouth had, no nor mind, expressed / What heart heard of, ghost guessed: / It ís
the blight man was born for, / It is Margaret you mourn for.*

A grandeza de Deus

A grandeza de Deus o mundo inteiro a admira.
Em ouro ou ouropel faísca o seu fulgor;
Grandiosa em cada grão, cada limo em óleo amor-
Tecido. Mas por que não temem sua ira?
Gerações vêm e vão; tudo o que gera, gira
E gora em mercancia; em barro, em borra de labor;
E ao homem mancha o suor, o sujo, a sujeição; sem cor
O solo agora é; nem mais, solado, o pé o sentira.

E ainda assim a natureza não se curva;
Um límpido frescor do ser das coisas vaza;
E quando a última luz o torvo Oeste turva
Ah, a aurora, ao fim da fímbria oriental, abrasa –
Porque o Espírito Santo sobre a curva
Terra com alma ardente abre ah! a asa alva.

Tradução de Augusto de Campos

God's grandeur

*The world is charged with the grandeur of God. / It will flame out, like shining from shook foil;
/ It gathers to a greatness, like the ooze of oil / Crushed. Why do men then now not reck his rod?
/ Generations have trod, have trod, have trod; / And all is seared with trade; bleared, smeared
with toil; / And wears man's smudge and shares man's smell: the soil / Is bare now, nor can foot
feel, being shod. / / And for all this, nature is never spent; / There lives the dearest freshness
deep down things; / And though the last lights off the black West went / Oh, morning, at the
brown brink eastward, springs – / Because the Holy Ghost over the bent / World broods with
warm breast and with ah! bright wings.*

Em honra de
SANTO ALFONSO RODRIGUEZ,
Irmão leigo da Companhia de Jesus

Dizemos que nos feitos fulge algum valor;
Se o golpe achagou o corpo e gastou o escudo outrora,
Faz hoje ecoar o tempo, alçar o campo agora –
Gravar, sobre o guerreiro, o dia de esplendor.

Ao mártir, talvez marque; marca o Salvador.
Porém, se a guerra é em nós, se não se brande afora
O gládio, e heróis não têm couraça, o mundo ignora,
Na mais feroz refrega, o frêmito e o fragor.

Contudo Deus (que esculpe o monte, o continente,
O mundo todo; que, instilando um incremento,
Põe veias na violeta e as árvores exorta
Ao céu) soube coroar com glórias a contento
Anos e mais anos de um mundo sem evento
Quando, em Maiorca, Alfonso vigiava a porta.

Tradução de Alípio Correia de Franca Neto

In honour of ST. ALPHONSUS RODRIGUEZ
Laybrother of the Society of Jesus

*Honour is flashed off exploit, so we say; / And those strokes once that gashed flesh or galled
shield / Should tongue that time now, trumpet now that field, / And, on the fighter, forge
his glorious day. / / On Christ they do and on the martyr may; / But be the war within, the
brand we wield / Unseen, the heroic breast not outward-steeled, / Earth hears no hurtle then
from fiercest fray. / / Yet God (that hews montain and continent, / Earth, all, out; who, with
trickling increment, / Veins violets and tall trees makes more and more) / Could crowd career
with conquest while there went / Those years and years by of world without event / That in
Majorca Alfonso watched the door.*

Não, não, pior não há, dor mais dor do que a dor,
Além-ais de aquém-ais torturam-se outra vez.
Onde está teu consolo, ó Mãe, que a tudo vê?
E o teu conforto, onde, ó meu confortador?

Meus gritos em rebanho arrebanham em cor-
o a dor, a dor do mundo, arquibigorna, e se
Calmam, calam. A Fúria uiva: “Nenhum re-
morso! Que seja fel. Sem mora e sem amor”.

Ah! a mente tem montanhas; precipícios, vias
Terríveis, que ninguém trilhou. Se alguém duvida
É que nunca as buscou. Essas regiões sombrias

Mal pisa o pé, pesado. Aqui! rasteja a tua lida
No rede(e a um só consolo serve)moínho: os dias
Morrem no sono e a morte apaga toda a vida

Tradução de Augusto de Campos

*No worst, there is none. Pitched past pitch of grief, / More pangs will, schooled at forepangs,
wilder wring. / Comforter, where, where is your comforting? / Mary, mother of us, where is
your relief? / / My cries heave, herds-long; huddle in a main, a chief / Woe, wórl-d-sorrow;
on an áge-old anvil wince and sing – / Then lull, then leave off. Fury had shrieked ‘No ling- /
-ering! Let me be fell: force I must be brief’ / / O the mind, mind has mountains; cliffs of
fall / Frightful, sheer, no-man-fathomed. Hold them cheap / May who ne’er hung there. Nor
does long our small / / Durance deal with that steep or deep. Here! creep, / Wretch, under a
comfort serves in a whirlwind: all / Life death does end and each day dies with sleep.*



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Livro da Semana

Racionalidade cínica, raiz da anomia social

Vladimir Safatle localiza em Hegel a equiparação de racionalidade com normatividade, desembocando em uma intersversão da racionalidade em cinismo. Estabilização na decomposição, ou anomia social, é seu corolário

POR MÁRCIA JUNGES

“**P**oderia dizer que desde Hegel sabemos que, a partir do momento em que racionalidade foi confundida com normatividade, as portas estavam abertas para esta intersversão de racionalidade em cinismo”, esclarece o filósofo Vladimir Safatle, na entrevista exclusiva, a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Convidado a discutir as idéias de sua recente obra *Cinismo e falência da crítica* (São Paulo: Boitempo, 2008), ele rebateu as acusações de niilismo que vem recebendo. Para ele, niilismo “não é uma análise, mas simplesmente uma injúria, um termo impreciso que utilizamos quando se é questão de tentar desqualificar o oponente”. Em sua opinião, encontramos “em uma situação muito peculiar de anomia, já que não se trata aqui de ausência de estruturas normativas, mas de indeterminação em nossos modos de aplicação daquilo que parecia fundamentar a racionalidade de nossas formas de vida”.

Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e em Comunicação Social, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, Safatle é mestre em Filosofia, pela Universidade de São Paulo (USP), e doutor em *Lieux et transformations de la philosophie*, pela Université de Paris VIII, com a tese *La passion du négatif: modes de subjectivation et dialectique dans la clinique lacanienne*. Professor da USP, atualmente desenvolve pesquisas nas áreas de epistemologia da psicanálise, desdobramentos da tradição dialética hegeliana na Filosofia do século XX e Filosofia da Música. Além de ser um dos coordenadores da International Society of Psychoanalysis and Philosophy, é autor de *A paixão do negativo: Lacan e a dialética* (São Paulo: Unesp, 2006) e *Lacan* (São Paulo: Publifolha, 2007) e um dos organizadores de *A filosofia após Freud* (São Paulo: Humanitas, 2008).

IHU On-Line - Quais são as raízes da racionalidade cínica à qual você se refere em *Cinismo e falência da crítica*?

Vladimir Safatle - Há duas formas de responder sua pergunta, mas a resposta correta é uma certa articulação cruzada entre estas duas formas. Primeiro, poderíamos dizer que a intersversão da racionalidade em cinismo é resultado de uma certa desagregação da substância normativa das sociedades ocidentais. Isto acabou por generalizar uma situação onde critérios normativos intersubjetivamente partilhados continuam vigorando,

mas sem poder garantir um campo seguro e não problemático de determinação. Desta forma, todos podem estar de acordo sobre quais os critérios e valores que devem vigorar em nossas sociedades ocidentais, No entanto, tais critérios e valores podem justificar situações contraditórias entre si. O que significa que entramos assim em uma situação muito peculiar de anomia, já que não se trata aqui de ausência de estruturas normativas, mas de indeterminação em nossos modos de aplicação daquilo que parecia fundamentar a racionalidade de nossas

formas de vida.

Aqui entra um segundo aspecto. Poderia dizer que desde Hegel¹ sabe-

¹ Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos*

mos que, a partir do momento em que racionalidade foi confundida com normatividade, as portas estavam abertas para esta interspersão de racionalidade em cinismo. Por isto, meu livro começa com um comentário do que estava realmente em jogo na leitura hegeliana deste documento fundador das discussões a respeito da razão cínica, a saber, *O sobrinho de Rameau*, de Diderot.²

Mas o que significa dizer que devemos evitar confundir racionalidade com normatividade? Quando nos perguntamos sobre o que fundamenta uma ação correta, dizemos que a ação correta é aquela que permite a realização de valores socialmente partilhados que se realizam necessariamente como norma. Assim, a ação justa é aquela que realiza a justiça como valor, enquanto a ação autônoma é aquela que realiza a autonomia como valor, e a ação democrática, aquela que realiza a democracia como valor. Isto parece trivial, mas não é. Pois trata-se de afirmar que o julgamento é uma comparação entre valores e casos particulares, entre normas e ações.

Neste sentido, diria que o cinismo nos mostra como a partilha de valores e a fundamentação de normas não podem fundamentar nossas ações. Pois posso, sem contradição (este é um ponto importante), enunciar valores de tolerância e agir de maneira intolerante, enunciar valores de democracia e agir de maneira totalitária. No fundo, o fenômeno do cinismo nos lembra que a partilha de valores e normas não serve para julgar a ação.

Insisto nestes dois pontos para mostrar como a análise de um fenômeno como a racionalidade cínica exige uma articulação profunda entre crítica da razão e crítica social. Tal articulação é nossa tarefa mais urgente.

IHU On-Line - Essa racionalidade cínica é a essência da racionalidade pós-moderna? Até que ponto ela é

Roberto Velho Cirne-Lima. *Um novo modo de ler Hegel*. (Nota da IHU On-Line)

2 Denis Diderot (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao ceticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da IHU On-Line)

um corolário das sociedades capitalistas e as retroalimenta?

Vladimir Safatle - Como demonstrou Max Weber,³ o capitalismo não é apenas um sistema de trocas econômicas, mas uma forma de vida que exige um *ethos*, um padrão de conduta social que acaba, inclusive, por moldar nossas formas de relação a nós mesmos. Se aceitarmos isto, devemos nos perguntar sobre qual o tipo de racionalidade que a etapa atual do capitalismo exige.

Esta é uma discussão muito marcada por estudos sobre o “novo espírito do capitalismo”, como os desenvolvidos por Luc Boltanski⁴ e Eve Chiapello,⁵ assim como por um certo enquadramento sócio-histórico de certas teorias psicanalíticas sobre socialização. Grosso modo, diria que a antecâmara da ética protestante do trabalho ascético weberiano, com sua exigência de afastamento do gozo dos bens que acumulo, foi fornecida por Freud⁶

3 Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

4 Luc Boltanski (1940): sociólogo francês, com Eve Chiapello autor de *Le Nouvel esprit du capitalisme* (Paris, Gallimard, NRF-Essais, 1999). Diretor de estudos na EHESS, França. (Nota da IHU On-Line)

5 Eve Chiapello (1965): socióloga francesa, com Luc Boltanski autor de *Le Nouvel esprit du capitalisme* (Paris, Gallimard, NRF-Essais, 1999). (Nota da IHU On-Line)

6 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o

e sua teoria do superego repressor que marca toda exigência de gozo com o selo da culpabilização.

No entanto, como este modo de trabalho modificou-se, como a vocação identitária e restritiva a funções específicas deu lugar à flexibilização, à maleabilidade, ao risco (suma aventura da nossa época) e à capacidade de romper regras (herança das utopias de 1968 que o mundo do trabalho soube absorver), então deveríamos nos perguntar sobre que tipo de racionalidade é esta para a qual a flexibilidade e a indeterminação são dispositivos fundamentais. No meu livro, tentei demonstrar como ela estava profundamente vinculada ao que devemos compreender por “racionalidade cínica”.

IHU On-Line - A que se deve a “estabilização na decomposição” à qual você se refere em sua obra?

Vladimir Safatle - Ela é a descrição deste processo no qual a desagregação normativa, longe de aparecer simplesmente como fonte de angústia e ansiedade, aparece como situação na qual uma certa racionalidade cínica pode operar constituindo formas de vidas que se desenvolvem em situação de anomia social.

IHU On-Line - Podemos falar nessa estabilização na decomposição como uma espécie de niilismo passivo, nos modelos propostos por Nietzsche?

tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006 o tema de capa *Freud e a religião*. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para download no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

7 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da IHU On-Line)

Vladimir Safatle - Esta é uma pergunta interessante porque fui acusado, mais de uma vez, de niilismo por expor uma desconfiança profunda em relação a discursos edificantes que procuram legitimar seus modos de avaliação através do recurso a valores intersubjetivamente partilhados. Pareceu que esta crítica irrestrita a valores seria profissão de fé niilista. No entanto, insistiria que “niilismo” não é uma análise, mas simplesmente uma injúria, um termo impreciso que utilizamos quando se é questão de tentar desqualificar o oponente. Neste sentido, eu diria que sempre se é o niilista de alguém. O niilista é sempre o outro, aquele que não posso reconhecer por colocar em questão a universalidade do meu próprio sistema de avaliação. Por isto, não creio que devemos utilizar o termo em circunstância alguma.

Voltando à sua pergunta, diria que o cinismo nos mostra não exatamente uma posição niilista (já que tenho dificuldades em entender o que afinal isto possa ser), mas uma forma muito peculiar de gozo por situações de anomia e de indeterminação. Insistiria em deslocar o problema para esta esfera onde os modos de satisfação subjetiva aparecem, pois acredito que há uma economia libidinal complexa suportando o cinismo como posição social. Tentei descrevê-la em um capítulo do meu livro intitulado “Para uma crítica da economia libidinal”. Creio que há ainda muito a ser desenvolvido a respeito deste ponto.

IHU On-Line - Restaurar o trágico em nossas vidas seria uma forma de suplantar essa racionalidade cínica?

Vladimir Safatle - A experiência da tragédia sempre esteve ligada à consciência do caráter instaurador do conflito e da contradição. No campo da estética, há uma *forma* trágica, pensada como forma habitada pelo conflito entre exigências de expressão e capacidades formais de construção. Neste sentido, a forma trágica é aquela que manifesta a necessidade de sua própria superação, mesmo que ela indique a inadequação dos meios disponíveis para isto. Este ponto certamente deve ser absorvido por todos os que julgam tarefa maior procurar suplantar a hegemonia de uma certa racionalidade cínica. O problema é que temos cada vez mais medo de assumir a superação como tarefa.

LEIA MAIS...

>> Vladimir Safatle já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

* *Totalitarismos: uma reflexão político-social e libidinal*. Edição n 265, *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*, de 21-07-2008.

Teologia Pública

Sínodo dos Bispos atualizou o Concílio Vaticano II

Para o teólogo Johan Konings, o Sínodo dos Bispos de 2008 teve a intenção de continuar e de atualizar o Concílio Vaticano II

POR GRAZIELA WOLFART

Johan Konings participou XII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada de 5 a 26 de outubro, no Vaticano. Ele classifica o evento como “fabuloso”. Na entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, Konings afirma que o sínodo “foi uma oportunidade para conhecer a situação e os projetos das mais diversas regiões onde a Igreja está presente neste mundo globalizado”. E conclui que “não se deu um passo para trás em relação ao Concílio, mas que, pelo contrário, se mostrou uma vontade unânime de avançar”.

Johan Konings é professor no Instituto Santo Inácio – Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus – ISI – CES, de Belo Horizonte, MG. Graduado em Filosofia e Teologia, Konings concluiu o doutorado em Teologia na Universidade Católica de Louvaina, na Bélgica. Entre seus livros publicados, citamos *Ser cristão – Fé e prática* (Petrópolis: Vozes, 2003) e *Liturgia Dominical. Mistério de Cristo e formação dos fiéis (anos A – B – C)* (Petrópolis: Vozes, 2003). É autor também do *Cadernos Teologia Pública* número 1, intitulado *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI*.

IHU On-Line - Qual a avaliação geral que o senhor faz do Sínodo sobre a Bíblia realizado em Roma recentemente, considerando a sua importância no momento atual? Quais os principais avanços e quais os pontos que deixaram a desejar?

Johan Konings - O Sínodo é uma instituição para dar continuidade ao Concílio Vaticano II. Deve promover a recepção do Concílio pelo povo eclesial. A importância disso salta à vista quando se sabe que o Concílio de Trento levou quatrocentos anos para ser mais ou menos “recebido” no Brasil. Agora, estamos a mais de qua-

renta anos do Vaticano II (1962-1965), mas espera-se que a recepção não leve quatro séculos. As sucessivas Assembléias Gerais do Sínodo dos Bispos servem para fomentar e atualizar a realização na prática daquilo que o Concílio projetou. Assim, o Concílio fez um documento sobre a Revelação Divina: a constituição conciliar *Dei Verbum*, talvez o texto mais importante do Concílio. O último capítulo se intitulava: “A Palavra de Deus na vida da Igreja”. O Sínodo de 2008 teve como tema “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. Nota-se a intenção de continuar e de atu-

alizer o Concílio, insistindo na “missão”, termo que não estava no texto do Concílio. Pois, desde o Concílio, percebeu-se que missão não é apenas ir aos indígenas da Amazônia, mas às tribos de nossa juventude urbana e aos pagãos de nossas avenidas e campi universitários. Olhando assim, achei o Sínodo fabuloso. Foi uma oportunidade para, através da voz de 253 bispos, eleitos por seu confrades de cada região, conhecer a situação e os projetos das mais diversas regiões onde a Igreja está presente neste mundo globalizado. E pode-se dizer que não se deu um passo para trás em relação ao Concílio, mas que, pelo contrário, se mostrou uma vontade unânime de avançar.

IHU On-Line - Como foi a participação das 25 mulheres e do rabino chefe de Haifa, Israel, Shear-Yashuv Cohen, neste sínodo? Como o senhor avalia a presença deles neste importante evento?

Johan Konings - A participação das mulheres foi, acho eu, uma coisa normal. Participaram como observadoras, pois os participantes com direito a voto eram somente os bispos. Claro, lamenta-se que a atual estrutura da Igreja não tenha mulheres na hierarquia. Algumas deram testemunho impressionante. Lembro-me de uma africana que falou das pequenas comunidades do povo sofrido na África, e de uma russa, professora de artes plásticas, que testemunhou sobre o impacto que os ícones com cenas bíblicas evocam entre seus colegas descristianizados. A própria mãe geral das Paulinas, brasileira, falou com clareza sobre a pastoral bíblica popular. Quanto ao Rabino de Haifa, deu um testemunho da veneração profunda com que o povo judeu — pelo menos os piedosos — escuta e rumina a palavra de Deus na Torá e nos Profetas. Há algo que se percebia o tempo todo: as tensões no próximo e Médio Oriente pesam muito sobre a Igreja. Assim, logo depois do Sínodo, o Papa teve de explicitar junto aos líderes muçulmanos o pedido de respeito pela liberdade religiosa. Quanto a Israel, o proble-

ma é que os cristãos na região são quase sempre palestinos, isso sem falar das perseguições abertas na Indonésia e na Índia.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o Sínodo no que diz respeito ao processo de reunir os avanços da leitura Bíblica Pastoral nos diversos continentes? Isso foi alcançado?

Johan Konings - O Sínodo não era para “decidir” novidades. Era uma reflexão, um curso de teologia fundamental em torno da Palavra de Deus. Mas nas proposições, ou seja, nas sugestões votadas em plenário para serem apresentadas ao Papa,

“Há algo que se percebia o tempo todo: as tensões no próximo e Médio Oriente pesam muito sobre a Igreja”

aparecem claros avanços: o desejo de que a Bíblia seja mais divulgada, estudada com os devidos métodos científicos que a Igreja vem fomentando com toda a força nos últimos cinquenta anos, claramente expostos no importantíssimo documento da Pontifícia Comissão Bíblica de 1993; o desejo de que o estudo leve à contemplação, à oração e à prática da comunhão fraterna; a valorização do trabalho dos leigos, dos agentes de pastoral bíblica, especialmente das mulheres, para as quais se pede seja estendida a ordenação ao ministério de leitorado; que os pobres sejam “artífices de sua própria história”, impulsionados pela Palavra de Deus acolhida nas suas comunidades; que a Bíblia esteja em todas as famílias, inclusive nas línguas dos povos pequenos e pobres; que a pastoral bí-

blica não seja uma pastoral ao lado das outras, mas a inspiração que permeie todas as pastorais; que finalmente se leve a sério o enriquecimento bíblico da Liturgia a partir do Vaticano II e o valor de uma homilia bem preparada pelo estudo e pela oração — além de bem proferida; essas e tantas outras foram expressões do desejo praticamente unânime dos bispos de avançar na linha do Concílio Vaticano II.

IHU On-Line - Por que os livros Apócrifos atraem tanto o público? Não está na hora de fazer uma leitura de como foram selecionados os livros que hoje formam a Bíblia e revisar os que ficaram de fora?

Johan Konings - Falou-se da Bíblia que temos. Esta é a consagração por escrito do “evento da Palavra de Deus” no seu momento culminante, quando a Palavra se fez carne em Jesus de Nazaré. A Bíblia é o documento escrito desse evento a partir das testemunhas de primeira mão, no tempo dos Apóstolos. Esse testemunho inclui as Escrituras de Israel, que lhe fornecem a linguagem e que em Jesus encontram sua plenitude. É o documento referencial da fé das testemunhas de Jesus. Com isso não se mexe. Seria como destruir um monumento para colocar outra coisa no lugar. É verdade que a Palavra de Deus é maior que a Bíblia. A Palavra de Deus é um diálogo conosco que começou com palavra da criação, como lembra São João no prólogo que anuncia a encarnação dessa Palavra em Jesus — encarnação situada no tempo e no espaço, e que continua na Sagrada Escritura, situada ela também no tempo e no espaço, participando das limitações históricas humanas, sem, contudo, perder sua “confiabilidade” divina. Assim, fica claro que a Palavra de Deus é maior do que a Bíblia, que é sua expressão “autorizada”. E ninguém pode proibir a Deus de dar-se a conhecer em outras oportunidades, em escritos não oficiais, em outras religiões. Mas a Bíblia que temos é o monumento seguro do evento Jesus Cristo atestado por seus seguidores de primeira mão, “o que ouvimos, o que vimos com os

nossos olhos e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da vida”, como diz a primeira Carta de João. Quanto aos apócrifos, estou estudando todos os apócrifos do tempo do Antigo e do Novo Testamento, e posso dizer que não gostaria de complicar a vida dos fiéis com esses escritos, sobretudo os que dizem respeito ao Novo Testamento, escritos num código gnóstico impenetrável.

IHU On-Line - Que hermenêuticas o senhor apontaria como importantes hoje na leitura da Palavra, para não cair em fundamentalismos, literalismos ou leituras ideológicas?

Johan Konings - Quanto à hermenêutica ou interpretação, toda escuta e toda leitura é uma interpretação, pois senão, não se entende nada. Os fundamentalistas pensam que eles não interpretam, mas interpretam sem que saibam, e reforçam interpretações subliminares sem se darem conta disso. Ora, interpretação sempre tem uma dupla interface – por isso se chama “inter”-pretação: é interlocução, mediação entre o texto que representa o evento Jesus no seu momento fundador, abordado com métodos históricos e literários, e o nosso texto de hoje, o texto de nossa vida, em nossa sociedade, em nosso mundo político-econômico-social-cultural-ecológico etc., assimilado com a nossa psicologia pessoal e coletiva. Colocar tudo isso em diálogo é hermenêutica, é leitura. Também no caso da Bíblia.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Johan Konings. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* “*A Teologia e a universidade devem voltar-se para os mais necessitados*”, publicada na IHU On-Line número 103, de 31-05-2004.

* “*A possibilidade da fé e da teologia, hoje*”, publicada na IHU On-Line número 114, de 06-09-2004.

* “*O Evangelho de João como o livro da identidade e coesão cristã*”, publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU de 03-05-2008.

ACESSE A REVISTA ELETRÔNICA DA
IHU ON-LINE
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 11-11-2008 a 14-11-2008.

“A nossa habilitação é apenas de um operador de máquina”

Entrevista com Ailton Brasiliense

Confira nas Notícias do Dia 11-11-2008

Para Ailton Brasiliense, diretor do Denatran, precisamos rever o nosso conceito de direção hoje, pois temos um conjunto de valores quando somos pedestres e mudamos completamente quando passamos a condutores.

“O sindicalista não precisa ser uma pessoa melhor, mas um patrão melhor”

Entrevista com Miriam Santini de Abreu

Confira nas Notícias do Dia 12-11-2008

A sindicalista discute a relação dos dirigentes sindicais com os funcionários e funcionárias das entidades de classe.

“Os impactos da crise financeira na América Latina”

Entrevista com Bernardo Sorj

Confira nas Notícias do Dia 13-11-2008

“Viveremos, no ano que vem, uma crise importante na América Latina em geral, em particular nos países que têm um ingresso dependente fundamentalmente da exportação de matérias-primas”, afirma o sociólogo.

A cara do Brasil: um olhar da biogeografia e da geologia do país

Entrevista com Claudio Carvalho e Cássio Roberto da Silva

Confira nas Notícias do Dia 14-11-2008

Os professores entrevistados hoje apresentam uma reflexão acerca da biogeografia e da geologia brasileira para podermos pensar em questões como o meio ambiente do país e a exploração do pré-sal.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, em 12-11-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

| Dia 18-11-2008 |
|---|
| <p><i>Sala de Leitura</i> “Dicionário Paulo Freire: conversa com autores” Autores falam sobre verbetes de sua autoria. Organizadores: Prof. Dr. Danilo Romeu Streck Prof. Dr. Euclides Redin Prof. Dr. Jaime José Zitkoski Horário: 18h às 19h30 Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU</p> |
| Dia 20-11-2008 |
| <p><i>IHU Idéias</i> Educação Cooperativista Solidária? Perspectivas e Limites MS Carlos Daniel Baioto – Mestre em Ciências Sociais / Integrante do Instituto Palavração Horário: 17h30 às 19h Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU</p> |
| Dia 24-11-2008 |
| <p><i>Encontros de Ética</i> Educação em Direitos Humanos através da Fotografia: um meio lúdico de consciência e transformação social Palestrante: Prof. Dr. Alfredo Santiago Culleton (Unisinos); Luciana Araújo de Paula e Pauline Françoise Bernard) Horário: 17h30 às 19h Local: Sala 1G 119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU</p> |

PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dicionário Paulo Freire: mais do que instrumento para facilitar a busca de informações

Para Danilo Streck, pensa-se em ajudar os autores a encontrar referências na obra de Freire e em outras obras para fazer seus próprios caminhos na reflexão sobre a educação

POR BRUNA QUADROS E PATRICIA FACHIN

No dia 18 de novembro, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promove o lançamento do livro *Dicionário Paulo Freire* (São Paulo: Autêntica, 2008), com uma conversa entre os autores que o organizaram: Euclides Redin, Jaime José e Danilo Streck. Este concedeu uma entrevista para a revista *IHU On-Line* sobre o tema, destacando que o livro precisa ser visto como parte de uma corrente de pensamento e de práticas que acreditam que uma outra educação, para outro mundo, é possível. Para Streck, o dicionário é apenas uma ferramenta e não peça-chave para a compreensão acerca dos processos de ensino. “É evidente que novos tempos colocam novos desafios e seria absurdo imaginar que podemos entender os problemas da educação atual lendo apenas Paulo Freire.”

Streck é mestre em Educação Teológica, pelo Princeton Theological Seminary. É doutor em Fundamentos Filosóficos da Educação, pela Universidade do Estado de Nova Jersey (EUA), com a tese *John Dewey and Paulo Freire view of the educational function of education, with special emphasis on the problem of method* (A visão de John Dewey e Paulo Freire da função educacional da educação, com ênfase especial no problema do método). No momento, está desenvolvendo o projeto de pesquisa Processos participativos emancipatórios na América Latina como mediação pedagógica para a constituição do público e é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos.

De sua extensa produção intelectual, destacamos as seguintes obras: *Rousseau e educação* (Belo Horizonte: Autêntica, 2004), *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar* (Petrópolis: Vozes, 2005) e *Erziehung für einen neuen Gesellschaftsvertrag* (Siegen: Athena, 2006). É um dos organizadores de *Pesquisa participante: a partilha do saber* (Aparecida: Idéias & Letras, 2006).

IHU On-Line - Qual o interesse e a relevância de publicar o Dicionário Paulo Freire¹, onze anos após sua morte?

¹ Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, do dia 30-09-2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A*

Danilo Streck - A partir dos muitos trabalhos em torno da obra de Paulo Freire, havia a sensação de que era chegado o tempo de organizar um livro que desse uma visão de conjunto da sua obra. A idéia surgiu no contexto

pedagogia do oprimido, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27-09-2004. Confira, ainda, a edição 223, de 11-06-2007, intitulada *Paulo Freire. Pedagogo da esperança*. (Nota da IHU On-Line)

dos fóruns “Leituras de Paulo Freire” que realizamos anualmente, sempre em uma universidade diferente. Por coincidência, o livro foi lançado na décima edição do Fórum, na Unisinos, onde o mesmo havia iniciado há dez anos. Outra coincidência em termos de datas são os 40 anos da *Pedagogia do oprimido*, um fato pouco lembrado nas lembranças de 1968.

IHU On-Line - Como o *Dicionário Paulo Freire* apresenta o pensamento freireano?

Danilo Streck - Cada autor teve autonomia para enfocar o tema a partir de sua própria leitura. Seria incoerente fazer uma obra coletiva sobre Paulo Freire, que tem a autonomia como um de seus temas centrais, dizendo aos autores como deveriam apresentar o pensamento de Paulo Freire. Há, por isso, perspectivas distintas e que se completam. O que foi solicitado é que cada autor situasse o verbete na obra de Paulo Freire e também procurasse refletir sobre o contexto teórico mais amplo no qual se situa esta palavra ou expressão. Além, claro, de orientações quanto ao tamanho e de formatação.

IHU On-Line - De que maneira a obra nos ajuda a compreender e pensar a Educação, hoje?

Danilo Streck - Dicionários são instrumentos para facilitar a busca de informações, para tirar dúvidas ou para confirmar determinadas idéias. De certa forma, o livro representa uma espécie de síntese do pensamento de Paulo Freire, composta de muitas perspectivas. Pensa-se em ajudar os autores a encontrar referências na obra de Freire e em outras obras para fazer seus próprios caminhos na reflexão sobre a educação.

IHU On-Line - Em que medida o dicionário auxiliará os educadores a reinventarem a práxis educativa?

Danilo Streck - O livro precisa ser visto como parte de uma corrente de pensamento e de práticas que acreditam que uma outra educação, para outro mundo, é possível. É uma contribuição modesta diante do grande trabalho que temos pela frente e também no contexto de muitas iniciativas que existem. De acordo com depoimentos que temos sobre o dicionário, ele está cumprindo o papel de facilitar esclarecimentos sobre temas e estabelecer relações entre conceitos, com isso possibilitando a mais pessoas repensarem a sua prática com um conjunto de instrumentos teóricos reunidos em um mesmo livro.

IHU On-Line - Qual a importância de reler e reescrever sobre Paulo Freire? Sua luta por uma educação humanizadora ainda é relevante para pensar a escola, nos dias atuais?

Danilo Streck - Não sei se entendi o “ainda” da pergunta. Enquanto existirmos como gente, a grande tarefa que temos é compreender-nos como pessoas e povos que habitam a mesma casa e compartilham um destino comum. É evidente que novos tempos colocam novos desafios e seria absurdo imaginar que podemos entender os problemas da educação atual lendo apenas Paulo Freire. É a própria prática que nos estimula a buscar novas referências a partir das limitações que sentimos. Freire diz que foi o contato com as favelas do Recife, para onde havia ido por certa “camaradagem com Cristo”, que o fez ler Marx² e outros autores para poder entender a realidade destes favelados. Este mesmo desafio de buscar informações e explicações sobre o mundo em que vivemos se coloca para cada um de nós quando buscamos compreender a nossa prática e a nossa vida, individual e coletiva. Nesse sentido, espero que o dicionário sirva para ir além de Paulo Freire.

IHU On-Line - Como foi feita a seleção dos 200 verbetes e a escolha dos 75 participantes?

Danilo Streck - Foi um processo longo. Buscou-se ver a ocorrência do termo na própria obra de Freire, assim como a relevância para a compreensão de seu pensamento. Uma primeira lista foi circulada entre os autores convidados, que propuseram acréscimos ou alterações. Quanto

² Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra “A Utopia de um novo paradigma para a economia” foi proferida pela Profa. Dra. Leda Maria Paulani, em 23-06-2005. O número 41 dos Cadernos IHU Idéias teve como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, com artigo da mesma professora. (Nota da IHU On-Line)

aos autores, há uma mescla de colegas que participam regularmente do Fórum que mencionei acima e de estudiosos da obra de Paulo Freire no país e no exterior. Temos consciência de que há muitas outras pessoas competentes sobre a obra de Paulo Freire e que poderiam ser feitos muitos outros dicionários. Pensamos, para o próximo ano, fazer uma revisão maior do livro, incluindo novos verbetes que estão sendo sugeridos e também outros autores, buscando qualificar ainda mais o trabalho.

IHU On-Line - Como os 200 verbetes escolhidos para a composição da obra revelam o caráter transformador da pedagogia freireana?

Danilo Streck - Em certo sentido, o fato de nos encontrarmos com um mesmo propósito já parece ser um sinal do caráter dialógico e transformador da obra freireana. Vejo a obra de Freire como uma grande plataforma onde há muito espaço a construção conjunta de alternativas. A dificuldade de enquadrá-lo em uma escola de pensamento é uma virtude que desafia a sair da própria casa, cruzar fronteiras e encontrar o outro. Parece que é isso que cada um dos 75 autores fez quando se dispôs a colaborar neste trabalho.

LEIA MAIS...

Euclides Redin é graduado em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Viçosa (RS), especialista em Orientação Educacional e mestre em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, pela Universidade de São Paulo (USP). Redin participou da edição número 281 da revista *IHU On-Line*, intitulada *Os desafios da escola hoje. 50 anos do curso de Pedagogia da Unisinos*, com a entrevista “*O pedagogo. Amigo da criança e intelectual crítico*”.

Jaime José Zitkoski é doutor em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e professor na mesma instituição. É o autor dos *Cadernos IHU* número 21, intitulado *Educação popular e pós-modernidade: um olhar em tempos de incerteza*. Confira nas *Notícias do Dia*, publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, uma análise de Zitkoski sobre *O sonho vislumbrado da educação popular*. O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu.

Perspectivas e limites de uma Educação Cooperativista Solidária

Tema será discutido durante a próxima edição do evento IHU Idéias, no dia 20 de novembro

POR BRUNA QUADROS

“**A**credito que a denominada educação formal, direcionada ao emprego e ao vestibular já esta saturada. Sendo assim, abre-se espaço para novas formas de pensar uma educação que se proponha a ser cidadã.” Esta nova proposta, apontada pelo professor Carlos Daniel Baioto, mestre em Ciências Sociais, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e integrante do Instituto PalavrAção, é a Educação Cooperativista Solidária. O tema, que será debatido por ele durante o evento **IHU Idéias**, foi antecipado, em uma entrevista concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, na última semana. Segundo Baioto, os meios de comunicação tentam desenvolver um trabalho que proponha um elo entre a solidariedade e a cooperação. No entanto, não é o suficiente para que haja, de forma efetiva, uma educação para uma nova forma de trabalho em sociedade. “Os canais para efetivar esta mediação passam primeiro pela formação do professor, pelos projetos educacionais das secretarias de educação, para poderem alcançar a escola, a sala de aula e o cotidiano do jovem.” Na visão de Baioto, há um desperdício das potencialidades do meio escolar para se efetivar uma educação cooperativa e solidária adequada às necessidades da sociedade contemporânea.

A entrevista a seguir foi elaborada em parceria com o programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários, desenvolvido junto ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

IHU On-Line - A partir dos paradigmas em que se acha imerso o mundo contemporâneo, alicerçado basicamente em um sistema de produção capitalista, como o senhor percebe a viabilização um processo educacional cooperativista solidário, fundamental na consecução democrática dos objetivos dos associados, e do alinhamento e atualização da entidade no contexto macro do cooperativismo contemporâneo?

Carlos Daniel Baioto - O processo paradigmático contemporâneo transpassa o modo de produção desenvolvendo-se nas mais diversas instâncias da vida em sociedade. Neste sentido, quando as metas narrativas e as fórmulas desenvolvimentistas características da racionalidade modernista são questionadas, abrem-se canais de visibilidade e credibilidade a outras formas de perceber a vida em socie-

dade. Acredito que hoje a proposta de educação cooperativa representa uma forma mais adequada para responder as demandas desta sociedade, que se vê aberta a novas formas de organização. No entanto, há necessidade de se mensurar os resultados desta formação, junto ao corpo social da cooperativa, para pensarmos um alinhamento da proposta cooperativa com seu contexto. Faz-se urgente repensar o sentido da cooperativa, resgatar valores e significados, tanto para os trabalhadores associados como para o desenvolvimento local sustentável na comunidade em que se insere. O questionamento emergente é como os cursos de formação cooperativista estão trabalhando ou avaliando a dimensão social desta formação.

IHU On-Line - Percebe-se que existe uma tendência a antagonizar a prá-

tica com a teoria, ou seja, quando uma é vista como prioridade, a outra é relegada a um segundo plano. Dessa forma, se está considerando que uma é mais importante que a outra. Como se poderia pensar a educação cooperativa solidária de modo a que estas duas perspectivas não adquiram este status diferenciado?

Carlos Daniel Baioto - Acredito que o antagonismo teoria e prática, na estrutura cooperativista, esteja associado aos sentidos que são dados a um paradoxo implícito na proposta. Sendo a proposta cooperativista representada por uma dupla função aos associados, ao mesmo tempo em caráter social e econômico, a forma como estes cooperados percebem ou tem por representação vai delimitar a prática desta junto à cooperativa. Em outras palavras, vai depender de como estes sujeitos se entendem em sociedade,

quais os sentidos que construíram em suas trajetórias de vida do que vem a ser responsabilidade social. De outro lado, o fator econômico também passa por sentidos de representação, por exemplo: como é trabalhado com o cooperado o sentido de gestão cooperativa, gestão democrática, compartilhada, planejamento estratégico de impacto socioeconômico, questões como gestão dos resíduos da produção, inter-cooperação sentidos de eficiência e eficácia e tantas outras questões relacionadas a uma gestão cooperativa de um de um empreendimento que se propõe a ser cooperativa. Nesta instância é que entra a educação cooperativa solidária como ferramenta para trabalhar sentidos de representação e prática junto ao corpo social do empreendimento.

IHU On-Line - No campo educacional, que caminhos podem ser apontados para os jovens brasileiros para a manutenção dos valores e princípios orientadores do cooperativismo, com base na solidariedade?

Carlos Daniel Baioto - Acredito que a denominada educação formal, direcionada ao emprego e ao vestibular já esta saturada. Sendo assim, abre-se espaço para novas formas de pensar uma educação que se proponha a ser cidadã. As possibilidades de se trabalhar educação cooperativa e solidária junto a jovens necessitam ser pensadas e trabalhadas na formação dos professores. A possibilidade de contemplar questões relacionadas a práticas de vida em sociedade mais sustentáveis, voltadas à proposta de cooperação e solidariedade, vai de encontro à proposta conteudista das salas de aula lotadas, de escolas violentas e do isolamento da escola do local onde esta inserida. Encontram-se várias experiências de escolas onde o convívio com a sociedade local tem demonstrado resultados positivos na redução da violência escolar e na comunidade. Experiências de professores que transformam seus conteúdos em momentos lúdicos de pensar intervenção no meio e na vida dos alunos e família. Mas estas iniciativas são isoladas e vão alm da formação acadêmica. Acredito que formação cooperativa e solidária

para poder gerar efeitos consistentes os jovens passa por repensar este tipo de formação nos bancos acadêmicos, e repensar de forma urgente o que se entende por escola.

IHU On-Line - De que forma os instrumentos de comunicação podem servir como mediação pedagógica para a efetiva educação cooperativa solidária?

Carlos Daniel Baioto - Existem vários instrumentos de comunicação tanto na programação da TV como em revistas das mais diversas áreas, programas e artigos, que trabalham questões de forma criativa, sobre desenvolvimento local a partir da cooperação e solidariedade. São vários os exemplos da movimentação e o interesse de profissionais da comunicação, sobre estes temas, mas estes continuam distantes do cotidiano da vida escolar, como forma de mediação pedagógica. A revista *Escola* de setembro traz uma pesquisa apontando pontos críticos na formação acadêmica dos professores e destaca que há lacunas na compreensão do “que” e do “como” ensinar o que limita a efetividade da ação deste profissional no campo de trabalho. Além disso, é mencionado um distanciamento da prática acadêmica da realidade escolar. Sendo assim, mesmo que os meios de comunicação desenvolvam programas relacionados à solidariedade e à cooperação, os canais para efetivar esta mediação passam primeiro pela formação do professor, pelos projetos educacionais das secretarias de educação, para poderem alcançar a escola, a sala de aula e o cotidiano do jovem. Acredito que haja um desperdício das potencialidades do meio escolar para se efetivar uma educação cooperativa e solidária adequada às necessidades da sociedade contemporânea.

IHU On-Line - Através das suas percepções nas ações cotidianas do Instituto PalavrAção, como seria possível potencializar a inserção das pessoas nas cooperativas, através do auto-reconhecimento de seu papel, não apenas como sócio, mas como dono de um empreendimento que tem uma perspectiva social intrínseca, muito

além da econômica e financeira?

Carlos Daniel Baioto - Quando os pioneiros do cooperativismo se fizeram esta mesma pergunta, a conclusão deles foi que a educação seria o canal a ferramenta desta transformação. Mas eles já identificaram que teria que ser uma educação diferenciada, não uma educação bancária que só reproduz conhecimento de forma desconectada de sua realidade. Para os primeiros que pensaram uma educação cooperativa solidária, esta teria por princípio um processo endógeno, voltado a uma perspectiva sobre o desenvolvimento humano e local, uma educação voltada aos trabalhadores jovens e adultos. Por isto, o desenvolvimento de uma educação voltada a este fim necessitava ter suas especificidades. A partir de então, surge a base do que entendemos por Educação Cooperativa Solidária.

Instituto PalavrAção

A prática e o sentido de ser do Instituto PalavrAção estão diretamente relacionados a esta perspectiva. Dedicamos-nos à pesquisa e à formação de trabalhadores agentes públicos e privados, além da formação de jovens. Acreditamos no trabalho em forma de redes de cooperação, com forma de potencializar conhecimentos e desenvolvimento sustentável. Por atuarmos com pesquisa e formação, trabalharíamos com ferramentas de várias áreas do conhecimento e, assim, aprenderíamos que, quando se fala em educação como forma de desenvolvimento humano, social e econômico, se faz necessário trabalharmos com ferramentas de mensuração de resultados. Para este fim, existem indicadores, tanto na área da educação específica voltada a jovens adultos e trabalhadores, com conhecimentos na administração. Na prática, desenvolvemos ações de formação de professores e de trabalhadores em empreendimentos solidários. Trabalhamos com seminários e consultoria em parceria com o poder público e privado em projetos de desenvolvimento local sustentável, que vão desde hortas comunitárias até inclusão pelo esporte, projetos de incubadoras sociais e organização de cooperativas.

Educação em Direitos Humanos através da fotografia: um meio lúdico de consciência e transformação social

Integrantes do Núcleo de Direitos Humanos da Unisinos se reúnem para discutir o assunto em mais uma edição dos Encontros de Ética

POR BRUNA QUADROS

“**A** fotografia é um conjunto de olhares sobre o mundo, sendo um estímulo à conscientização do sujeito sobre a sua interferência pessoal na tentativa de transformação social do ambiente em que vive.” A afirmação é de Luciana Araújo de Paula, estudante do curso de Direito na Unisinos e bolsista do Núcleo de Direitos Humanos, recentemente criado na universidade. Em entrevista à revista **IHU On-Line**, sobre a educação em Direitos Humanos, ela comentou como foi realizar o projeto “Olha Só!”, que oportunizou jovens moradores de periferias a retratarem a sua própria realidade através das lentes de uma câmera fotográfica. Para ela, este equipamento se torna o passaporte para a visibilidade social dos nossos jovens da periferia e uma ferramenta que funciona como “um espelho e como uma janela”. O homem e seu universo são a fonte de inspiração dessa “fotografia documental da periferia”. Esta, segundo Luciana, busca representar a realidade a partir de imagens tiradas do cotidiano dessas pessoas por elas mesmas, do meio social onde estão imersos e, principalmente, para mostrar o lado humano da periferia, para romper com esses preconceitos criados e cultivados pela mídia.

A próxima exposição aberta do “Olha Só!” será realizada de 8 a 12 de dezembro, no saguão do Centro das Ciências Humanas da Unisinos. O evento tem o apoio do Núcleo de Direitos Humanos.

IHU On-Line - Como é o trabalho desenvolvido sobre Educação em Direitos Humanos? O que a motivou a integrar esta iniciativa e há quanto tempo ela existe na universidade?

Luciana Araújo de Paula - O trabalho é desenvolvido na tentativa de inter-relacionar a Educação em Direitos Humanos e a Arte Fotográfica de teor Documental/social, na busca da consciência e da transformação social das crianças moradoras das periferias que visitamos e que participam do projeto “Olha Só!”. Acreditamos que tanto a fotografia social quanto os direitos humanos possuem instrumentos de transformação social e possuem esse desejo de intervir na realidade. Se esse desejo é real, como tal deve ser levado a sério, principalmente quando na base deste desejo está uma ação cujos

pressupostos éticos buscam modificar uma realidade social que se caracteriza pela exclusão, pela negação do diferente, pela não-tolerância e pela não-pluralidade. A nossa motivação vem de uma necessidade de ir contra toda essa passividade que alimenta nossa sociedade frente às desigualdades sociais. Esse projeto é a pequena contribuição que hoje podemos ajudar na busca de uma realidade mais humana, mais igual. O projeto “Olha Só!” foi incluído como atividade de extensão no recém-instituído Núcleo de Direitos Humanos da Unisinos, desde o início de 2008.

IHU On-Line - Quais as periferias visitadas para realizar o projeto e quais os resultados obtidos no mesmo? Háverá uma mostra fotográfica? O que

mais impressionou ao conhecer os locais visitados?

Luciana Araújo de Paula - Desde agosto de 2007, percorremos comunidades carentes não só de Porto Alegre, mas também da região metropolitana. Nossa primeira experiência, desenvolvendo o “Olha Só!” foi realizada em um centro de referência para Crianças e Adolescentes em situação de vulnerabilidade social na cidade de Canoas (RS). A maior parte das crianças desse centro vive na comunidade de Guajuviras, uma das periferias mais pobres e violentas da região metropolitana. A segunda experiência se realizou em Porto Alegre, na sede da ONG Avesol, para as crianças das comunidades de Farrapos, Areia e Dique. Os resultados dessas primeiras oficinas que duraram no total 5 meses foram muito

bons e nos renderam um convite para expor as fotos das crianças na galeria Mario Quintana do Trensurb. No início de 2008, o projeto “Olha Só!” foi selecionado para desenvolver oficinas, em parceria com o Projeto “Descentralização da Cultura” pela Prefeitura de Porto Alegre na comunidade da Restinga. As oficinas começaram em abril e se estenderam até o mês de novembro, nos rendendo convites em diferentes lugares da cidade para expor as fotos dos alunos. O que mais nos impressiona nessas comunidades não é simplesmente a miserabilidade e a violência já lugares-comuns e, muitas vezes, preconceitos direcionados às periferias, mas, sim, a vontade de transformação que muitos dos habitantes têm e o que falta no nosso “mundo do asfalto”: o senso de solidariedade e de “comunidade” que presenciamos. A pobreza e a violência estão presentes na periferia. Isto é fato, mas a indiferença, que é o vício mais perigoso da nossa sociedade e que se volta diariamente contra ela própria, nós não encontramos lá.

IHU On-Line - De que maneira a fotografia nos ajuda a compreender o que são, para que servem e a que parcela da sociedade atendem, de fato, os Direitos Humanos?

Luciana Araújo de Paula - Uma das questões fundamentais diz respeito à relação existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio (a fotografia). Trata-se da questão dos modos de representação do real: a fotografia, pelo menos aos olhos do senso comum, não pode mentir. Nela, a vontade de “ver para crer” é satisfeita. A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta e comunica de maneira dura ou não, aquilo que mostra. Nesse contexto da fotografia como testemunho fiel de uma realidade, quem poderia ser o sujeito em processo na periferia senão seus próprios moradores. Sabemos que são eles quem podem nos testemunhar fielmente através das fotos as violações recorrentes dos Direitos Humanos e o abandono do poder Estatal. E, aos olhos de uma criança, isso tem um peso diferente, pois, ao

“A indiferença gera adolescentes ‘socialmente invisíveis’ nas periferias, que revoltados acabam ou tornando-se adultos totalmente passivos em relação a sua situação, ou jovens violentos”

mesmo tempo em que suas imagens chocam, pois afinal são crianças testemunhando o descaso, elas também se sentem protagonistas da possibilidade de transformação daquela realidade retratada. É um construir, um transformar, caminhando, retratando, documentando.

IHU On-Line - Qual o êxito de inter-relacionar Educação, Direitos Humanos e Fotografia, na tentativa de compreender os processos sociais de uma periferia?

Luciana Araújo de Paula - A fotografia contribui para que essas crianças dêem um primeiro passo em direção à transformação social, pois a câmera capta o que seus olhos escolheram para mostrar, estimulando a consciência crítica da realidade retratada, buscando a transformação da sua própria condição de vida sob o ângulo da dignidade da pessoa humana. Os alunos, baseados nos princípios básicos de direitos humanos, terão por objetivo comunicar, estabelecer nas imagens códigos para percepção do social, do que querem transformar de maneira universal. Através desta fundamentação, acreditamos que a arte fotográfica é um meio bastante lúdico para a educação em direitos humanos de crianças e adolescentes, futuros cidadãos ativos. Primeiramente, porque a imagem tem o poder de infundir e implementar a consciência de que a pessoa humana é o primeiro dos valores, decorrendo o compromisso de respeito a dignidade

dos seres humanos e aos valores fundamentais que são de toda a humanidade

IHU On-Line - Por que a fotografia é considerada um caminho para despertar uma reflexão de fundo acerca dos Direitos Humanos? Que outros elementos poderiam ser usados, além das imagens?

Luciana Araújo de Paula - A fotografia é um conjunto de olhares sobre o mundo, sendo um estímulo à conscientização do sujeito sobre a sua interferência pessoal na tentativa de transformação social do ambiente em que vive. O projeto “Olha Só!” focaliza sua pesquisa nas crianças com a faixa etária de 11 a 16 anos. Nessa idade, esses pré-adolescentes estão passando por um processo de construção da identidade, onde, normalmente, estão mais vulneráveis e necessitam do “olhar aprovador” tanto dos familiares quanto da sociedade; entretanto, no caso da periferia, esse olhar quase sempre é nulo ou carregado de preconceitos. A indiferença gera adolescentes “socialmente invisíveis” nas periferias, que, revoltados, acabam ou tornando-se adultos totalmente passivos em relação a sua situação, ou jovens violentos. Proporcionar uma câmara para essas crianças, equivale a dar-lhes a possibilidade de contar uma história, a história da sua comunidade, sua história pessoal. O adolescente passa a ganhar protagonismo sob o olhar de sua periferia e também da sociedade em geral. Partindo dessa constatação, a câmara fotográfica se torna o passaporte para a visibilidade social dos nossos jovens da periferia e uma ferramenta que funciona como “um espelho e como uma janela”. A fotografia que o aluno tem em mãos equivale a um espelho no qual se reflete sua própria imagem como morador de uma comunidade pobre; o aluno fotógrafo que enquadra uma realidade, que pensa e tira uma foto, nos diz coisas sobre si mesmo e sobre como ele vê o seu próprio meio. Da mesma maneira, ao fotografar as diferentes facetas da sua comunidade, o aluno abre uma janela sobre o seu mundo que nós, espectadores, na maioria das vezes não queremos enxergar.